

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

Priscila do Nascimento Pereira

EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM NO BRASIL:
ideologia em produções científicas

Rio de Janeiro

2021

Priscila do Nascimento Pereira

**EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM NO BRASIL:
ideologia em produções científicas**

Dissertação apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Profissional em Saúde.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Carla Macedo
Martins

Rio de Janeiro

2021

Catálogo na Fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Biblioteca Emília Bustamante

Marluce Antelo CRB-7 5234

Renata Azeredo CRB-7 5207

P436e Pereira, Priscila do Nascimento
 Empreendedorismo em enfermagem no Brasil:
 ideologia em produções científicas / Priscila do
 Nascimento Pereira. - Rio de Janeiro, 2021.
 115 f.

 Orientadora: Carla Macedo Martins

 Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo
 Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim
 Venâncio, Programa de Pós-graduação em Educação
 Profissional em Saúde, 2021.

 1. Enfermagem. 2. Empreendedorismo.
 3. Pessoal da Saúde. I. Martins, Carla Macedo.
 II. Título.

CDD 610.73

Priscila do Nascimento Pereira

EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM NO BRASIL:
ideologia em produções científicas

Dissertação apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Profissional em Saúde.

Aprovado em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Carla Macedo Martins – FIOCRUZ/EPSJV - Orientadora

Prof^a Dra Mônica Vieira – FIOCRUZ/EPSJV - Titular

Prof Dr José dos Santos Rodrigues – UFF – Titular

Prof^a Dra Kenia Aparecida Miranda – UFF - Suplente

Prof Dr. Marco Antônio Carvalho Santos – FIOCRUZ/EPSJV - Suplente

AGRADECIMENTOS

Diante de uma jornada tão rica, onde as dificuldades, que não foram poucas, sobretudo neste momento de pandemia de covid-19, se ressignificaram em grandes ensinamentos e aprendizagem, sou imensamente grata a Deus, que me sustentou, guiou e permitiu que até aqui chegasse. Não haveria possibilidades de chegar até esse momento sem Seu auxílio tão presente e real.

Sou grata também aos meus pais, *in memoriam*, Adão e Jorgiane, que foram meus pilares. Me conduziram e incansavelmente lutaram para que eu obtivesse as conquistas que hoje alcancei. Mesmo na ausência, o legado que deixaram se faz perceptível em minha trajetória.

Agradeço à minha orientadora Dra Carla Macedo Martins, por todo ensinamento, empatia, paciência e sabedoria na condução desse processo, orientando com maestria e singularidade, mesmo nos momentos mais difíceis.

Gratidão à tão especial turma de mestrado 2019, que simboliza, para mim, companheirismo e parceria. Tudo se fez mais leve por estarmos juntos.

A todos os queridos professores que compartilharam tanto, com tamanha excelência, muito obrigada.

Grata também a meu irmão Rodrigo, minha cunhada Carolina e a todos os familiares, que foram meu apoio e suporte tão preciosos em todo tempo.

Agradeço aos amigos, que entenderam as minhas ausências e foram verdadeiros auxiliares em diversos momentos, em especial Clarice e Valéria, que acompanharam meu percurso ao longo do mestrado.

Certamente, existem pessoas não mencionadas nominalmente neste texto, mas deixo minha gratidão a cada um que de alguma forma se fez presente com uma palavra, um gesto de carinho ou uma ajuda no momento certo.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção científica brasileira sobre empreendedorismo em enfermagem, dos anos de 2008 a 2020, à luz da categoria ideologia. Para tal, levantou artigos, editoriais, teses e dissertações encontradas nas bases de dados SCIELO, LILACS, BVS e Banco de Teses e Dissertações da CAPES no período referido. Tais produções foram organizadas através da análise de conteúdo, como ponto de partida para descrever os ocultamentos operados pela ideologia, aplicando as características ideológicas propostas por Eagleton (2019). A dissertação se estruturou em três capítulos. O primeiro abordou discussão sobre empreendedorismo, vinculando-o ao neoliberalismo, bem como caracterizou o empreendedorismo no contexto brasileiro, relacionando-o com a formação humana, precarização do trabalho e a uberização, sobretudo no campo da enfermagem. O segundo capítulo apresentou a ideologia no materialismo histórico-dialético e a crítica a ela proposta por esta perspectiva, assim como suas definições, características e relação com a ciência. O terceiro capítulo procedeu à análise dos textos científicos. A pesquisa concluiu que o empreendedorismo nos textos acadêmicos-científicos configura uma ideologia e, como tal, encobre a existência da desigualdade de classes no capitalismo, da exploração do trabalho e da reprodução do capital, *naturalizando e legitimando* o desemprego estrutural e a precarização do trabalho, inclusive o de enfermagem; *unificando* os interesses antagônicos da classe trabalhadora e da classe burguesa; *universalizando* a figura do indivíduo empreendedor; *racionalizando* motivos para empreender em enfermagem; e, *orientando* a classe trabalhadora, no caso, o profissional de enfermagem, a formas de ser e agir em conformidade com o capital.

Palavras-chave: Enfermagem. Empreendedorismo. Ideologia.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the Brazilian scientific production on entrepreneurship in nursing from 2008 to 2020 in the light of the ideology category. To this end, it collected the scientific productions found in the SCIELO, LILACS, BVS and CAPES Theses and Dissertations databases referring to the period. Such productions were organized through content analysis, to describe the concealments operated by ideology, applying the ideological characteristics proposed by Eagleton (2019). The dissertation is divided into three chapters. The first addressed a discussion on entrepreneurship, linking it to neoliberalism, as well as characterizing entrepreneurship in the Brazilian context, relating it to human education, the precariousness of work and uberization, especially in the field of nursing. The second chapter presented the ideology in historical-dialectical materialism and the critique proposed by this perspective, as well as its definitions, characteristics and relationship with science. The third proceeded with the analysis of scientific texts. The research concluded that entrepreneurship in academic-scientific texts configures an ideology and, as such, covers the existence of class inequality in capitalism, the exploitation of labor and the reproduction of capital, naturalizing and legitimizing structural unemployment and the precariousness of work, including nursing; unifying the antagonistic interests of the working class and the bourgeois class; universalizing the figure of the entrepreneurial individual; rationalizing reasons to undertake in nursing; and, guiding the working class, in this case, the nursing professional, to ways of being and acting in accordance with capital.

Keywords: Nursing. Entrepreneurship. Ideology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por base de dados.....	45
Tabela 2	Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por gênero textual.....	45
Tabela 3	Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por ano.....	48
Tabela 4	Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por periódico e instituição responsável.....	49
Tabela 5	Formação do autor principal das produções sobre empreendedorismo em enfermagem.....	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Publicações por título, gênero do texto, ano de publicação, periódico ou instituição responsável pela publicação, autor principal e formação do autor principal.....46

LISTA DE SIGLAS

ABEN	Associação Brasileira de Enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEI	Microempreendedor Individual
OSICIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OSS	Organizações Sociais de Saúde
PBE	Programa Brasil Empreendedor
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SUS	Sistema Único de Saúde
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	-
EMPREENDEDORISMO.....	17
1.1 EMPREENDEDORISMO E NEOLIBERALISMO.....	17
1.2 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL.....	20
1.3 EMPREENDEDORISMO E FORMAÇÃO HUMANA.....	23
1.4 EMPREENDEDORISMO, PRECARIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO NA ÁREA DE ENFERMAGEM.....	25
CAPÍTULO 2 - IDEOLOGIA.....	31
2.1 IDEOLOGIA NO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO.....	31
2.2 DEFINIÇÕES DE IDEOLOGIA.....	34
2.3 CARACTERÍSTICAS DA IDEOLOGIA.....	36
2.4 CRÍTICA DA IDEOLOGIA.....	37
2.5 IDEOLOGIA E CIÊNCIA.....	38
CAPÍTULO 3 - EMPREENDEDORISMO EM TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS DA ÁREA DE ENFERMAGEM.....	43
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	43
3.2 ANÁLISE DA IDEOLOGIA NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA SOBRE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM.....	50
3.2.1 Dimensão 1 – Definições de empreendedorismo.....	51
3.2.1.1 <i>Risco</i>	51
3.2.1.2 <i>Inovação</i>	53

3.2.1.3	<i>Produção</i>	<i>de</i>	
<i>riquezas</i>			56
3.2.1.4	<i>Aproveitamento</i>	<i>de</i>	
<i>oportunidades</i>			57
3.2.2	Dimensão 2 – Empreendedorismo e trabalho em enfermagem		59
3.2.2.1	<i>Configuração do trabalho em saúde</i>		59
3.2.2.2	<i>Razão para empreender</i>		61
3.2.2.3	<i>Atividades de empreendedorismo em enfermagem</i>		65
3.2.3	Dimensão 3 – Empreendedorismo e concepções de educação e formação em enfermagem		66
3.2.3.1	<i>Aspectos relacionados às instituições de ensino</i>		66
3.2.3.2	<i>Aspectos relacionados aos educandos</i>		68
3.2.3.3	<i>Aspectos relacionados aos educadores/professores</i>		71
CONSIDERAÇÕES FINAIS			74
REFERÊNCIAS			78
APÊNDICE – GRADE DE ANÁLISE			86

INTRODUÇÃO

Vivemos uma era de transformações nefastas e dramáticas para a classe trabalhadora. O trabalho formal vem sendo substituído por diversas modalidades de informalidade e precarização. Em um quadro tendencial de precarização estrutural do trabalho, os capitais globais têm exigido também o desmonte da legislação social protetora do trabalhador e da trabalhadora. Neste sentido, flexibilizar tal legislação tem o significado de aumento dos mecanismos de extração de sobretrabalho, ampliação das formas de precarização e destruição dos direitos sociais conquistados pelos trabalhadores (ANTUNES, 2011).

Neste cenário atual de precarização e flexibilização das relações de trabalho e alto índice de informalidade, se encontra o empreendedorismo, o qual também é, portanto, reflexo da diminuição de postos de trabalho, da redução de direitos, da desregulamentação do trabalho e da contrarreforma trabalhista¹.

De acordo com Antunes (2014), estamos vivenciando a erosão do trabalho contratado e regulamentado e vendo sua substituição pelas formas de cooperativismo, trabalho voluntário e empreendedorismo, configurando-se este, cada vez mais, como forma oculta de trabalho assalariado e permitindo a proliferação de flexibilização de salário, de horário, de função ou de organização.

Oliveira, Castro e Santos (2017) apontam que a reestruturação produtiva do capital, que se baseia na precarização do trabalho e na flexibilização do uso da força de trabalho, está ligada à ascensão da razão empreendedora como solução de problemas sociais. Desta forma, o desemprego é justificado como inerente ao capitalismo e como responsabilidade do trabalhador, isentando o Estado e o empregador, propagando a ideia que estimula o trabalhador a viver na ausência de proteção social, e convencendo-o de que é um empresário. Assim, o incentivo ao empreendedorismo se torna uma escolha política dentro de uma agenda econômica liberal hegemônica.

Quanto à ideologia do empreendedorismo, Alves (2007) afirma o seguinte:

A ideologia do auto-empreendedorismo é a solução fictícia à crise estrutural do mercado de trabalho capitalista. Nesta ótica ideológica, cada um deverá se sentir responsável por sua saúde, por sua mobilidade, por sua adaptação aos horários variáveis, pela atualização de seus conhecimentos. (ALVES, 2007, P. 170)

¹ Através da lei 13.467 de 13 de julho de 2017, que altera a Consolidação das Leis do Trabalho.

Desta forma, a ideologia neste universo de crise do capital oculta a realidade que leva o indivíduo a degradantes condições de trabalho, sendo a este trabalhador imputada a manutenção dos requisitos exigíveis à obtenção de renda e à reprodução da vida. Ou seja, o empreendedorismo traz à tona sofismas que escamoteiam a real ausência de oportunidades de trabalho e sua precarização.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a taxa de desocupação caiu de 12,0% para 11,8% na passagem do trimestre encerrado em junho para o terminado em setembro de 2019². Entretanto, a geração de postos de trabalho se explica por recordes em duas categorias ligadas à informalidade: aumento de 2,9% no emprego sem carteira no setor privado e de 1,2% de trabalhadores trabalhando por conta própria (SARAIVA, 2019). Tais dados expressam uma realidade que os críticos do empreendedorismo têm desvelado, quanto à lógica do capital, à face da precarização do trabalho e à ascensão da ideologia empreendedora.

No que tange à ideologia, Eagleton (2019, p. 22) destaca que o termo tem diversos significados, porém uma definição mais amplamente aceita seria a referência à legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante, que, para tal, promoveria crenças compatíveis com seus interesses, naturalizando-as, universalizando-as, e tornando-as óbvias e inevitáveis: em suma, obscurecendo a realidade social de modo a se favorecer e manter. Adotaremos este conceito como pilar para a discussão aqui empreendida.

Assim, a ideologia, terá como princípio o ocultamento da realidade, a fim de que os interesses ou intenções de determinada classe, a dominante, sejam satisfeitos. A ideologia, por exemplo, apaga que toda ideia tem um contexto histórico, que está consolidado em relações sociais.

Como outros conjuntos de trabalhadores, se insere, nesse contexto, o profissional de enfermagem (a saber, auxiliares e técnicos de enfermagem, bem como enfermeiros), que sofre as mesmas perversidades vivenciadas pelo restante da classe trabalhadora. Este profissional é altamente necessário ao processo de trabalho em equipes de saúde, bem como fundamental ao cuidado e à assistência a cada indivíduo. Tendo em vista tais aspectos, ele também pode ser, ou melhor, tem sido pressionado e impulsionado às práticas empreendedoras.

Como expressão de uma realidade no mundo do trabalho e sua precarização, o empreendedorismo também se faz presente no campo da enfermagem, sendo relevante

² Estes dados e conclusões, por óbvio, referem-se ao início do desenvolvimento da presente pesquisa e não contemplam o processo social trágico vivido a partir de 2020 em função da pandemia de covid-19, que, até o dia 03/09/2021, deixou 582.764 brasileiros mortos.

apontar o crescente direcionamento desses profissionais a essa vertente. Segundo afirma Polakiewicz *et. al.* (2013), o empreendedorismo é caracterizado como uma nova opção de carreira ao enfermeiro, tornando-o um profissional capacitado a vender seus serviços e a inovar sua ação em qualquer cenário de atuação, bem como é apresentado como uma chave para proporcionar a este profissional uma maneira de se reinventar em sua profissão, obtendo bons salários e satisfação

No que se relaciona à enfermagem, as atividades de empreendedorismo de negócios podem se configurar nas seguintes áreas e formas, dentre outras: *home care*, atendimento em eventos, assistência no aleitamento materno e no parto, cuidados com os recém-nascidos e idosos, assistência particular para crianças, atendimento corporativo, promoção de eventos educacionais em saúde, consultoria e treinamentos, vacinação, esterilização de material médico-hospitalar, transporte de pacientes, aluguel de equipamentos, comercialização de produtos hospitalares, consultórios e clínicas de enfermagem (NEVES, 2019). Podemos concluir, deste breve panorama, que não são poucos os campos que o empreendedorismo na área pretende abarcar.

Por ser enfermeira, atuante na área desde o ano de 2009, ouvia, durante minha formação, que, aos profissionais de enfermagem, não havia escassez de trabalho, sendo sempre acalentada, junto aos colegas de profissão, pela esperança e expectativa de lograr êxito na inserção no mercado de trabalho. Contudo, apesar de ter obtido oportunidades de exercer a profissão, pude perceber que estas afirmações, outrora tão presentes, não se traduziam como realidade para muitos profissionais com os quais tinha proximidade. Pude observar que muitos encontravam-se sem oportunidades de trabalho, mantendo-se por longo tempo em situação de desemprego. Ademais, dos que se encontravam empregados, segmento no qual me incluo no presente momento, muitos estavam em condições de trabalho extenuante, sob grande pressão e salários ínfimos. Neste contexto, pude observar que o empreendedorismo surgiu para muitos como uma possibilidade. Sem dúvidas, o contexto no qual convivo e convivi, e as pessoas com as quais me relacionei profissionalmente não podem ser utilizadas como generalização para toda uma classe profissional e menos ainda para a totalidade da classe trabalhadora, mas foram essas circunstâncias que me despertaram a reflexão acerca de tal quadro apresentado.

Observando e vivenciando todas as dificuldades da profissão, sobretudo com os dilemas colocados pelo empreendedorismo, tanto ao conjunto da classe trabalhadora, quanto aos profissionais de enfermagem especificamente, emerge, como objeto de pesquisa, a

ideologia sobre empreendedorismo na área de enfermagem. Em particular, como objetivo geral, almejou-se analisar a ideologia presente na produção científica referente à área.

Parte-se do princípio que a produção científica é uma expressão primordial da construção ideológica não só do meio acadêmico, mas também da forma social na sua totalidade, na qual se encontram o ensino e a formação de novos profissionais. Assim, esta pesquisa, embora elabore um retrato apenas da produção acadêmica e não inclua entrevistas com profissionais e gestores, buscou contribuir para a crítica da própria construção da ideologia do empreendedorismo na área de enfermagem em todas as suas dimensões, tanto laboral quanto formativa.

Considerando o crescimento do apelo ao empreendedorismo, haja vista a conformação da sociedade capitalista, sua ideologia e a luta de classes, questionou-se: o que tem sido produzido acerca do tema no campo da enfermagem? Quais as concepções ideológicas sobre formação e perfil profissional na área presentes em tais produções? Qual a relação entre tais concepções e o contexto atual do mundo do trabalho em saúde?

Tendo em vista tal discussão e sua pertinência para a atualidade, o presente estudo teve como objetivo analisar, portanto, a produção científica brasileira sobre empreendedorismo em enfermagem dos anos de 2008 a 2020 à luz da categoria ideologia. Tal objetivo se desdobrou em três objetivos específicos: (i) revisar literatura crítica sobre empreendedorismo no Brasil e suas relações com o trabalho e a formação humana, correlacionando-a com o contexto imposto pela realidade contemporânea do capital; (ii) realizar levantamento bibliográfico da produção científica sobre empreendedorismo em enfermagem dos anos de 2008 a 2020, sob a forma de artigos, dissertações, teses e editoriais de periódicos; (iii) identificar os processos ideológicos relativos ao empreendedorismo em enfermagem no Brasil e possíveis impactos na formação do trabalhador da área.

Para tanto, traçou-se, como percurso metodológico, a realização de um levantamento bibliográfico sobre empreendedorismo no Brasil e, por conseguinte, uma análise das produções científicas sobre empreendedorismo em enfermagem, vinculadas nas bases de dados SCIELO, LILACS, BVS e Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no período mencionado. O método de análise seguiu a tradição da crítica de Marx e Engels à ideologia, entendendo ser necessário interpretar os fenômenos sociais através de ferramentas que desvelem suas formas de legitimação e naturalização na forma social do capital.

A dissertação se estrutura em 3 capítulos. O primeiro, intitulado “Empreendedorismo”, discutirá o tema correlacionando-o ao neoliberalismo e suas repercussões, bem como trará

debate acerca da sua relação com concepções de formação humana, apresentando também reflexões acerca da precarização e uberização do trabalho no Brasil. Em suma, neste capítulo, se apresentará o cenário que culminou na ideologia empreendedora, sobretudo no que tange à área de enfermagem. O segundo capítulo, “Ideologia”, como o título enuncia, consistirá de uma exploração da categoria à luz da teoria marxista, trazendo definições do termo, apresentando as características da ideologia propostas por Eagleton (2019), esclarecendo os pressupostos da crítica da ideologia, e abordando a relação entre ideologia e ciência. Por fim, no terceiro capítulo, “Empreendedorismo em textos acadêmico-científicos da área de enfermagem”, será apresentado o percurso metodológico adotado para execução da dissertação e construção da pesquisa bibliográfica, bem como serão elencados os resultados oriundos da pesquisa e sua conseguinte análise e discussão, apontando os processos ideológicos presentes nas produções científicas sobre empreendedorismo em enfermagem e suas implicações.

CAPÍTULO 1 - EMPREENDEDORISMO

Este capítulo discorrerá acerca da atividade empreendedora e sua inter-relação com o neoliberalismo, a realidade social brasileira, a formação humana, e a precarização e a uberização do trabalho, sendo composto por quatro itens, a saber, “Empreendedorismo e neoliberalismo”; Empreendedorismo no Brasil”; “Empreendedorismo e formação humana”; e “Empreendedorismo, precarização e uberização na área de enfermagem”.

1.1 EMPREENDEDORISMO E NEOLIBERALISMO

Antes de relacionarmos empreendedorismo e neoliberalismo, se faz necessário situar o primeiro, para melhor compreensão do conceito analisado. A palavra empreendedorismo tem origem no termo francês *entrepreneur*, traduzido para o inglês como *intrepreneurship*, o qual deriva do termo latino *imprehendere* ou *prehendere*, sendo “empreender” o seu correspondente na língua portuguesa (ROBERT apud COAN, 2011, p. 32).

O termo “empreendedor” é utilizado por vários autores para representar o indivíduo “inovador” em suas atividades, as quais podem ser de naturezas diversas, mas seriam principalmente voltadas à geração de riquezas e à transformação de conhecimentos e bens em novos produtos, mercadorias e serviços. Inovador, de maneira geral, é aquele que modifica qualquer área do conhecimento. Contudo, de forma mais específica no campo econômico, se refere ao criador de uma empresa (COAN, 2011).

Conforme Coan (2011), a compreensão do termo “empreendedorismo” variou desde sua origem até o emprego atual, podendo ter significados diferentes, dependendo do campo de atuação de seus proponentes. As concepções do termo se fundamentam nos clássicos da economia, assim como em autores contemporâneos, podendo apresentar um viés empresarial, atrelado à ideia de risco e inovação. Entretanto, pode apresentar também um traço comportamental ou psicológico, associado à criatividade ou intuição. Essas diversas abordagens têm delineado o conceito de empreendedorismo, desde seu nascimento na França do século XVIII.

Ainda segundo Coan (2011), Jean Baptiste Say - considerado o pai do empreendedorismo e seguidor de Richard Cantillon, o primeiro autor que discutiu o papel desempenhado por aqueles que intitula como “empresários” - fortalece o conceito de empreendedorismo associado a gerenciamento de negócios. Empreendedor é aquele que

investe seu dinheiro na busca por mais dinheiro, correndo todo o risco. Joseph Schumpeter relacionou empreendedorismo à criatividade e à capacidade de fazer sucesso a partir de atitudes inovadoras que desequilibram os mercados. Peter Drucker, assim como Say, associa empreendedorismo ao conceito de risco. Empreendedor é aquele que se arrisca em algum tipo de negócio, devendo explorar seus talentos e mobilizar recursos externos para atingir seus objetivos (COAN, 2011).

A figura do empreendedor, que emerge em meados do século XVIII, rapidamente se desenha como um novo modo de existência que faz do incerto seu princípio. Richard Cantillon, em sua obra *Ensaio sobre a natureza do comércio em geral*, retrata a incerteza econômica como dimensão essencial do comércio, que concede múltiplas possibilidades e que torna a vida um espaço de escolha e estratégia - atributos do homem econômico como empreendedor. Para Cantillon, o empreendedor está em todas as classes e toda parte. Já para Peter Drucker, a nova “gestão dos empreendedores”, como ele define, pretende difundir o espírito do empreendedorismo em todas as áreas de ação coletiva, principalmente no serviço público, tornando a inovação um princípio organizador universal, pelo qual os trabalhadores devem ver sua função e envolvimento com a empresa com olhar de gerente. Este discurso neoliberal encontra na educação e na imprensa um espaço para sua difusão (LAVAL, 2017).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por grandes mudanças econômicas. Transformações ocasionadas pela tecnologia impactaram as indústrias, grandes empresas e mesmo pequenos negócios. Nesse período, houve alterações políticas nos Estados Unidos da América, assim como no Reino Unido, por meio de influência de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, afetando a dinâmica mundial. A partir desse cenário de mudanças, o empreendedorismo veio à tona novamente, embora com novos contornos, e se tornou tema dominante na sociedade (LANDSTRÖM *et al.*, *apud* CARMO *et al.*, 2012, p. 21).

O neoliberalismo é expressão de profunda transformação no capitalismo, gerando também mudanças políticas. Assim, como um sistema normativo, ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica capitalista a todas as relações sociais e esferas da vida. Ele pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que estabelecem uma nova forma de governo dos homens, através do princípio – universal, nesta perspectiva - da concorrência³ (DARDOT e LAVAL, 2016).

³ A introdução do neoliberalismo no Brasil se deu durante o governo do presidente Collor de Melo, contudo as políticas neoliberais ganharam características sistêmicas no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), no qual foi criado o Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado, com a finalidade de reestruturar a gestão pública de acordo com o padrão da iniciativa privada, associando suporte econômico às

As principais transformações que ocorreram no mundo do trabalho na forma da reestruturação produtiva, flexibilização, desregulamentação, relativização do direito dos trabalhadores e a precarização das condições e relações de trabalho se sucederam a partir dos ajustes neoliberais. Um dos principais problemas gerados pela política neoliberal está em sua dimensão ideológica, em sua capacidade de expor como única verdade a atual forma das relações e condições de trabalho, restando apenas ao trabalhador a conformidade com a realidade que é imposta (CASTRO, 2010).

A ofensiva liberal trouxe diversas consequências para os trabalhadores e para o mundo do trabalho. O desassalariamento, o crescente desemprego, a desregulamentação e relativização dos direitos trabalhistas, a desestruturação do mercado de trabalho, a precarização do trabalho, e a responsabilização total do trabalhador por sua sobrevivência são marcas do avanço neoliberal, assim como o fortalecimento do empreendedorismo como resolução para os problemas sociais (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2017)

A partir do neoliberalismo - caracterizado por Estado mínimo, privilegiamento do mercado como única instância de mediação da sociedade e o individualismo como forma de romper com as políticas sociais que não são perpassadas pela relação mercantil – o empreendedorismo é entendido como uma das maneiras pelas quais o mercado se apropria das horas de vida dos que àquele se aliam. É uma forma de ludibriar trabalhadores precarizados, uma vez que o sonho de liberdade empreendedora é inviável (TAVARES, 2018).

No momento em que o Estado se retira da responsabilização por questões básicas da cidadania, a lógica do mercado se propõe a solucioná-las através da ideologia empreendedora (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012). O empreendedorismo é uma estratégia do capitalismo, cujo discurso apresenta o empreendedor como um agente de crescimento econômico e mudança social (CARMO, L. J. O. et al., 2021).

Segundo Laval (2017), na política neoliberal de perda de segurança nos empregos e de produção política de insegurança social, a precariedade é definida por palavras muito mais positivas, como “empreendedor”, “empresa” ou “empreendedorismo”. A “cultura do empreendedorismo” não progride sem a dissimulação. Ela mascara o fato de que o “mercado de altas competências” não produz benefícios no que tange à remuneração e à cotação dos profissionais; seus efeitos benéficos incidem sobre setores restritos da economia e empregos específicos. Encobre também os efeitos subjetivos nefastos dessa “responsabilização” do

indivíduo, o qual é exposto sem proteção às mudanças do denominado mercado das altas competências.

Tal cultura oculta ainda a generalização da figura do trabalhador-empendedor, que propõe a naturalização e a eufemização da invalidação social dos excluídos, e a destruição do Estado Social. Trata-se de uma reformulação do trabalho assalariado sem direitos trabalhistas sob a figura do empreendedor. Isto também significa uma modificação do indivíduo, o qual é orientado a gerenciar seus riscos, não somente por conta da destruição das estruturas protetoras estáveis e dos direitos sociais, como também com a finalidade de colocar, a serviço do capital, uma força criativa e inovadora, pensada para andar junto com a concorrência interindividual (LAVAL, 2017).

A cultura do empreendedorismo não é somente um conjunto de ideias, mas constitui um processo social operacional, funcionando com o apoio de profissionais de acompanhamento e invenção de si - os *coaches* - que monitoram o reinventar de si mesmo e reforçam a capacidade de mudar a carreira e a vida (LAVAL, 2017). A ideologia empreendedora não possui potencial emancipatório ou preocupação com o bem-estar coletivo; em vez disso, mantém a dependência e o estado de luta pela sobrevivência, responsabilizando o indivíduo por seu próprio sucesso ou fracasso (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012).

1.2 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

As ideias que compõem o empreendedorismo paulatinamente vêm sendo disseminadas em todo o mundo. No que se refere ao Brasil, algumas estratégias são destacadas. Alves, Nunes e Castro (2012) resgatam que, em 1999, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi criado, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Programa Brasil Empreendedor (PBE), para fins de promoção do desenvolvimento das micro, pequenas e médias empresas e com o intento de inserir os empreendedores no setor formal da economia. Essa iniciativa capacitou milhares de empreendedores.

Desde 2002, o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas), por meio do Programa de Formação de Jovens Empreendedores, também desenvolve papel importante na disseminação da cultura empreendedora no campo da educação, capacitando professores e atingindo o ensino médio e superior. Ademais, Fernando Dolabela, referência em empreendedorismo, em 1996, funda a Oficina do Empreendedor, direcionada aos universitários e posteriormente aos alunos no ensino médio. A partir de 2002, o mesmo

elaborou a “Pedagogia Empreendedora”, direcionada à educação de crianças e adolescentes. Já em 2004, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publica e ressalta, em seu relatório “Desencadeando o empreendedorismo: o poder das empresas a serviço dos pobres”, a importância de utilizar o empreendedorismo como meio de combate à pobreza (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012).

Simultaneamente à dinâmica que concilia desemprego com alto índice de informalidade após a adoção do neoliberalismo, foi produzida no Brasil a legislação que introduziu a figura do Microempreendedor Individual (MEI), apresentado como resposta ao desemprego estrutural e à informalidade - contradições próprias da relação capital-trabalho. O trabalhador informal pode realizar sua formalização e se tornar um MEI. Assim, ele contará com registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), facilitando abertura de conta bancária, pedidos de empréstimos e emissão de nota fiscal, bem como possibilitando o registro de um empregado através de anotação em CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social) (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012).

Em entrevista, o sociólogo Ricardo Antunes argumenta que em uma sociedade na qual o desemprego, o subemprego e a precarização são tão descomunais, existe uma realidade social que permite que o empreendedorismo se fortaleça (MARCHESAN, 2019). A Lei Complementar 128/2008, responsável pela criação da figura do microempreendedor individual, apresenta como fundamento a formalização dos empreendimentos marginalizados. Não são eles que poderão desenvolver o país e servir como fonte de emprego, em vez disso estimulam a degradação do trabalho e a continuidade da concentração de renda, perpetuando-a (DAMIÃO; SANTOS; OLIVEIRA, 2013).

Alvim, Nunes e Castro (2012) prosseguem e afirmam que, apesar da aparente vantagem que o discurso empreendedor procura apresentar, ele se ampara em lugares comuns que revelam seu viés ideológico com alguns argumentos: o *ethos* empreendedor pode ser exercido por qualquer indivíduo; o empreendedorismo é uma solução para o desemprego estrutural; e as características próprias de cada indivíduo serão aproveitadas a partir da razão empreendedora. Entretanto, o sucesso dessa ideologia somente favorece a reprodução da exclusão e o acirramento das desigualdades sociais.

É importante salientar que a reforma trabalhista, através da lei 13.467/2017, alterou a legislação do trabalho no Brasil. As mudanças por ela promovidas e seus impactos sobre o mercado de trabalho demonstram que ela constitui um instrumento do processo de desconstrução de direitos no país. Tal reforma se sustenta sobre a flexibilização dos aspectos

que norteiam a relação de emprego; sobre o enfraquecimento das instituições públicas e da organização sindical; e sobre a individualização do risco, sujeitando os trabalhadores à vulnerabilidade social. A reforma aprofunda o processo de “desconstrução de direitos em nome da disseminação da concorrência sob a lógica da empregabilidade e do empreendedorismo” (KREIN e COLOMBI, 2019).

No Brasil, no ano de 2020, houve um pico no número de empreendedores, apresentando o maior número de sua história; contudo, não se trata de um empreendedorismo por oportunidade, mas por necessidade. Nos nove primeiros meses do ano, o número de microempreendedores individuais cresceu 14,8% se comparado com o mesmo período do ano anterior. Impulsionados pela crise ocasionada pela pandemia de covid-19, os brasileiros buscam na atividade empreendedora uma alternativa de renda (VILELA, 2020).

A razão empreendedora tem ascendido no momento em que a informalidade e o desemprego têm se revelado um processo estrutural e passa a ser apresentada como a estratégia possível de solucionar a exclusão social; entretanto, o que fica oculto é que o empreendedorismo não é capaz de pôr fim à exclusão social, já que ele mesmo promove desigualdade (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012).

Bulgacov *et al.* (2011) demonstra a expressiva presença de jovens no empreendedorismo no Brasil, a qual é consequência da flexibilização do mercado de trabalho e de seu reflexo nas relações sociais. Ressalta que o país possui distribuição de riquezas desigual, com grande número de famílias com baixos níveis de renda e escolaridade e ínfima capacidade de investimento. Atrelado a isso, o Brasil apresenta estrutura de produção instável, com atividades econômicas com pouca produtividade e trabalho precário. Tais fatores são obstáculos para que o jovem se dedique à sua formação, buscando no mercado de trabalho recursos para que esta se concretize e alternativas para sobrevivência. A elevada taxa de empreendedorismo entre os jovens não indica um fator positivo da posição social, econômica e cultural do jovem no país; na realidade, está associada às condições de trabalho precário e flexibilizado.

De forma geral, o que vem acontecendo no Brasil é um processo de empreendedorismo por necessidade, no qual os microempreendedores trabalham como autônomos, em auto empregos; e terceirizados, através de prestação de serviços sem valor agregado para empresas transnacionais, sem garantias e sob alta rotatividade, obtendo baixos rendimentos e sendo inseridos em trabalhos precarizados. Tal condição é potencializada pela

reestruturação produtiva, pelo modelo de produção Toyotista, que requer força de trabalho polivalente (PAVAN, 2018).

1.3 EMPREENDEDORISMO E FORMAÇÃO HUMANA

As concepções da ideologia empreendedora perpassam vários campos e áreas, sendo também perceptível na educação e formação humana. A necessidade de formar pessoas com espírito empreendedor, sobretudo através da educação escolar em todos os níveis e modalidades de ensino, tem se propagado por meio de pesquisas e projetos que legitimam o modo capitalista de produção e tencionam atender suas demandas. O discurso da necessidade de educar para o empreendedorismo ganhou destaque na década de 90, quando propostas foram realizadas a fim de combater os problemas provenientes do desemprego que afetaram profundamente os jovens (COAN, 2013).

A partir da introdução do neoliberalismo no Estado, consequências danosas são geradas à educação, bem como a inserção de concepções quanto ao empreendedorismo, apresentado como fonte de criatividade e inovação para enfrentamento das desigualdades. Com relação à pedagogia empreendedora, é apregoado que é capaz de conceder aos indivíduos ferramentas para que se tornem empresários de sucesso, patrões de si mesmos e autônomos em relação ao Estado, que tentaria controlar a economia cerceando a livre iniciativa (PAVAN, 2018).

Pavan (2018) relata que, no início dos anos 2000, ganha força a ideia de educação empreendedora, sendo realizadas palestras e debates pelo Brasil como forma de superar a pobreza e gerar o aumento de renda e consumo. A partir desta concepção, acredita-se que é necessário ensinar, desde a infância, o gosto pelo empreendedorismo, e desenvolver habilidades e competências, para que não seja preciso depender e cobrar da esfera pública políticas sociais para redução das desigualdades, reforçando a meritocracia.

Segundo Pandolfi e Lopes (2013), é possível perceber que a escola tem sofrido, em seus currículos, a influência de noções como competência, empregabilidade e individualidade, indicando que a lógica da educação está caminhando em direção a uma ideia de mercado que intenciona prescindir do trabalhador. Acrescentam que um número expressivo de teses e dissertações defendem o ensino do empreendedorismo e poucas o refutam, apontando que os trabalhos que se manifestam favoráveis assim o fazem a partir das alegações de promoção do crescimento econômico, da geração de empregos e da distribuição de renda.

No entanto, a educação para o empreendedorismo tem como objetivo ajustar os indivíduos à sociedade da forma como ela se apresenta, prometendo que, com o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, o indivíduo será bem-sucedido, omitindo, assim, os problemas estruturais da sociedade e até mesmo apresentando-os como desafios a serem superados pelo “espírito de iniciativa e proatividade” (COAN, 2011).

Nisto se destaca a pedagogia das competências, que consiste em uma cultura que não objetiva produzir ou transmitir conhecimentos, mas formar personalidades flexíveis e adaptáveis às instabilidades e incertezas da contemporaneidade. A pedagogia das competências é a pedagogia da pós-modernidade (RAMOS, 2011) e visa à educação da sociedade em direção às ideias de uma classe dominante, que preza cada vez mais por condições de trabalho precárias e sem garantias de direitos aos trabalhadores, maximizando seus lucros e acumulação de riquezas. Tal pedagogia está relacionada a uma visão liberal, com ênfase no mercado, que aponta para o desmonte dos direitos trabalhistas, flexibilidade, instabilidade e precariedade do trabalho.

A pedagogia das competências ressalta a valorização dos atributos individuais do trabalhador; as competências requeridas pelo emprego estão ligadas às práticas e postura do trabalhador, que podem ser adquiridas em atividades lúdicas fora da profissão, atividades familiares, dentre outras (RAMOS, 2011). Isto significa que os atributos ligados à formação técnica do trabalhador, com peso na constituição de um diploma e certificação, têm sido mitigados pela capacidade individual do sujeito, de referência emocional-cognitiva.

Atrelado a isto, a ideologia da pedagogia das competências passa a falsa ideia de que se alguém é rico, o é por mérito, por seu trabalho e esforço; em contrapartida, aquele que é pobre, assim o é por falta de dedicação e esforço. Tal ideologia culpabiliza ainda, pelo desemprego, o próprio trabalhador (FRIGOTTO, 2002).

Ramos (2011, p. 64) entende que a pedagogia pode significar um processo de conformação cultural dos grupos sociais, através de práticas que visam educar o senso comum dos sujeitos que os constituem. Assim, busca relacioná-la a processos ideológicos que dão direção política e cultural à sociedade, abrangendo a escola e outros aparelhos, designados, por esta razão, conforme Gramsci, como aparelhos privados de hegemonia.

No capitalismo, é requerido que se intervenha sobre a questão educacional, a fim de fazer frente à superprodução acompanhada da redução de força de trabalho empregada, à redução dos custos do trabalho e à intensificação de estratégias de controle social em

situações de agudas formas de expropriação (RUMMERT; ALGEBAILÉ; VENTURA, 2013). A educação para o empreendedorismo desempenha, em suma, um papel neste panorama.

1.4 EMPREENDEDORISMO, PRECARIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO NA ÁREA DE ENFERMAGEM

O corpo de enfermagem, compreendido por enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, representa um grupo significativo dos profissionais que atuam na área da saúde no país. Segundo a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil realizada pela FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) (MACHADO et al, 2017), a categoria conta com 2.373.770 profissionais com inscrição ativa no Conselho Regional de Enfermagem (COREN). Destes, 425.113 são auxiliares de enfermagem, 1.368.555, técnicos de enfermagem, 579.779, enfermeiros e, por fim, 303 obstetritzas. Esta é a corporação responsável por mais da metade de todo contingente de saúde do país (MACHADO et al, 2016).

Essa tão vasta categoria vivencia a realidade de precarização do trabalho, que, segundo Araújo, Quental e Medeiros (2016), é um fenômeno de origens políticas, sociais e econômicas, que gera prejuízo ao desenvolvimento do trabalho e, conseqüentemente, ao trabalhador. Os autores ressaltam que, no campo da enfermagem, o dano da precarização recai sobre a saúde da equipe que presta os cuidados e daquele que recebe atenção, na condição de clientela. Este profissional, devido às condições degradantes de trabalho às quais é exposto constantemente, tem sua saúde afetada, uma vez que não obtém, em ambiente laboral, a conjuntura e o suporte adequados e exigidos ao preenchimento de suas necessidades, sejam físicas, psíquicas ou trabalhistas. Tal indivíduo, por atuar diretamente com a vida de outro que lhe é submetida, a partir do desgaste e pressão sofridos, tem sua prática profissional atravessada e degradada, comprometendo a assistência que presta.

Há anos, o contexto de trabalho da enfermagem evidencia condições precarizadas, tais como escassez de recursos humano e material, longas jornadas de trabalho, salários não condizentes com a atividade laboral, e pouco reconhecimento profissional e social. Tais condições são prejudiciais sobretudo para a saúde mental dos trabalhadores e tendem a se agravar diante de um cenário como o atual, de pandemia de covid-19 (SOUZA et al., 2021). Em meio a esta pandemia, diversos profissionais adoeceram ou vieram a óbito, muito em decorrência da escassez de Equipamentos de Proteção individual (EPI), da extenuante e

extensiva jornada de trabalho, da ausência de local e horário adequados para descanso, dentre outras realidades reveladoras de um contexto de precarização do trabalho desta classe.

No Brasil, até a primeira quinzena do mês de janeiro de 2021, ocorreram 500 óbitos de profissionais de enfermagem em decorrência do coronavírus. Até o período, um terço do total de mortes global pela covid-19 entre os profissionais da categoria ocorreu no país (COFEN, 2021). Tais dados expressam a preocupante condição de precarização à qual esta classe – que, assim como outras da saúde, é tão necessária para o momento pandêmico - está submetida. A pandemia de covid-19 só agudizou e revelou mais profundamente um quadro já presente no cotidiano da enfermagem.

Quanto ao mercado de trabalho para a classe, Machado *et al.* (2017) relata que o setor público é responsável por 55,6% dos empregos e o privado, por 44,4% do total. Naquele, os profissionais estatutários somam 49,9%; o vínculo celetista, 17,7%; prestadores de serviços, 8,5%; contratados por tempo determinado, 8,4%; e Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), Organização Social de Saúde (OS) e cooperativas, 15,6%. Dos que atuam no serviço público, 55,7% possuem renda mensal de até 2 mil reais; 39,4%, entre 2 e 5 mil reais; e 4,8% têm renda superior a 5 mil reais.

Quanto a este aspecto, cabe mencionar que, para Santos (2018), o Estado brasileiro dissemina a ideologia de que o trabalho realizado pelo profissional estatutário é oneroso e desqualificado; ao esvaziar a importância do trabalho realizado pelo servidor nos serviços públicos, propõe-se, em última instância, sua extinção, por meio de terceirização e privatização (SANTOS, 2018). Na esteira desta ideologia, podemos localizar a reforma administrativa, expressa na Proposta de Emenda Constitucional (PEC 32/2020), que reformula o serviço público no Brasil.

A precarização no serviço público é revelada pela pulverização das formas de ingresso, pelos baixos salários, pelas hierarquias que dificultam o processo de trabalho, pela intensidade do trabalho, pelo sucateamento da infraestrutura, pelo assédio moral e pela desqualificação do trabalhador por parte do Estado. Este, através da terceirização da força de trabalho, aprofunda, na verdade, a precarização no serviço público (SANTOS, 2018). As dimensões de precarização do trabalho de enfermagem apontam, assim, as omissões do Estado na manutenção dos serviços de saúde e a exploração a que estão submetidos os profissionais da área (SANTOS et al, 2018).

Acrescente-se ainda que, no setor privado com fins lucrativos (29,9% do total), o vínculo empregatício que prevalece é a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), com

56,1%, seguido por 30,5% de prestadores de serviços. 69,4% desses trabalhadores possuem renda mensal de até 2 mil reais, 28,3% salários de 2 a 5 mil reais e 2,3% acima de 5 mil reais. Já o privado sem fins lucrativos (14,5% do total) conta com 61,3% de CLT e 30,3% de prestadores de serviços. Nesse segmento, 73% dos profissionais apresentam renda mensal de até 2 mil reais, 25,8% de 2 mil a 5 mil reais e, por fim, 1,2% superior a 5 mil reais. (MACHADO et al., 2017).

Entretanto, conforme aponta a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (MACHADO et al., 2017), a categoria profissional apresenta problemas de empregabilidade, caracterizado por quase 5% de desempregados (mais de 80 mil) e 1,9% (mais de 35 mil) afastados temporariamente da atividade profissional. Os entrevistados listam que as dificuldades para obtenção de emprego na área são a falta de experiência profissional; a falta de concursos públicos; a pouca oferta de trabalhos de tempo parcial; e poucas oportunidades na área em que se especializou, dentre outras. Há que se apontar que também ocorrem mudanças de emprego. Dos 21% (380 mil profissionais) compreendidos do total da categoria que mudou de emprego nos últimos 2 anos prévios à pesquisa, 20,3% declararam insatisfação salarial; 12,7% insatisfação com as condições de trabalho; 10,4% dificuldade de conciliar 2 ou mais empregos; e 9,1% insatisfação com o vínculo empregatício, dentre outras alegações. Pouco mais de 63% dos trabalhadores possuem um emprego e 25,1%, dois empregos. Ainda 6,7% dos profissionais entrevistados relataram exercer atividade autônoma. Quanto aos rendimentos nessa área, há existência de subsalário tanto no setor público, quanto no privado e filantrópico, revelando uma situação de subemprego (MACHADO et al., 2017).

No que tange à formação, estes profissionais, em sua maioria, são formados em instituições privadas de ensino (MACHADO et al., 2017). Entretanto, a expansão de cursos de formação privados, sobretudo no que tange à graduação, associado à não expansão de postos de trabalho, resultou em impacto negativo para a profissão, no que diz respeito a acesso ao emprego. Desta forma, há um excedente de força de trabalho egressa dos cursos de graduação, por exemplo, que não consegue se inserir no mercado de trabalho, conforme revelam dados de pesquisa realizada no Rio Grande do Norte (OLIVEIRA et al., 2018).

Quanto ao desgaste auferido pela profissão, 65,9% (1.189.671) dos trabalhadores da área consideram suas atividades desgastantes (MACHADO et al., 2017). Referente a esta dimensão, Araújo, Quental e Medeiros (2016) declaram que o desgaste físico e emocional é uma das evidências que confirmam a precarização do trabalho na enfermagem. As más condições de trabalho dão origem à ansiedade, à insatisfação e ao sofrimento do profissional,

o qual torna-se frágil. Esta suscetibilidade, ao longo do processo de trabalho, pode trazer agravos à sua saúde (SOUZA; PASSOS; TAVARES, 2015).

Assim, é possível notar que a precarização do trabalho, fruto da perversidade de uma lógica capitalista, que impõe ao trabalhador a condição de exploração para garantia de mais valia à classe dominante (dono dos meios de produção), permeia e se expressa no cotidiano da enfermagem.

Tal precarização ficou ainda mais evidente com o advento da pandemia ocasionada pelo coronavírus, a qual ressaltou e publicizou uma realidade já vivida por esses profissionais mesmo antes, expressa através da sobrecarga de trabalho, acúmulo de funções, recursos materiais e insumos escassos, baixa remuneração, assim como constante adequação ao trabalho com recursos humanos insuficiente, jornada de trabalho extensiva e outros fatores diversos. Esta condição se ainda não houvera sido percebida, agora se faz sobremaneira difícil não observá-la. É pertinente lembrar que esta situação não se faz real apenas para os indivíduos atuantes na área em questão, mas também para as demais categorias que compõem a equipe de saúde.

Leonel (2021) corrobora a existência deste quadro quando afirma que, de acordo com a pesquisa *Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19*, realizada pela FIOCRUZ no Brasil, quase 50% dos profissionais de saúde participantes do estudo alegaram excesso de trabalho durante a pandemia, com jornadas de serviço com mais de 40 horas semanais, sendo que 45% deles necessitam de mais de um emprego para se manter. Muitos estão submetidos à escassez e inadequação de EPI; 22% declaram conviver com trabalho extenuante; e 14% dos atuantes na linha de frente estão no limite da exaustão. Castro (2020), também considerando os profissionais de enfermagem neste contexto pandêmico, acrescenta que a estes se impõe um cenário desgastante, com jornadas laborais prolongadas, atrelada a uma remuneração nem sempre justa no que tange ao serviço realizado; para o autor, a pandemia trouxe à tona desafios já vivenciados e enfrentados pela profissão.

Neste contexto, o empreendedorismo se apresenta como uma alternativa ao desemprego e como escape de condições tão aviltantes ao trabalhador de enfermagem. Entretanto, há de se ressaltar que tal estratégia não corresponde à solução para os problemas evidenciados e sofridos pela categoria profissional em discussão, nem para qualquer outra. O empreendedorismo é o tema presente na retórica neoliberal, que procura esconder a real precarização existente nesta atrativa estratégia capitalista. O empreendedorismo, na verdade, representa uma nova forma de precarização do trabalho, onde o sujeito, cercado de

impossibilidades, o vê como único ou melhor investimento, enxergando uma possibilidade de subsistência ou de vida financeira mais confortável (OLIVEIRA; MOITA; AQUINO, 2016).

Em se tratando de precarização e empreendedorismo, não podemos deixar de mencionar a uberização do trabalho, que configura mais uma vertente de exploração do trabalhador. Esta, que ficou conhecida a partir do aplicativo de transporte de passageiros, Uber, não surge a partir da empresa, nem se restringe a ela, ou está exclusivamente associada às plataformas digitais. Refere-se à consolidação de um trabalhador desprovido de direitos e garantias, subordinado, controlado e permanentemente disponível para o trabalho, na condição de um trabalhador sob demanda (*just-in-time*). É um tipo de informalização do trabalho, uma nova forma de gerenciamento, controle e organização, que torna potencialmente uberizáveis os profissionais (ABÍLIO, 2021).

Nesta modalidade, não há garantias ou limites no que tange à duração e à distribuição da jornada laboral, nem sobre a remuneração por dia de trabalho. O profissional é usado conforme as determinações e os interesses das empresas; sendo um trabalhador sob demanda, recebe somente pelo que produz (ABÍLIO, 2021). O trabalhador uberizado assume os riscos e custos de sua atividade, sob uma lógica de gerenciamento de si, que, no entanto, evidencia o sujeito como subordinado e controlado por novos meios, operados através da automatização em gigantes dimensões de extração e processamento de dados. As empresas-aplicativo têm se apresentado como mediadoras entre oferta e procura, negando a subordinação e os vínculos empregatícios nesse processo (ABÍLIO, 2019).

Empreendedorismo torna-se sinônimo da assunção de riscos pelo trabalhador por sua própria atividade profissional. Atribui-se ao indivíduo a responsabilidade por sua sobrevivência em um contexto de precariedade. Quanto à uberização, o discurso empreendedor obscurece as relações entre capital e trabalho, uma vez que os trabalhadores aparecem como “chefes de si mesmos”, desaparecendo a relação de subordinação (ABÍLIO, 2019).

Embora estudos ainda sejam bastante incipientes, podemos afirmar que a uberização está sendo construída na área da saúde, haja vista, por exemplo, o demonstrado através da matéria jornalística do *El País*, que relata que o então ministro da saúde britânico anunciou um programa piloto, por meio do qual o trabalho flexível, baseado em aplicativos, seria ofertado. O programa consistiria em uma “bolsa de empregos” para enfermeiros da associação da categoria no país, que seriam, desta forma, convocados para o trabalho por meio de um aplicativo, conforme a demanda de serviço (SALAS, 2017).

Em suma, a precarização tem atravessado o universo do trabalho através de várias formas e modalidades, levando o indivíduo a apresentar, muitas vezes, uma conformação com tal contexto e uma postura não crítica, mediante à naturalização da precariedade. O profissional submete-se à busca e obtenção de possíveis esperanças de manutenção de sustento e escape do desemprego em larga escala.

Contudo, faz-se mister compreender que existe um processo ideológico na exaltação e no enaltecimento do empreendedorismo. Para o analisarmos no campo da enfermagem, se torna necessária uma reflexão acerca do tema e da sua insistente defesa na sociedade capitalista a partir da análise da categoria ideologia.

CAPÍTULO 2 - IDEOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo fornecer aportes conceituais à pesquisa desta dissertação, de forma a subsidiar a análise da ideologia em produções científicas sobre empreendedorismo em enfermagem. A linha epistemológica adotada neste percurso foi a da tradição marxista, a do materialismo histórico dialético, o qual compreende o ser social nas relações sócio-materiais de reprodução da vida, e não como um indivíduo isolado de um contexto societário; a luta de classes, em suas múltiplas dimensões, como explicativa da dinâmica histórica; e, de suma importância na nossa dissertação, a determinação sócio-material das ideias.

Assim, para fins de sustentar nossa análise, esse capítulo está organizado em cinco itens. O primeiro item apresentará a ideologia em seu processo histórico, com ênfase na sua acepção marxista. O segundo item apontará algumas definições do termo ideologia, com o intuito de buscar sintetizar e sistematizar a concepção de ideologia a ser adotada na pesquisa. O terceiro, como uma continuidade do item anterior, elencará características da ideologia propostas por Eagleton (2019), estabelecendo um vocabulário descritivo a ser empregado em nossa análise no capítulo seguinte. O quarto item apresentará os procedimentos da crítica da ideologia na tradição dos marxismos. Por fim, o quinto item discorrerá acerca da relação entre ciência e ideologia.

Cabe ressaltar que, ao longo da argumentação, por vezes será feito paralelo do materialismo histórico dialético com outras epistemologias e abordagens, tal como o positivismo, demonstrando os limites do último, para justificar nossa opção pela abordagem marxista. Neste sentido, faz-se necessário destacar que este capítulo não pretende esgotar a discussão sobre o tema, mas sim estabelecer diretrizes para a pesquisa aqui empreendida.

2.1 IDEOLOGIA NO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

O termo ideologia aparece pela primeira vez na França, após a Revolução Francesa, no livro do iluminista Destutt de Tracy, *Elementos de Ideologia*. De Tracy fazia parte de um grupo de pensadores conhecido como ideólogos franceses, os quais eram realistas, antimetafísicos e materialistas; admitiam apenas causas naturais e físicas para as ideias e ações humanas e somente aceitavam conhecimentos científicos baseados na observação dos fatos e na experimentação (CHAUÍ, 2008). Segundo Codato (2016), De Tracy, em oposição à

metafísica, argumentou que as ideias eram provenientes das percepções sensoriais do mundo exterior e não de raciocínios, sendo resultado da interação entre organismos vivos e o meio ambiente.

Por metafísica, entende-se genericamente uma teoria que supõe que o conhecimento prescinde da materialidade do real e que os conceitos devem ser construídos enquanto categorias lógicas; nela, as ideias tornam-se independentes da práxis (ZANELLA, 2004). De Tracy era, assim, contrário à educação religiosa e à metafísica, que eram atreladas à figura de um monarca. Esta ligação era vista por ele como maquinação entre o poder político e religioso, por ser corrente, na época, o pensamento de que o rei recebia poderes advindos de Deus, cabendo a seus súditos obedecê-lo.

Os ideólogos foram partidários de Napoleão Bonaparte, pois entendiam que este daria continuidade aos ideais da Revolução Francesa; contudo, se decepcionaram ao perceber que havia nele o desejo de restaurar o regime monárquico que criticavam, tornando-se, assim, seus opositores. Napoleão conferiu aos termos “ideologia” e “ideólogos” sentido pejorativo, ironicamente acusando-os de serem metafísicos, já que uma faceta central dos estudos dos ideólogos era precisamente mapear o conjunto de ideias de dada sociedade (CHAUÍ, 2008). Como veremos a seguir, Marx conservará o sentido negativo de ideologia, entendendo que ideólogo é aquele que inverte as relações entre as ideias e o real, e, por esta razão, que considera que a forma social seria determinada pelo conjunto de ideias de dada época.

Cabe ainda mencionar o pensamento do filósofo positivista Auguste Comte, que utiliza o termo ideologia no sentido próximo ao dos ideólogos franceses, com dois significados: como o estudo da formação das ideias a partir das relações entre o corpo humano e o meio ambiente e também como o próprio conjunto de ideias de uma determinada época. Para Comte, ideologia pode ser o sinônimo de teoria, conhecimento científico da realidade, sendo esta produzida pelos sábios, sem a presença de elementos religiosos ou metafísicos. Portanto, esta tem um papel de comando sobre a prática dos homens, que deverão se submeter aos preceitos do teórico antes de agir (CHAUÍ, 2008).

Para Karl Marx e Friedrich Engels (1846, apud EAGLETON, 2019, p.86, 87), a consciência está ligada à prática social, declarando que ter as ideias como entidades autônomas contribui para sua naturalização e para desistoricizá-las, sendo este, para eles, o segredo de toda ideologia. Marx e Engels ainda ressaltam, em *A ideologia alemã*, que a vida determina a consciência e não o oposto; para superar a falsa consciência, é necessário atacar as condições sociais que a geram. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que o termo “falsa

consciência” não foi utilizado por Marx, mas por Engels, que relaciona ideologia a um processo de falsa consciência. (EAGLETON, 2019).

A Ideologia Alemã é uma crítica aos ideólogos alemães, herdeiros do legado da filosofia de Hegel. Estes ideólogos tinham como objetivo transformar o mundo apenas com a força da crítica, excluindo a ação prática como forma de intervir na realidade. Marx e Engels apontaram que o problema dos “jovens hegelianos” era que, ao teorizarem nestes termos, colocavam em segundo plano a realidade material, partindo das ideias para chegarem à realidade, em vez de realizarem o caminho oposto. Desta forma, a consciência é apartada da vida social e da história, se tornando supostamente seu fundamento (PEREIRA, 2016).

Marx e Engels, no entanto, não fazem separação entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas nas quais são produzidas. Eles consideram que as ideologias surgem no momento em que a divisão social do trabalho separa trabalho material e intelectual (CHAUÍ, 2008).

As ideias são produzidas na práxis social e esta, para o marxismo, é a produção material da vida numa sociedade: como os homens se organizam num modo de produção, que é constituído de forças produtivas e relações de produção. Sem o conhecimento das determinações desta base da sociedade, não se compreende objetivamente as diferentes formas da manifestação da vida social, das ideias e da ideologia. Para isso, é fundamental o conhecimento sobre as relações de trabalho na história da humanidade. A divisão social do trabalho originou a propriedade privada dos meios de produção, estabelecendo uma relação de interesses conflitivos entre proprietários e não proprietários, designando, assim, a luta de classes. A classe dominante utiliza as suas ideias ou ideologia(s) para exercer a dominação. O poder material da classe dominante faz com que suas ideias, que são particulares, sejam universais, logo aceitas pela maioria dos membros da sociedade. Desta forma, a ideologia oculta que a sociedade é dividida em classes sociais e nega a luta de classes (ZANELLA, 2004).

A sociedade civil, produzida pela divisão social do trabalho, se realiza como luta de classes. Esta luta está presente nos procedimentos institucionais, político, policiais, legais e ilegais que a classe dominante utiliza para manter sua dominação, indo desde o modo de organizar o processo de trabalho e de se apropriar dos produtos, até as normas do Direito e do funcionamento do Estado (CHAUÍ, 2008).

Através do marxismo, entende-se que o Estado foi gerado no interior de uma sociedade dividida e está comprometido com a divisão, apresentando movimentos

influenciados pelas ideias dos setores privilegiados da sociedade (KONDER, 2002). Contudo, conforme Chauí (2008) aponta na obra marxiana, o Estado aparece como realização do interesse geral, ou seja, é a forma pela qual os interesses da classe dos proprietários ganham a aparência de interesses de toda sociedade. O Estado é a preservação dos interesses da classe dominante e exprime, na esfera política, as relações de exploração da esfera econômica.

Desta forma, de acordo com Codato (2016), a ideologia é um mecanismo de sujeição social e somente existe enquanto força social através dos aparelhos ideológicos do Estado. Para Chauí (2008), a função da ideologia é ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classe; ela esconde que nasceu da luta de classes para servir a uma classe na dominação.

Na mesma direção, Iasi (1999) afirma que, em uma sociedade de classes, aquela que detém os meios de produção apresenta propensão de deter os meios para tornar universal sua cosmovisão e justificativas ideológicas, no tocante às relações sociais de produção que asseguram sua dominação econômica. Tal universalização da cosmovisão da classe dominante é explicada pela posse dos meios ideológicos e de difusão, como também pelas relações adotadas pelos indivíduos e pelas classes.

2.2 DEFINIÇÕES DE IDEOLOGIA

O crítico marxista Terry Eagleton (2019) apresenta algumas definições para o termo ideologia, ressaltando que nem sempre são símiles. Também afirma que algumas definições são pejorativas, outras neutras, assim como umas envolvem questões epistemológicas e outras não. Tendo em vista tais observações, destaca que ideologia pode significar o processo de produção de ideias, crenças e valores na vida social; o conjunto das ideias e crenças que representam as condições e experiências da vida de determinado grupo ou classe; o campo discursivo onde ocorre colisão e conflito de poderes sociais sobre questões essenciais à reprodução do poder; as ideias voltadas à promoção e legitimação de um poder social dominante; e as crenças falsas e ilusórias oriundas da estrutura material da sociedade.

Contudo, sem prejuízo das definições anteriores, há uma definição atribuída por Eagleton à ideologia a qual sintetiza nossa perspectiva neste trabalho: ideias que auxiliam na legitimação dos interesses de uma classe dominante, através da distorção e da dissimulação (EAGLETON, 2019, p. 47). Na mesma direção, pode-se ainda destacar o que afirma Pereira (2016): na lógica de Marx e Friedrich Engels, ideologia é um conceito crítico-negativo, o qual

indica uma falsa representação da realidade, tendo por consequência a justificação de relações de dominação e poder.

Quanto ao termo, Marilena Chauí (2008) declara que

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (CHAUÍ, 2008, P. 108, 109).

Desta forma, a ideologia pode ser considerada como o mecanismo utilizado para ocultar, do ser social, a realidade da subjugação a um sistema de classes rígido e desigual; as aceções ideológicas induzem o ser social à aceitação desta desigualdade, como se fora natural. Nesta direção, a definição de Chauí (2008) corrobora a perspectiva negativa de ideologia como mistificação aqui adotada.

Em síntese, seguimos também Konder (2002, p. 49), que observa que ideologia consiste em um processo e o sujeito que o executa é movido por uma falsa consciência, ressaltando, contudo, que o processo da ideologia não se resume à falsa consciência, uma vez que incorpora em seu movimento conhecimentos que são verdadeiros.

Codato (2016) ressalta que ideologia são concepções ilusórias que ocultam do agente social suas condições de existência e as contradições sociais em que está enredado. Já Konder (2002) aponta que a origem da ideologia está na propriedade privada ou divisão social do trabalho, destacando que, para Marx, ideologia era a expressão da incapacidade de analisar as ideias com seu uso histórico, com sua inserção prática na sociedade.

Partindo dessas premissas, esta dissertação abordará, na literatura científica da área de enfermagem, os processos ideológicos que buscam apagar, mesmo que em parte, a produção da forma social, entendendo que a ideologia oblitera para o ser social, por meio da distorção, as reais condições de desigualdade e de conflito e a subjugação dos subalternos a uma dominação constante nas relações sociais. Entretanto, a ideologia pode incorporar elementos factuais da realidade social, trabalhando-os e distorcendo-os no processo ideológico.

2.3 CARACTERÍSTICAS DA IDEOLOGIA

Tendo em vista a discussão sobre ideologia, se faz necessário apontar que ideologia é vista e entendida através de algumas especificidades. Segundo o crítico marxista Eagleton (2019), as ideologias são consideradas *unificadoras, orientadas para a ação, racionalizantes, legitimadoras, universalizantes e naturalizantes*.

Desta feita, no que tange à característica de *unificação*, o autor ressalta que há o entendimento de que as ideologias outorgam coesão aos grupos que as defendem, unindo-os em uma identidade unitária, mesmo que internamente diferente, permitindo impor unidade à sociedade.

Arelado a isso, as ideologias também podem ser consideradas como conjunto de crenças *orientadas para a ação*. Para que uma ideologia tenha êxito, é necessário que funcione na prática e na teoria, abrangendo um sistema de pensamento elaborado, como também os detalhes e pormenores da vida cotidiana.

Importante destacar que a propriedade de serem *racionalizantes* indica que as ideologias podem significar tentativas de conceder explicações e justificativas aceitáveis para comportamentos sociais que poderiam ser alvo de críticas, ocultando, assim, a verdade. Seus reais motivos não são perceptíveis, desta forma demonstrando que há algo de negativo acerca dessas ideias e que as mesmas encobrem e dissimulam algum motivo desonroso (EAGLETON, 2019).

Para Eagleton (2019), *legitimação* se refere ao processo através do qual um poder dirigente assegura uma aprovação à sua autoridade, destacando que um modo de dominação geralmente é legitimado quando aqueles a ele submetidos julgam seu próprio comportamento pelos critérios dos governantes. Para o autor, o conceito de *legitimação* e de *racionalização* estão associados, porque ambos podem ter algo pejorativo, necessitando tornar respeitáveis os interesses possivelmente ilícitos de um poder dirigente.

Através da *universalização*, valores e interesses próprios de uma época ou lugar são projetados como se representassem toda humanidade; do contrário, a verdade obscurecida pela ideologia se revelaria e impediria que esta fosse aceita (EAGLETON, 2019). Tem-se a representação de que ideias específicas de uma classe tomem a aparência de pertencerem a todos os indivíduos, obscurecendo a verdade dos interesses privados de classe.

No que concerne à *naturalização*, enquanto característica, as ideologias só podem ser exitosas se tornarem suas crenças naturais, fazendo-as se identificar com o senso comum de

uma sociedade, dificultando se imaginar a possibilidade de criar uma outra forma social, e construindo um conjunto de ideias e afetos dos quais não se deve falar ou pensar. A ideologia congela a história em uma “segunda natureza”, apontando-a como espontânea, inevitável e conseqüentemente imutável. A *naturalização* liga-se à *universalização*, uma vez que aquilo que é percebido como universal é amiúde tido como natural; contudo, não são características sinônimas, visto que uma atividade poderia ser considerada universal, sem, entretanto, ser julgada como natural (EAGLETON, 2019).

2.4 CRÍTICA DA IDEOLOGIA

A crítica da ideologia revela as condições que permitem que a dominação se imponha. Ela é a crítica da dominação; é um ataque a mecanismos de naturalização, os quais causam a impressão de que condições sociais são naturais e inevitáveis e, assim, se mostram como relações espontâneas (JAEGGI, 2008).

Conforme já indicado em item anterior, seguindo Chauí (2008), a ideologia burguesa irá produzir ideias que, exemplificando, levarão homens a crerem que são desiguais por natureza e talento; ou que aqueles os quais trabalham enriquecem e os preguiçosos empobrecem; ou que a permissão a todos de trabalhar concede iguais chances de uma vida de qualidade ou até mesmo de sobreviver. Oculta-se que os trabalhadores não são os senhores do seu trabalho; logo, as chances de melhorar não dependem primordialmente de suas ações ou atitudes individuais. Por esta razão, a crítica da ideologia é crucial para a compreensão da produção da forma social, na qual se incluem o trabalho, a saúde e a educação.

Assim, torna-se válido destacar que Zanella (2004) aponta a filosofia marxista como a teoria mais adequada para desvendar a ideologia, uma vez que parte do pressuposto de que a ação ou práxis social é anterior à consciência e, como toda ideologia tem uma base material, o materialismo dialético é um método de investigação que, através da análise e síntese, desvenda a maneira como funciona a ideologia.

Quem está sob influência de uma ideologia está à mercê de uma circunstância falsa e de uma igualmente falsa interpretação desta (JAEGGI, 2008). A ideologia é um produto da práxis social produzida pelos homens na sua alienação. Destarte, a crítica teórica tem a finalidade de revelar o movimento contraditório da práxis social, destacando as mediações que compõem a realidade (ZANELLA, 2004). A teoria é responsável por revelar os processos

objetivos que levam à exploração e à dominação e aqueles que levam à liberdade (CHAUÍ, 2008).

Desta forma, entendendo que o método do materialismo histórico dialético pensa a realidade a partir da práxis social, enxergando nesta as reais determinações da forma social, a crítica da ideologia é a ferramenta que desnudará as falácias que servem a uma classe dominante. Deste modo, trará à tona os verdadeiros condicionantes da forma social traduzidas na prática, fazendo sua crítica partindo da observação e análise desta prática e refutando uma falsa consciência, obliteradora da compreensão acerca da verdade vivenciada.

2.5 IDEOLOGIA E CIÊNCIA

Conforme os teóricos mencionados, entendendo que a ideologia serve a uma classe social, a saber, a burguesa, e que se opera na sociedade a dominação de tal classe, é possível relacionar a ideologia a diversos setores da produção de práticas sociais e ideias. Desta maneira, poderia ser apontada a presença da ideologia na ciência. Para garantia de seus interesses, é possível refletir que a classe dominante lançaria mão de seus pressupostos, afirmando sua hegemonia também no campo científico.

Se a ideologia possui como premissa o ocultamento de existência de classes divididas, a partir das ideias que são originadas do contexto das relações sociais, pode-se entender que a ciência, fruto das inquietações e dos questionamentos que ocorrem em meio a essas relações, pode ser por elas atravessada e influenciada. É viável acrescentar que os interesses das classes dominantes podem, também através das práticas e dos conhecimentos científicos, se tornar hegemônicos, de forma a serem naturalizados e tidos como da maioria.

Neste sentido, demonstrando que a classe dominante, com fins de assegurar seus interesses, torna comum sua lógica de pensamento, Netto e Braz (2008) discutem como conceitos e concepções favoráveis à dominação e ao capital se naturalizam, influenciando e determinando o conhecimento. Iniciam sua obra declarando que, nas teorias e ciências sociais, as polêmicas e oposições são consequência de lidarem com interesses de classes e grupos sociais, ressaltando que, em tais teorias e ciências, não existem formulações neutras ou desinteressadas. Ao discorrerem sobre a Economia Política, destacam que esta aborda questões relacionadas a interesses econômicos e sociais, salientando que as teses da Economia Política estão associadas ao interesse de classe, não havendo, assim, neutralidade, embora

possa haver objetividade, se pensarmos nos primeiros economistas políticos se debruçando sobre a emergência da sociedade burguesa nascente.

A partir dos autores, podemos relacionar a ideologia com a alienação, que, por sua vez, emerge da divisão do trabalho capitalista. O trabalho é atividade coletiva, que se realiza entre membros de uma espécie. Através dele, o sujeito transforma a natureza e se transforma e, por meio do mesmo, surge o ser social e se constitui a humanidade. O trabalho deve ser pensado como atividade exclusiva de membros de uma sociedade (modos de existir do ser social), atividade através da qual se cria a riqueza social. Com o passar do tempo, as formas de produção material da vida social e as condições materiais de existência humana se modificam e quanto mais o ser social se desenvolve, mais diversificadas se tornam suas objetivações. Em específicas condições histórico-sociais, o produto do trabalho do homem não se mostra como objetivações que exprimem sua humanidade, mostra-se como algo que pode controlá-lo, caracterizando assim a alienação, que é particular de sociedades onde há divisão social do trabalho e propriedade privada dos meios de produção, nas quais o produto do trabalho não pertence ao trabalhador (NETTO e BRAZ, 2008).

À vista disso, com o desenvolvimento do ser social, suas objetivações se complexificam, sendo postas de maneira desigual para os homens; o processo de humanização se expressa de modo desigual. Somente através da socialização que as objetivações se tornam acessíveis ao homem singular e, apenas em uma sociedade onde todos os homens possuam as mesmas condições de sociabilização, sem alienação, podem ser oferecidas a todos os meios para o desenvolvimento de sua personalidade (NETTO e BRAZ, 2008).

Destarte, pode-se observar como os conceitos dominantes permeiam a historicidade humana, definindo a lógica de condução do ser social em sociedade e suas ideias. A alienação, proveniente da divisão social do trabalho no sistema capitalista, compõe a exploração do trabalho e a ideologia dominante.

A partir deste percurso, podemos afirmar que a ideologia dominante atravessa também, portanto, a ciência, com suas concepções, para fins de assegurar a hegemonia de uma classe. A legitimação e sustentação da lógica do lucro, prevista na sociedade capitalista, também é parte da produção científica.

Na mesma direção, para Lander (2008), a ciência e a atividade de pesquisa universitária não escaparam dos avanços da lógica mercantil que invade progressivamente diversos campos da vida coletiva. Tal autor, em seu texto, explicita como a produção científica é influenciada pela lógica de mercado de indústrias farmacêuticas e da indústria

química, que controlam a divulgação de resultados de pesquisas, promovem seus produtos, concedem patrocínios, dentre outros.

O autor aponta que pesquisadores, departamentos e universidades têm interesse econômico nos resultados de pesquisas com patrocínio empresarial. Acrescenta que podem haver vieses na pesquisa, devido aos patrocinadores terem o controle sobre os resultados que devem ser publicados ou sobre os dados aos quais os pesquisadores poderão ter acesso. Em outras palavras, empresas financiam pesquisas nas quais haja maior probabilidade de resultados a elas favoráveis, evitando que resultados pouco favoráveis a seus produtos sejam divulgados. Há interesses comerciais na publicação e divulgação de artigos em revistas científicas prestigiadas e até, no que tange à indústria farmacêutica, são ocultados possíveis riscos e danos à saúde que medicamentos podem causar aos indivíduos, com fins de favorecer a respectiva empresa (LANDER, 2008).

No que se refere à agroindústria e à indústria de biotecnologia, o autor aponta que, mediante a ideologia do livre comércio e o interesse dos Estados Unidos na expansão e liderança no comércio internacional de alimentos, o governo do país não regulou a indústria biotecnológica, defendendo a ideia de que alimentos geneticamente modificados equivalem a seus homólogos naturais, ainda que em face à ausência de estudos e dados que pudessem levar à essa conclusão (LANDER, 2008).

Lander (2008) discute ainda como a figura da patente, a partir de uma série de mudanças no âmbito jurídico, se expandiu no capitalismo, englobando organismos vivos, como sementes e espécies destinadas a terapêuticas; isso implica também refletir sobre o papel da ciência no controle da produção alimentícia pelo capital e, em última instância, na concentração da propriedade agrária. Mais do que produzir meramente tecnologia, a ciência participa da própria redefinição do que constitui “invenção” e “descrição”: se a empresa introduz uma leve modificação genética no ser vivo, isso pode ser caracterizado como invenção e, portanto, se justifica o patenteamento daquele ser, assim como toda a produção agrícola ou farmacêutica fica inserida nesta lógica mercantil, incluindo procedimentos terapêuticos advindos deste processo.

Pode-se perceber, assim, a presença dos interesses da classe dominante impressos na ciência, sob a forma da lógica de mercado, que, de acordo com os pressupostos marxianos, visa a mais valia e à transformação do mundo em mercadorias. Desta forma, se expressa a ideologia nas concepções de ciência, desvelando a sua participação na reprodução e

valorização do capital e da propriedade privada permeando a lógica de uma sociedade capitalista, que prevê a dominação nas diversas esferas da sociedade.

Identifica-se, portanto, a impossibilidade de neutralidade da ciência. Tal raciocínio é corroborado pela perspectiva marxista sobre a produção do conhecimento científico, que ressalta que a neutralidade é suplantada pelo interesse de classes, onde os valores econômicos interferem inclusive na objetividade do conhecimento. A neutralidade não é possível, uma vez que o objeto de pesquisa está no campo das relações sociais. Segundo Netto (2011), para Marx, a relação sujeito/objeto consiste em o sujeito estar implicado no objeto, o que exclui pretensões de neutralidade. Sendo o sujeito parte inserida no objeto, influenciado pelas nuances que o percorrem e atravessam, é inviabilizada a neutralidade, não podendo ser esta e objetividade sinônimos.

Em contraposição, se encontra o positivismo, do qual, segundo Lowy (1987), pode-se ter como referência a figura do sociólogo Émile Durkheim, cujo método busca a objetividade através da ideia de fato social. Para observar um fato social, o sociólogo deve considerá-lo como externo, afastando as concepções, os preconceitos e as visões que este possui sobre tal fato. Neste sentido, constrói-se também a ideia de “lei social natural”, como condição para que a ciência da sociologia seja fundada (Lowy, 1987, p. 27).

O positivismo está fundamentado em determinadas proposições, dentre as quais se destaca a que menciona que as ciências devem observar e explicar os fenômenos de forma objetiva, neutra e livre de julgamentos de valor ou ideologias (LÖWY, 1987). Isto posto, destaca-se a concepção positivista de Durkheim, que ressalta a perspectiva de que a sociologia deve ser imparcial, entendendo-se que valores de classe não devem ser adotados na interpretação de fenômenos sociais; que interesses políticos não devem influenciá-la; e que o conhecimento científico é neutro. A neutralidade é destacada como único caminho para que se alcance a objetividade. Ademais, nesta ótica, a realidade deve ser vista tal qual ela é, o que significa afirmar que a verdade do objeto se encontra nele mesmo.

Uma vez que pesquisas são realizadas, tendo como ponto de partida paradigmas diferentes, há de se atentar para o tipo de construção científica a que se almeja e para a maneira que se constrói conhecimento. Em outras palavras, no positivismo, o pesquisador deve manter-se distanciado do objeto de estudo, para que se possa interpretá-lo de maneira objetiva, assumindo um posicionamento de neutralidade. As concepções do pesquisador não devem interferir no processo científico; ele deve adotar conduta imparcial frente ao objeto e procedimento científico. Nesta concepção, são possíveis a objetividade e a neutralidade na

pesquisa, sendo sinônimas. Para Lowy (1987, p. 32), no entanto, esta posição é uma mistificação ou ilusão, que pode ter como efeito a legitimação da desigualdade e da forma social tal como ela se apresenta. Para este autor, os positivistas não estão despidos de “preconceitos”: “suas análises estão fundadas sobre premissas político-sociais tendenciosas e ligadas ao ponto de vista e à visão social de mundo de grupos sociais determinados” (Lowy, 1987, p. 32).

No tocante ao materialismo histórico dialético, a existência do objeto é objetiva. Sob sua perspectiva, não é possível existência de neutralidade, pois o pesquisador está inserido no objeto, que, para Marx, é a sociedade burguesa. Em consonância com a visão marxista, é possível entender não ser factível a realização de uma ciência neutra, devido às determinações oriundas de posicionamentos, ideologias, visões de mundo, contexto social, lutas de classes, dentre outros condicionantes que atravessam o momento da pesquisa, por meio do pesquisador.

Tendo em vista as concepções e premissas do materialismo histórico dialético e toda discussão e síntese apresentadas, é possível declarar que o conhecimento científico pode ser ideológico. Desta forma, aceções de hegemonia, desigualdade e divisão de classes podem ser observadas nos produtos de uma ciência, influenciada e enviesada por valores de uma classe dominante. Se faz necessário refletir acerca das concepções e dos moldes de ciência existentes, para se pensar a realidade como relações sociais concretas, que se estabelecem em uma sociedade dividida em classes.

CAPÍTULO 3 - EMPREENDEDORISMO EM TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS DA ÁREA DE ENFERMAGEM

No capítulo 1, foi realizada a discussão acerca da temática do empreendedorismo e sua relação com o neoliberalismo; suas particularidades no Brasil; suas consequências para a formação humana; e, por fim, sua relação com a uberização e a precarização, apontando questões relativas ao campo da saúde e da enfermagem. No capítulo 2, foi apresentado o debate sobre ideologia, demonstrando sua conceituação e crítica a ela empreendida no que tange ao materialismo histórico dialético, assim como suas características e sua relação com a ciência.

Tais discussões serviram como base para a análise que se seguirá no presente capítulo desta dissertação, a qual será disposta em dois itens principais: procedimentos metodológicos e resultados do levantamento bibliográfico (item 3.1); e análise da ideologia na literatura acadêmico-científica sobre empreendedorismo em enfermagem (item 3.2).

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, sendo desenvolvida a partir de material anteriormente elaborado, composta principalmente por livros e artigos científicos (GIL, 2008). A busca de produções científicas (artigos científicos, teses, dissertações, editoriais de periódicos) que discorressem sobre empreendedorismo em enfermagem foi realizada nas seguintes bases de dados: SCIELO, LILACS, BVS e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. A busca se deu através dos seguintes assuntos/termos, combinados à palavra “enfermagem”: “empreendedorismo”, “empreendedor”, “empreender”, “empreendimento”, “negócios”. Foram selecionados apenas textos acadêmicos completos.

O recorte temporal utilizado para busca das produções foi do ano de 2008, marco de fundação da figura de Microempreendedor Individual (MEI), através da Lei Complementar 128, de 19 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008), até o fim do 1º semestre do ano de 2020, período final do levantamento.

Foi estabelecido o seguinte critério de exclusão: produções em língua estrangeira e que fossem relativas a cenário estrangeiro, bem como produções cujo tema de discussão não fosse empreendedorismo de negócios. A não inclusão de produções que não abordassem

empreendedorismo de negócios se deu pela pretensão inicial de abranger e discutir questões mais específicas ao campo do trabalho, sobretudo no que se refere à formação de empreendimentos no campo da enfermagem. Tal lógica também justifica a adoção do ano de fundação do MEI como referência inicial para o recorte temporal da pesquisa.

Após seleção das produções, as mesmas foram lidas na íntegra e a essas foi aplicada uma matriz de análise, com as seguintes informações: nome do periódico, título e gênero textual da produção, autor principal e respectiva formação, objetivo(s), conclusões/considerações finais, ano de publicação. Tal matriz subsidiou a análise, identificando as produções e os aspectos relevantes destas, auxiliando na realização de categorização das produções, as quais apresentaremos mais adiante.

Classificar elementos em categorias requer investigação do que cada um tem em comum, o que permitirá seu agrupamento (BARDIN, 2016). As produções foram organizadas através da técnica de Análise de Conteúdo, para fins de realização da crítica da ideologia presente nas mesmas, segundo a tradição marxista. Tal organização deu origem a uma grade de análise, APÊNDICE A, contendo trechos dos textos que caracterizassem definições de empreendedorismo, razão para empreender, configuração do trabalho em saúde, atividades de empreendedorismo em enfermagem e concepção de educação e formação em enfermagem, subsidiando a elaboração de dimensões de análise e posterior discussão acerca do conteúdo das produções.

Conforme já exposto no capítulo 2, nosso método foi a crítica da ideologia, com a finalidade de identificar ocultamentos da realidade presente nas produções científicas sobre empreendedorismo em enfermagem. Tomamos como ponto de partida a seguinte definição de ideologia: ideias e processos discursivo-culturais que auxiliam na legitimação dos interesses de uma classe dominante, através da distorção e da dissimulação, mesmo que trabalhem com elementos verdadeiros e factuais da realidade social. Como forma de descrever tais ocultamentos, utilizaremos como base as características da ideologia propostas por Eagleton (2019): *orientação para a ação, naturalização, universalização, legitimação, racionalização e unificação*.

A partir destes critérios e percurso metodológico, foi possível encontrar, através das buscas nas bases de dados mencionadas, considerando os termos então destacados, combinados à palavra enfermagem, 272 produções. Assim, através da base de dados SCIELO, observou-se 34; destas, 11 apresentaram aderência ao estudo. Na base de dados LILACS, foi encontrado um total de 83, sendo 24 artigos compatíveis com a análise desta pesquisa. No

Banco de teses e dissertações da CAPES, identificou-se um universo de 71 produções, das quais 13 apresentam relevância para esta investigação. Por fim, na base de dados BVS, foi encontrado um total de 84, com 25 passíveis de análise (ver Tabela 1). Faz-se mister ressaltar que, neste momento, a contabilização do número de produções de importância para o estudo desconsiderou a duplicidade/repetição das mesmas em ocorrência nas referidas Bases de Dados e nos diferentes termos, associados à palavra “enfermagem”, sendo feita esta diferenciação posteriormente.

Tabela 1 – Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por base de dados.

Base de dados	Total geral de produções	Total de produções utilizadas
Scielo	34	11
Lilacs	83	24
Banco de teses da Capes	71	13
BVS	84	25
Total	272	73

Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

No tocante aos tipos de produções, desta feita não considerando duplicidades, chegamos ao número de 9 artigos, 2 editoriais de periódicos, 3 dissertações, 1 tese, totalizando 15 produções, que, por sua vez, classificamos de acordo com gêneros textuais (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por gênero textual.

Gênero de texto	Total
Artigos	9
Editoriais de periódicos	2
Dissertações	3
Tese	1
Total	15

Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

As publicações podem ser visualizadas, de forma geral, (título, gênero do texto, ano de publicação, periódico ou instituição responsável pela publicação, autor principal e formação do autor principal) no quadro apresentado (ver Quadro 1).

Quadro 1- Publicações por título, gênero do texto, ano de publicação, periódico ou instituição responsável pela publicação, autor principal e formação do autor principal.

TÍTULO	GÊNERO DE TEXTO	ANO	PERIÓDICO/ INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	AUTOR PRINCIPAL	FORMAÇÃO DO AUTOR PRINCIPAL
Educação empreendedora na formação de enfermeiros.	Dissertação	2014	Site da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)	José Carlos Ferreira Couto Filho	Enfermeiro
Empreendedorismo: um pensamento fora da caixa.	Dissertação	2017	Fonte não identificada*	Evandro Rodrigues	Formação não identificada**
Características e habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional.	Dissertação	2016	Página da UFRJ	Paula Rocha Louzada Villarinho	Enfermeira
Educação empreendedora: contribuições para a formação do perfil empreendedor de alunos da enfermagem.	Tese	2019	Biblioteca digital da USP	Helcimara Affonso de Souza	Graduação em Administração
A enfermagem no contexto sociopolítico e econômico contemporâneo: estímulo ao empreendedorismo privado e/ou fortalecimento do empreendedorismo social?	Editorial	2019	Revista de Enfermagem e Atenção Básica – UFMT	Alisson Fernandes Bolina	Enfermeiro
Empreendedorismo na Enfermagem Mineira.	Editorial	2013	Revista Mineira de Enfermagem	Rubens Schröder Sobrinho	Enfermeiro
Empreendedorismo de negócios e	Artigo	2019	Revista Brasileira	Rosana	Administradora.

TÍTULO	GÊNERO DE TEXTO	ANO	PERIÓDICO/ INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	AUTOR PRINCIPAL	FORMAÇÃO DO AUTOR PRINCIPAL
Enfermagem: revisão integrativa.			de Enfermagem	Maria Barreto Colichi	(Mestrado e doutorado em enfermagem)
Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo.	Artigo	2015	Revista Brasileira de Enfermagem	Andréia de Carvalho Andrade	Enfermeira
Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor?	Artigo	2009	Revista Brasileira de Enfermagem	Paulo Fernando Roncon	Enfermeiro
Os sentidos de ser enfermeiro estomaterapeuta: complexidades que envolvem a especialidade	Artigo	2020	Revista Estima: Revista da Associação Brasileira de Estomaterapia	Carolina Cabral Pereira da Costa	Enfermeira
A trajetória de enfermeiros empreendedores paulistanos na década de 1980: nota prévia.	Artigo	2012	História da Enfermagem: Revista Eletrônica	Andréia de Carvalho Andrade	Enfermeira
Processo de concepção de uma tecnologia para o cuidado em enfermagem e saúde.	Artigo	2016	Ciência, Cuidado e Saúde	Denise Cristina Alves de Moura	Enfermeira
Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas.	Artigo	2013	Cogitare Enfermagem	Joice Aparecida de Moraes	Enfermeira
Empreendedorismo na enfermagem: comparação com outras profissões da saúde.	Artigo	2018	Revista Eletrônica de Enfermagem	Rosana Maria Barreto Colichi	Administradora (Mestrado e doutorado em enfermagem)
O empreendedorismo de negócios entre enfermeiros.	Artigo	2018	Revista Enfermagem UERJ	Sabrina de Cássia Chagas	Enfermeira

*Não foi possível identificar o periódico ou instituição responsável pela publicação a partir da busca.

**Não foi possível identificar a formação do autor principal, ainda que realizada a busca do currículo lattes do mesmo, na Plataforma Lattes.

Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

Quanto ao ano de publicação das produções, mantém-se uma linearidade e persistência em publicações sobre o tema, com um aumento identificado no ano de 2019 (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por ano.

ANO	TOTAL
2009	1
2012	1
2013	2
2014	1
2015	1
2016	2
2017	1
2018	2
2019	3
2020	1
Total	15

Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

No que se refere aos periódicos, observa-se uma maior concentração de publicações na Revista Brasileira de Enfermagem (ver Tabela 4), da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), o mais antigo periódico da Enfermagem brasileira. Embora não estejamos avaliando propriamente dados quantitativos e tampouco a natureza de cada periódico, este destaque nos chama a atenção por indicar uma valorização do tema “empreendedorismo e enfermagem” pelos pesquisadores da área.

Tabela 4 – Produções sobre empreendedorismo em enfermagem por periódico e instituição responsável.

PERIÓDICO/ INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL PELA PUBLICAÇÃO	TOTAL
Revista Brasileira de Enfermagem	3
Site da UESB	1
Biblioteca digital da USP	1
Revista Estima: Revista da Associação Brasileira de Estomaterapia	1
Revista de Enfermagem e Atenção Básica – UFMT	1
História da Enfermagem: Revista Eletrônica	1
Revista Enfermagem UERJ	1
Revista Mineira de Enfermagem	1
Revista Eletrônica de Enfermagem	1
Ciência, Cuidado e Saúde	1
Cogitare Enfermagem	1
Página da UFRJ	1
Fonte não identificada*	1
Total	15

*Não foi possível identificar o periódico ou instituição responsável pela publicação a partir da busca.
Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

No que tange à formação do autor principal, observou-se predominância de enfermeiros, o que revela que esta foi a categoria profissional que mais produziu cientificamente sobre o tema empreendedorismo e enfermagem. Contudo, é relevante apontar um total de 3 produções com autor principal apresentando formação em administração (ver Tabela 5). Ao observar o currículo lattes dos mesmos, foi possível identificar que apresentam alguma aproximação com a classe da enfermagem, tendo formação colateral na área ou atuação profissional proximal à mesma.

Tabela 5 – Formação do autor principal das produções sobre empreendedorismo em enfermagem.

FORMAÇÃO DO AUTOR PRINCIPAL	TOTAL
Enfermeiro	11
Administrador	3*
Formação não identificada**	1
Total	15

* O total de 3 autores administradores representa 2 autores diferentes, devido a um dos autores mencionados ser responsável por 2 produções.

**Não foi possível identificar a formação do autor principal de uma das produções, ainda que realizada a busca do currículo lattes do mesmo, na Plataforma Lattes.

Fonte: A Autora – Dados da pesquisa.

Assim, observa-se uma distribuição do tema entre distintos periódicos, apesar de um número relativamente maior de publicações na mais importante revista brasileira de enfermagem, o que indica uma capilaridade do tema em veículos acadêmicos. Além disso, ocorre uma distribuição das produções ao longo dos anos, o que demonstra uma persistência da temática. Somado a isso, apesar de haver uma maior concentração de produções no gênero textual “artigo”, há de se observar que a temática já gerou textos como editoriais, teses e dissertações, o que também aponta para uma sustentação ampla da temática no espaço acadêmico.

3.2 ANÁLISE DA IDEOLOGIA NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA SOBRE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM.

Para fins de análise dos textos científicos, procedeu-se à elaboração de três dimensões de análise, que permitiram observar e classificar os conteúdos das produções. Foram construídas, assim, as seguintes dimensões: 1) definições de empreendedorismo, na qual foram agrupados aspectos conceituais sobre o tema; 2) empreendedorismo e trabalho em enfermagem, que permitiram elencar, considerando os impasses concernentes à atual configuração do trabalho em saúde destacados pelos textos, os motivos para empreender no campo da enfermagem, assim como as atividades empreendedoras possíveis de serem desempenhadas pelo profissional da área; e por fim, 3) empreendedorismo e concepções de educação e formação em enfermagem, que destacaram os aspectos relacionados à educação, tanto profissional quanto geral, constantes nas publicações.

A partir destas dimensões, procedemos à análise dos processos e efeitos ideológicos, recorrendo, em particular, ao vocabulário proposto por Eagleton (2019), discutido no item 2.3 do capítulo “Ideologia” e já mencionado no início do presente capítulo.

3.2.1 Dimensão 1 – Definições de Empreendedorismo

Na dimensão “Definições de Empreendedorismo”, foi possível observar a recorrência de quatro temas - a saber, risco, inovação, produção de riquezas e aproveitamento de oportunidade. Tais temas serão apresentados a seguir e discutidos a partir da crítica da ideologia.

3.2.1.1 Risco

Na dimensão “Definições de Empreendedorismo”, destacamos trechos e citações que descrevem e conceituam o “empreendedorismo” e o “empreendedor” sustentadas na noção de risco. Quanto ao empreendedorismo, este foi descrito como:

Um movimento gerado pela pessoa empreendedora que tem como características a coragem para assumir riscos, a visão diferenciada das situações, a criatividade para criar e a inovação para construir algo novo mediante uma oportunidade (VILLARINHO, 2016, p. 29).

Ainda apresentando definições semelhantes, mas, desta feita, caracterizando a figura do empreendedor, tem-se:

Pessoa que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento. Faz referência a pessoas visionárias, capazes de obter lucro a partir do surgimento de oportunidades, assumindo os riscos do negócio (RODRIGUES, 2017, p. 13).

O empreendedor, por definição, tem de assumir riscos, e seu sucesso está em sua capacidade de conviver com eles e sobreviver a eles. Os riscos fazem parte de qualquer atividade e é preciso aprender a administrá-los. O empreendedor não é malsucedido nos seus negócios porque sofre revezes, mas porque não sabe superá-los (RONCON; MUNHOZ, 2009, p. 696).

Conforme pode ser observado, a noção de risco foi recorrente nos trechos destacados. Nesta perspectiva, são transferidas ao empreendedor todo o risco e as consequências relacionadas às suas atividades e ações visando o lucro, bem como seus insucessos, quaisquer

que sejam; associa-se a figura do empreendedor à responsabilidade pelos riscos provenientes das ações ditas empreendedoras que este venha a desempenhar. Tal lógica, introduzida pelo economista irlandês Richard Cantillon, relativa ao indivíduo empresário, que assumia os riscos da incerteza de suas ações em termos de oscilações de oferta e demanda (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011), conforme apresentado no capítulo 1, é claramente reproduzida aqui. Apresentar o empreendedor como responsável direto pelos riscos do possível insucesso de suas atividades configura pressupostos e diretrizes de um sistema capitalista, que, por meio da ocultação da realidade, coloca sobre os negócios a inerência relativa aos riscos e não explica que os obstáculos à obtenção de êxito são provenientes das desigualdades da forma social do capital.

Tais fragmentos revelam a repetição, constância e, pode-se assim dizer, perpetuação de uma perspectiva que traduz a evitação dos riscos determinados por uma forma social - a saber, a capitalista - como insucesso e incompetência individual. A assunção de riscos compreende, nestes termos, algo de responsabilidade direta do empreendedor, quando, na verdade, os riscos presentes em qualquer atividade dita econômica e profissional advêm de uma sociedade e sua estrutura (capitalista), baseada na desigualdade e na concentração de recursos, que geram sucessivas desproteções ao trabalhador-empendedor.

Segundo este processo ideológico, a possível superação dos riscos se dá através de ações do indivíduo mais capacitado para lidar com tais situações, o qual gozará de suas recompensas por tal êxito, ressaltando, assim, a lógica da meritocracia. Individualizam-se questões não individualizáveis, pois não são pertinentes ao individual, mas à constituição de um fundamento societário e seus parâmetros.

Nesta lógica, observa-se a *orientação para a ação* (Eagleton, 2019): almejam-se mudanças sociais efetivas nas formas de contratação e de venda da força de trabalho pelo indivíduo, mudanças que não se restringem ao “campo das ideias”, mesmo que em direção a uma suposta superação de riscos que não cabem simplesmente ao indivíduo. Tal ideologia, que *naturaliza* os riscos como condição humana e culpabiliza o empreendedor pelo insucesso, encobre que este indivíduo - que atua por conta própria, na venda de serviços os quais nada mais são que sua força de trabalho, sem garantias de direitos - não possui recursos financeiros, logísticos e operacionais de um grande capitalista para condução de uma “empresa” e evitar sua “quebra”, sobretudo numa conjuntura de crise do capital. Aliás, arriscar-se, em uma sociedade baseada na desigualdade social e na luta de classes, torna-se uma tônica apenas para a classe trabalhadora, destituída cada vez mais de direitos e oportunidades, embora a

valorização do risco empreendedor busque *unificar* classe trabalhadora e classe burguesa. Assim, também a ideologia opera, aqui, suas falácias através da *racionalização*, construindo uma espécie de argumentação em torno de uma lógica do risco e da necessidade de condições para superá-los. Por fim, a *universalização* do risco como traço de desenvolvimento humano constitui também uma *legitimação* da forma social tal como ela se apresenta.

3.2.1.2 Inovação

Dentre as definições de “empreendedorismo” e “empreendedor” encontradas nas produções científicas analisadas, o tema “inovação” também foi recorrente. Nas definições de empreendedorismo, destacamos:

Empreendedorismo ou “espírito” empreendedor pode ser definido como o ato de criar um recurso, ou seja, encontrar um uso para alguma coisa na natureza e assim, dotá-lo de valor econômico (FILHO, 2014, p. 21).

Contexto das ações empreendedoras que resulta na incorporação de novos conhecimentos, produtos, serviços e processos de atendimento às necessidades dos clientes em um método contínuo de busca de qualidade para o alcance das necessidades emergentes (MOURA et al., 2016, p. 774).

Nos trechos acima, repetem-se as conotações referentes à criação e à inovação (“criar”; “novo”), como instrumentos para geração de valor e atendimento às necessidades de outrem. A referência ao novo se faz uma tônica, demonstrando uma preocupação e inquietação em torno do já existente, como uma fuga de antigas estruturas ou busca incessante por supostas novas referências. A estima à inovação e ao processo de valorização demonstra o quanto são tomadas como premissa e condição para a forma capitalista – sempre buscando se renovar a partir de suas inúmeras “mortes” - e o quanto o denominado empreendedorismo é um dos espaços em que isso se dá.

Tal apelo é claramente identificável na defesa das novas formas de trabalho, enaltecendo-as. Não é de causar surpresa que as práticas que o empreendedorismo evidencia são aquelas voltadas para a extrema precarização do trabalho, destacando a necessidade de polivalência do trabalhador, que deve possuir o “espírito empreendedor”. Este o permitirá criar

e não continuar em um padrão, por exemplo, de trabalho celetista⁴ ou no funcionalismo público de regime estatutário, com fins de ter mais autonomia, liberdade, possibilidade de maiores ganhos financeiros e melhor administração do seu tempo. Trataremos mais propriamente dessa discussão na segunda dimensão (item 3.2.2).

Ainda a respeito de inovação, podemos perceber sua constância também nas definições de empreendedor:

O empreendedor é a essência da inovação mundial, que torna obsoletas as antigas maneiras de fazer negócios (RODRIGUES, 2017, p. 14).

Segundo alguns autores, ser empreendedor é ser capaz de protagonizar novos campos e práticas de atuação profissional (MOURA et al., 2016, p. 774).

Ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias próprias, característica de personalidade e comportamento que nem sempre é fácil de encontrar (RONCON; MUNHOZ, 2009, p. 696).

Um dos primeiros autores a conceituar o que é o empreendedor, o descreve como aquele que cria novos, e/ou renova processos tradicionais. Ainda complementa que o empreendedor é aquele que produz novas ideias e consegue programar o novo (CHAGAS et al., 2018, p.2).

É clara a persistência do tema inovação na ideologia empreendedora, característica ressaltada pelos trechos dos textos científicos em análise. É possível também perceber, além do já mencionado, que a discussão de inovação, assim como a de risco, apresenta conexão com a lógica de qualidades e atributos próprias de um indivíduo, levando à compreensão que a capacidade de criar e inovar são requeridas para que alguém seja considerado um empreendedor.

Na verdade, o trabalhador-empreendedor não é a essência da inovação mundial: ele ocupa uma posição subordinada no sistema de classes, que, através da distorção e da dissimulação, oculta a perversidade das estratégias de uma classe dominante que pretende *legitimar* os seus próprios interesses. Para compreensão do real, é necessário analisar essas ideias dentro de seu contexto histórico e não desistoricizá-las, o que permitirá que essas assumam outra conotação e sentido, desfavorecendo uma falsa consciência da realidade.

⁴ O trabalho celetista configura aquele regido pelas regras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Tal relação de emprego, chamado trabalho formal, pode ser observada nos casos de empregador público ou privado, apresentando, assim, o trabalhador o registro em carteira de trabalho. Nesta modalidade, o profissional tem direitos trabalhistas assegurados. Uma das diferenças deste regime com o estatutário (composto por regras que regem a relação entre o Estado e o servidor público) é a inexistência de garantia de estabilidade no emprego.

Exaltar a inovação e a criação de novas práticas e campos de atuação profissional é falsear a realidade, é esconder um cenário de sucessivas perdas de conquistas dos trabalhadores⁵. O apreço pela inovação, crucial para a criação da mercadoria para valorização do capital, aponta para o crescente uso e desenvolvimento da tecnologia, que permite, facilita e aumenta, em larga escala, a produção. Busca-se diminuir a dependência do capital em relação à força de trabalho, objetivo que nunca é atingindo plenamente, mas que acaba tornando mais expressivo o enxugamento de postos de trabalho e, conseqüentemente, o desemprego, gerando um ciclo de *legitimação* da ideologia empreendedora.

O processo de *legitimação* ideológica aqui ocorre por meio da *racionalização*, pela qual se busca explicar o inexplicável: a construção de argumentos que justifiquem a busca incessante por colocação no mercado de trabalho, tarefa diante da qual o trabalhador, muitas vezes, não obterá sucesso, devido ao desemprego estrutural. A *racionalização* contribui para que o trabalhador seja levado a ver como possibilidade toda sorte de estratégias “inovadoras”, a fim de obter o que necessita para sua subsistência, diante da realidade concreta do desemprego.

Os trechos dos textos analisados trazem a conotação de que toda inovação humana é relativa e equivalente ao empreendedorismo. Isto é um engano, pois a história humana não se resume à forma capitalista. É impressa a ideia de que o *universal e natural* do homem – que é um ser do trabalho e, portanto, em constante reconstrução de si mesmo – é o ser capitalista. Subentende que, se a forma social deixar de ser capitalista, não haverá mais inovação. Ou seja, é um processo de *universalização e naturalização* do empreendedorismo. É torna-lo a estratégia que representa a todos, de forma *unificada*, como um senso comum, ocultando a realidade.

Como veremos a seguir, o tema inovação está interligado à produção de riquezas, que também foi observado como recorrente nas produções científicas.

⁵ Este cenário de perdas de conquistas dos trabalhadores é protagonizado, por exemplo, por uma política voltada a sucatear os direitos protetivos destes, os quais foram conquistados a partir de constantes lutas. O Estado, neste sentido, é representante da classe dominante, voltado a assegurar seus interesses (CHAUÍ, 2008). A questão do Estado não foi abordada diretamente nesta dissertação, mas é importante ressaltar que este desempenha papel central na política que orienta as relações de trabalho, como também na gestão jurídica do todo da sociedade capitalista.

3.2.1.3 *Produção de riquezas*

No tocante ao empreendedorismo, o tema da produção de riquezas também foi encontrado, mas o mesmo não foi observado na relação direta com a definição de empreendedor, só com a de empreendedorismo. Assim, destacam-se os seguintes trechos:

Para alguns autores, o empreendedorismo consiste em um conjunto de práticas adotadas com a finalidade de garantir a geração de riqueza e o melhor desempenho das sociedades (COLICHI et al., 2019, p. 336).

Criação ou aperfeiçoamento de algo, com o intuito de propiciar benefícios para os indivíduos e para a sociedade, tendo avançado nas últimas décadas em decorrência das transformações econômicas, inovações tecnológicas e da globalização (COSTA et al., 2020, p.8).

É o processo de fazer algo novo (criação) e/ou algo diferente (inovação), com o propósito de criar riqueza para o indivíduo e agregar valor para a sociedade (ANDRADE; SANNA, 2012, p. 94).

O empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, leva a transformação de ideias em oportunidades. Este processo de fazer algo novo (criação) e/ou diferente (inovação) tem como objetivo criar riqueza para o indivíduo e também agregar valor para a comunidade local e a sociedade (VILLARINHO, 2016, p. 19).

Destacam-se, nessas citações a respeito do empreendedorismo, ecos e monotonia no que se refere à geração de riqueza e benefícios para indivíduos e para a sociedade. Observa-se categoricamente que o ato de empreender é apresentado como possuidor de um objetivo premente: a produção de riqueza nos termos da forma social capitalista.

Ao ser apontado o empreendedorismo como instrumento de geração de riquezas e desenvolvimento das sociedades, podemos observar um falseamento da realidade: o empreendedorismo é uma resposta à crise do capital, na qual é necessária maior e progressiva exploração do trabalhador para que a mais valia e o lucro da classe dominante sejam garantidos. Desta forma, tal classe é a única favorecida com a riqueza gerada. Através desta operação, observa-se e contempla-se a tentativa de *racionalização* deste processo, uma vez que uma explicação e razão socialmente aceitáveis são concedidas à então perversa e aviltante lógica.

As ideias não podem ser tidas autonomicamente. É preciso contextualizar as desigualdades sociais e compreender que em um sistema que tem como pressuposto a luta de classes, a riqueza é gerada com objetivo de prover lucro, mais valia ao grande capitalista, que

se utiliza da exploração do trabalho, para alcançar sua meta. Quando se *naturaliza* e *universaliza* a ideia que empreender é gerar riqueza ao indivíduo e bem à sociedade, oculta-se que esta forma de trabalho precarizada é a expressão da expropriação dos direitos da classe trabalhadora e sua exploração. Ainda cabe mencionar que essa apresentação do empreendedorismo como fonte geradora de riqueza à sociedade, onde todos contribuem para o crescimento e desenvolvimento desta, na verdade *unifica* as classes, trazendo uma falsa harmonia social e obscurecendo que a apropriação das riquezas produzidas é privada.

3.2.1.4 Aproveitamento de oportunidades

Não se mostra menos relevante o tema “aproveitamento de oportunidades”, ressaltado nas amostras abaixo, sobre a definição de empreendedorismo:

O empreendedorismo se configura como um dos principais fatores promotores do desenvolvimento econômico e social de um país e sua operacionalização se evidencia a partir da identificação de oportunidades e da concretização do processo de transformação entre possibilidades e atividades potencialmente lucrativas (SOBRINHO, 2013, p. 749).

Ciência que estuda os atributos inerentes ao profissional de sucesso e sua visão de mundo, possuidor de uma atitude proativa e ética, capaz de ler, interpretar e trabalhar as demandas e necessidades sociais e mercadológicas latentes, na incansável busca pelo aprimoramento de seu expertise, estar receptivo à novas oportunidades e crer que a inovação, a persistência e o comprometimento são as alavancas motivadoras desta engrenagem (SOUZA, 2019, p. 82).

Nestes trechos, demonstra-se como pressuposto à ação de empreender, a atenção às oportunidades, sendo estas o combustível e o instrumento para o seguimento de transformações, criações, enriquecimento, lucratividade. A ideologia empreendedora incentiva, nestes termos, o aproveitamento de oportunidades, que pode significar o não desperdício das possibilidades que apareçam ou estejam disponíveis para fins de obtenção de renda e meios de sobrevivência (uma vez que não há garantia de emprego), investindo em novos campos/nichos profissionais, assim como fazendo uso das oportunidades para criar e inovar.

No entanto, no capitalismo, isso dá origem a novos meios para a geração de lucro e produção de riqueza ao capitalista, tornando ainda mais expressiva a desigualdade social. Quanto a isso Costa, Barros e Carvalho dizem (2011, p. 183):

Para que uma sociedade fundamentada em um mercado livre seja capaz de produzir mais riqueza, torna-se premente a existência de indivíduos capazes de criar e aproveitar oportunidades, melhorar processos e inventar negócios.(...)Os empreendedores são concebidos como indivíduos que impulsionam a máquina capitalista, ao prover novos bens de consumo, além de métodos inovadores de produção e transporte, com a inequívoca função social de identificar oportunidades e convertê-las em valores econômicos. Desta feita, o empreendedorismo apresenta-se como fundamental para o desenvolvimento econômico, potenciando lucros por intermédio de uma “visão” ou um “espírito” muitas vezes mais pessoal do que coletivo (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011, p. 183).

Desta forma, é ressaltada uma economia de mercado, na qual produtos que possuam um valor de uso são criados, para que, a partir de sua compra e venda – lembrando que o trabalhador, além de produzir os mesmos com sua força de trabalho, também é consumidor - o capitalista obtenha mais lucro.

Podemos também acrescentar que tais indivíduos empreendedores, dotados de capacidade criativa, ao inovarem e criarem sua “empresa”, atuam como instrumentos utilizados pelo grande empreendedor como forma de baratear o processo produtivo deste, uma vez que é terceirizado, para essas pequenas empresas, parte desse processo - realizado com custo da força de trabalho reduzido, tornando o processo produtivo menos oneroso ao capitalista e aumentando seu lucro. Tal contexto ludibria o pequeno empreendedor com a visão de estar sendo bem-sucedido em seu empreendimento, quando, na verdade, permanece em uma estrutura de exploração aprofundada e intensificada. Observa-se mais uma vez, portanto, no aproveitamento de oportunidades, um processo de *unificação* ideológica das classes, que busca amalgamar os interesses entre burguesia e trabalhador.

Ao discorrer acerca das construções ideológicas que circundam o empreendedorismo, é pertinente salientar, mais uma vez, que associar a figura do empreendedor a uma imagem de sucesso, no caso pelo aproveitamento de oportunidades, oculta que, na realidade, a ideologia do empreendedorismo é voltada a mascarar o grave problema social da presença do desemprego e condições precárias de trabalho.

Neste sentido, o empreendedorismo acaba sendo apresentado como falsa solução a essa questão; desta forma, enaltece-se a figura do empreendedor, quando na verdade muitos destes não se enveredam no empreendedorismo por oportunidade, mas sim por necessidade, sendo uma espécie de *racionalização* dos reais motivos nefastos para alguém procurar empreender. Vemos, assim, considerando as características da ideologia propostas por Eagleton (2019), sua operação através da *racionalização*, que traduz a subordinação e mesmo o desespero do trabalhador como aproveitamento de oportunidade, obscurecendo, ainda, as reais determinações da forma social.

Esta ideologia, em um contexto de desemprego, *orienta a ação* do indivíduo, que, convencido de que atuar em novos campos profissionais configura um fator positivo, é impulsionado a enveredar-se em toda sorte de possibilidades de trabalho, muitas vezes potencializando sua exploração⁶. Ademais, ao se mencionar o empreendedor como aquele que possui proatividade, que busca especializar-se e está aberto a novas oportunidades, observa-se a ideologia que estimula o “espírito empreendedor” e *orienta a ação* deste trabalhador a inovar e a constantemente buscar novas habilidades para fins de ser bem-sucedido.

3.2.2 Dimensão 2 – Empreendedorismo e Trabalho em Enfermagem

Esta dimensão destaca o que há de ideológico, nas produções científicas analisadas, naquilo que concerne ao trabalho em saúde e à sua configuração; as razões que impulsionariam o profissional de enfermagem a empreender; e as atividades destacadas como possibilidade de empreendimento.

3.2.2.1 Configuração do trabalho em saúde.

Neste item, discutimos como a ideologia é operada em função da organização do trabalho em saúde contemporâneo, sobretudo aquele das categorias de enfermagem. Sobre este tema, destacam-se os seguintes segmentos, que descrevem o trabalho em saúde hoje e suas problemáticas:

Observa-se atualmente no Brasil um cenário de intensiva mercantilização do setor da saúde e de transferência de fundo público para o setor privado, o que vem ditando novos rumos ao mercado de trabalho do enfermeiro, rumos estes que devem ser levados em consideração pelos futuros profissionais. A contratação indireta, que utiliza modelos de contratos de gestão através de Organizações Sociais de Saúde (OSS), é um fenômeno que vem ocupando espaço na Administração Pública brasileira. A adoção desse instrumento tem sido associada: aos limites à contratação de servidores públicos impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal, à flexibilização da gestão dos recursos humanos e ao aprimoramento da gestão (planejamento, avaliação ou prestação de contas). Contudo, a vinculação da remuneração de profissionais de saúde a indicadores de desempenho, apesar de ser mais um dispositivo de melhoria da qualidade nos serviços de saúde, na prática, pode resultar em menor remuneração ao enfermeiro contratado pela OSS (COLICHI et al., 2019, p. 336).

⁶ É oportuno acrescentar que tal ideologia se universaliza e legitima também em um contexto de pandemia de covid-19, no qual a crise se intensifica e recai de maneira mais perversa sobre a classe mais vulnerável, os trabalhadores. Oportunidades de emprego praticamente inexistentes, ou existentes de forma desprotegida e ainda mais precária, mortes em números assombrosos, aumento da miséria, desemprego e demissões em larga escala, falências de empresas: este pode ser o cenário perfeito para o fortalecimento de tal ideologia.

Os resultados do estudo revelaram que a atividade empresarial em enfermagem é uma realidade mais presente na atualidade, destaca-se o registro de 170 (86,7%) empresas na última década para atividade de enfermagem. Esse aumento pode estar associado à insatisfação no trabalho, necessidade de melhores ganhos ou mesmo a busca de novas perspectivas associada ao desenvolvimento de um perfil empreendedor (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015, p. 44).

A atividade autônoma e empreendedora tem adquirido maior amplitude na prática da enfermagem com o surgimento dos primeiros “consultórios e clínicas” de enfermagem, serviços que foram criados com o propósito de desenvolver os cuidados que podem ser realizados em ambiente extra-hospitalar e, inclusive, aqueles relativos aos cuidados especializados, destacando-se os que necessitam de um saber específico e, por vezes, centrado em aspectos não tão amplamente divulgados, como a estomaterapia (COSTA et al, 2020, p. 8).

De maneira sucinta, podemos resumir que as medidas de austeridade (pelo modelo neoliberal de assistência à saúde), associadas à desregulamentação das leis trabalhistas, em meio à grave crise econômica, não só desconstituem a ideia de justiça social como infringem os princípios e diretrizes fundamentais de um sistema de saúde universal. Neste contexto sociopolítico e econômico, o profissional de enfermagem vivencia uma inevitável insegurança. Ainda são desconhecidos os impactos dessas mudanças, porém estima-se que o sucateamento do SUS e o estímulo à privatização da saúde comprometam a sustentabilidade hegemônica empregatícia do setor público de saúde, o que afetará substancialmente a participação da enfermagem, uma vez que corresponde a maior força de trabalho em saúde no Brasil. A redução de direitos e de proteção social aos trabalhadores pode agravar ainda mais os desafios históricos em relação ao trabalho da enfermagem: extensa jornada de trabalho; vínculos empregatícios fragilizados; e discrepância salarial em relação aos demais profissionais de saúde, expressos por subjornadas, subsalários e subempregos. Arelados a isso, podemos destacar também o elevado grau de insegurança e violência no ambiente de trabalho, a ausência de infraestrutura adequada para descanso e a falta de assistência, inclusive quando esses profissionais adoecem por condições de trabalho (BOLINA, 2019, p. 1,2)

Apesar de não haver especificamente e tão nitidamente uma repetição exaustiva de temas tratados, vemos a constância da apresentação de dificuldades vivenciadas pela classe da enfermagem, oriundas das consequências impostas por um modelo neoliberal. Trata-se de aspectos relacionados à total precarização do trabalho, a partir de iniciativas próprias do neoliberalismo, como a privatização da saúde, a desregulamentação das leis trabalhistas, a redução dos direitos do trabalhador, a extinção do serviço/servidor público, a baixa remuneração ao profissional, e o vínculo empregatício frágil.

Arelado a isso, foi possível observar o destaque ao empreendedorismo, sendo este apontado, nessas publicações, como uma atividade em ascensão na enfermagem, sobretudo a partir dos consultórios de enfermagem⁷. É ressaltado que o aumento do envolvimento e

⁷ Os consultórios de enfermagem são regulamentados pela Resolução Cofen 568/2018 e a prática de consultas de enfermagem é um direito do profissional enfermeiro, garantido pela Lei 7.498/86, art. 11, inciso I, alínea “i”; pelo Decreto 94.406/87, art. 8º, inciso I, alínea “e”; pelo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem; e normatizada pela Resolução Cofen 358/2009 (COFEN, 2020).

investimento do enfermeiro em atividades ditas empresariais se deu por insatisfações quanto ao trabalho e à remuneração – realidades baseadas em experiências efetivamente concretas destes profissionais - e pela busca de novas oportunidades.

A conjugação entre a precarização do trabalho e o empreendedorismo tem como resultante a apresentação deste como solução para o desemprego, para os baixos salários, para a redução de direitos e para outras realidades já postas. Porém, lembramos que a ideologia é operada no sentido de ocultamento de que o empreendedorismo é mais uma face da exploração do trabalhador, embora sua defesa, nestes trechos, se sustente exatamente na ausência de direitos, na insegurança trabalhista, na jornada de trabalho definida, e na falta de garantia de remuneração e salário e de inserção no mercado de trabalho. É apresentado como oportunidade inovadora e revolucionária de atividade profissional, quando na realidade ocorre uma *racionalização*: a afirmação da ideologia possui base na realidade, pois há uma precarização concreta do trabalho em saúde; contudo, a explicação e justificativa concedidas pela ideologia são equivocadas.

Nesse contexto, também é possível observar que ocorre uma *naturalização* e *universalização* da precarização e do desemprego, como se fora condição essencial a qualquer sociedade humana. O desemprego é tido como inevitável e imutável, logo a ser aceito como normal pelo trabalhador. Entretanto, é relevante observar que o crescente desemprego a que se referem as publicações é estrutural ao capital – e não a qualquer forma social humana.

Assim, um efeito ideológico do empreendedorismo é a deslegitimação do trabalho assalariado e a *legitimação* da precariedade. O trabalho assalariado – e os direitos trabalhistas a ele vinculados - é colocado, na melhor das hipóteses, como última opção, uma vez que o empreendedorismo é apresentado como a possibilidade mais inteligente, inovadora e passível de obtenção de sucesso e satisfação financeira e profissional.

3.2.2.2 Razão para empreender

Quanto aos motivos que impulsionam o indivíduo a realizar atividades de empreendedorismo, enquanto possibilidade de atuação profissional na enfermagem, os dividimos em dois temas: desemprego e escassez de oportunidades de emprego; e satisfação e autonomia profissional.

- Desemprego/escassez de oportunidades de emprego

Pelos itens anteriores, foi possível notar que o desemprego é um tema de expressiva assiduidade nos textos, quanto às justificativas para que um profissional recorra ao empreendedorismo. Destacamos algumas citações para posterior discussão quanto aos aspectos ideológicos:

Devido ao alto índice de desemprego no Brasil, aumentou o interesse das pessoas desempregadas na abertura de empresas de pequeno porte, evitando assim o aumento do emprego informal (RODRIGUES, 2017, p. 19).

O ensino do empreendedorismo vem sendo foco de debates e estudos por todos os continentes e sua propagação ocorre com o objetivo de se criar ferramentas e estratégias de enfrentamento de questões como o desemprego e a pobreza, diante de um novo contexto produtivo, caracterizado como uma crescente ordem de competitividade e globalmente tecnológico (SOUZA, 2019, p. 90).

De acordo com estudos sobre a dificuldade de se conseguir emprego, diante da instabilidade do mercado profissional de todas as áreas e inclusive na saúde, pesquisadores alertam para a necessidade de redesenhar a carreira, abrir um negócio próprio, ou mesmo, continuar como assalariado, mas agir e pensar como um empreendedor, ou seja, definir metas, ser obstinado e propor ideias inovadoras. As vagas de emprego para enfermeiros nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais escassas no Brasil, devido à conformação do mercado e da força de trabalho (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015, p. 41).

Redefinir oportunidades e responsabilidades para milhões de pessoas numa sociedade, sem o emprego de massa formal, deverá ser a questão social mais premente do próximo século. Estas questões avaliadas serviram para criar um cenário que indicou que enfermeiros precisam criar olhos e competências para ser um empreendedor no âmbito pessoal e profissional (RONCON; MUNHOZ, 2009, p. 696).

A questão do desemprego tem sido apontada como uma das principais motivações para que o trabalhador seja impulsionado ao empreendedorismo. Nos trechos acima, o empreendedorismo é revelado como solução em tempos de escassez de oportunidades de emprego e apontado como a nova configuração do trabalho, uma vez que o trabalho assalariado é apresentado como cada vez mais exíguo. Tal contexto exige que o indivíduo seja um empreendedor, criando sua empresa ou possua características e postura empreendedoras, colocando-se como proativo, inovador, criativo e flexível às constantes mudanças e instabilidades do mercado de trabalho (conforme expusemos na primeira dimensão).

O apontamento do empreendedorismo como a salvação em um cenário de incertezas e insegurança no quesito emprego, tem como sustentação uma ideologia que apresenta como

pressuposto um dado da realidade, que é a existência do desemprego. Contudo, na verdade, ocorre uma *racionalização* ao se apresentar o empreendedorismo como a única saída. Essa ação torna aceitáveis e justas, na sociedade capitalista, os interesses de uma classe dominante burguesa, ocultando que o empreendedorismo é a expressão da precarização do trabalho e sua *naturalização* como uma suposta solução.

Ademais, o trabalho assalariado é deslegitimado, demonstrando-se através da ideologia que o assalariamento é pertencente ao passado e que, neste novo tempo de surgimento de novas tecnologias, de novas oportunidades e de reformulação do padrão produtivo, existem novas formas de obter renda como fruto do trabalho, sendo a modalidade do futuro o empreendedorismo. O indivíduo empreendedor é o perfil profissional apontado como necessário para a atual configuração do mundo do trabalho. Tal argumento pode ser percebido na seguinte declaração:

O emprego padrão de hoje, com vínculo salarial, padrão e horário rígido, já é um artefato pertencente ao passado. Neste novo século as vagas de emprego nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais enxutas, devido às crises financeiras do setor e à falta de conhecimento atualizado dos profissionais. Com tão poucas oportunidades, o emprego assalariado na área de saúde em curto espaço de tempo estará caminhando para a extinção no Brasil a exemplo de países da América do Norte e Europa (RONCON; MUNHOZ, 2009, p. 696).

A ideologia cumpre seu papel atestando e fundamentando, a partir de acepções falaciosas e objetivando o convencimento, de que o padrão de trabalho assalariado não fará mais parte do universo do trabalho. Porém, o que não se denota é que o que de fato vem à tona é a *naturalização* e *legitimação* da precarização do trabalho como algo pertinente e inerente e o oferecimento de argumentos *racionais* para empreender. Podemos, inclusive, afirmar que este processo se reproduz nas demais razões para empreender, conforme discutiremos a seguir.

- Satisfação e autonomia profissional

Também foi possível observar nos textos a busca por satisfação e autonomia profissional como uma das razões reiteradas nos textos, para que o profissional de enfermagem se torne empreendedor, como veremos adiante:

Muitos dos enfermeiros pesquisados sentem-se limitados e querem fazer a diferença para os pacientes e suas famílias, têm necessidade de seguir suas próprias metas,

seus valores, ir além de medicações e procedimentos, colocar em prática seus conhecimentos e capacidades. Muitos querem ser seu próprio chefe; ter maior autonomia; ser capaz de praticar de uma maneira melhor; ter controle de carreira; estar no comando; correr riscos; enfim, ser bem sucedido (COLICHI et al., 2019, p. 340).

Foi possível verificar nos resultados da pesquisa que todos empreendedores foram motivados pela oportunidade nos negócios. O despertar do interesse em abrir seu próprio negócio para sete participantes surgiu a partir da busca pela satisfação profissional, exercendo uma prática diferenciada com o paciente e a família (MORAIS et al., 2013, p. 697).

Para muitos indivíduos a motivação ao empreendedorismo se dá pela identificação de uma oportunidade ou necessidade, para outros, pela possibilidade de adquirirem autonomia (CHAGAS et al., 2018, p. 6).

O Empreendedorismo surge nesta situação como gerador de novas possibilidades de emprego e renda, modificando as relações sociais de trabalho, trazendo um renovado olhar na prestação de serviços, proporcionando a emancipação profissional, a construção de novos paradigmas e o tão almejado reconhecimento profissional e a satisfação financeira (VILLARINHO, 2016, p. 47).

Nos exemplos apontados, pode-se observar o destaque dado ao desejo por satisfação profissional e autonomia como molas propulsoras para o enveredar-se no empreendedorismo. Expressões como “satisfação financeira”, “emancipação profissional”, “ser bem-sucedido”, “estar no comando”, “autonomia”, “satisfação profissional” traduzem o que muitas vezes intencionam e esperam aqueles que optam por empreender, segundo as publicações em questão, *racionalizando* que, apenas a partir do empreendedorismo, tais objetivos são possíveis de serem alcançados.

Entretanto, a ideologia empreendedora não revela (e essa é sua função) que abrir seu próprio negócio não garante ao trabalhador independência financeira e estabilidade profissional, nem mesmo liberdade e autonomia, uma vez que este fica refém de possibilidades, nem sempre factíveis, de obtenção de renda. Além disto, a intenção da ideologia é demonstrar que, no mundo do trabalho, só existem duas opções: manter-se no trabalho precarizado ou empreender. Colocada nestes termos, oculta-se que o empreendedorismo já é uma das formas de precarização do trabalho, ludibriando o trabalhador com falsas possibilidades de independência financeira, autonomia e satisfação profissional. De fato, não são diversificadas as opções para a classe trabalhadora sob a forma social do capital; entramos no terreno da ideologia, no entanto, quando esta escassez se *legitima* em termos de duas únicas opções *naturalizadas* e *racionalizadas*, dirigindo o trabalhador para uma única forma de *ação*.

O trabalhador, nesse caso, o de enfermagem, busca encontrar no empreendedorismo uma forma de obter sua renda e não se sentir mais pressionado pela exploração constante do seu trabalho, muitas vezes submetido a condições de penosidade e precarização; o empreendedorismo tem sido apresentado como a saída mais viável. Mas, conforme já apontamos, o empreendedorismo não garante “salvação” a este ou qualquer outro profissional; na verdade, aprofunda e ratifica – *legítima* - a precariedade do trabalho.

3.2.2.3 Atividades de empreendedorismo em enfermagem

A partir dos textos, foram identificadas as atividades possíveis de serem exercidas como forma de empreendedorismo na área de enfermagem. Tais possibilidades são demonstradas a seguir:

O enfermeiro como profissional liberal pode exercer suas atividades em suas clínicas ou consultórios de enfermagem fazendo consulta de enfermagem, administração de medicamentos e tratamentos prescritos, orientação para auto aplicação de medicamentos, orientação e controle de pacientes crônicos, gestantes, curativos, entre outras atividades (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015, p. 44).

São passíveis de verificação dos avanços e desafios as práticas empreendedoras na Enfermagem. Trata-se de um campo amplo e pouco desvendado, no qual o enfermeiro pode vir a atuar promovendo saúde à população ou dedicando-se à sua recuperação, com atendimentos em consultórios, no domicílio (home care) e em cooperativas (terceirização de mão-de-obra), consultorias e auditorias como autônomo ou em empresas, atendimento em eventos (dairy care), ensino (proprietário) ou prestação de serviços especializados: vacinação, amamentação, esterilização de material médico-hospitalar, transporte de pacientes, aluguel de equipamentos e comercialização de produtos da área hospitalar. Essas são algumas das modalidades que permitem ao enfermeiro uma atuação autônoma e empreendedora (SOBRINHO, 2013, p. 749).

O enfermeiro, na condição de profissional liberal, tem exercido suas atividades oferecendo diversos serviços de atenção à saúde: consultas de enfermagem à pacientes crônicos, gestantes e idosos; administração de medicamentos e tratamentos prescritos; orientações sobre a amamentação; e realização de curativos (BOLINA, 2019, p. 2).

Observamos que a descrição de atividades exercidas pelo profissional de enfermagem, com vistas a empreender, compreende uma gama de atividades que, em sua maioria, são exercidas sob a forma de trabalho assalariado, muitas vezes por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), através de hospitais, postos de saúde, Clínicas da Família, dentre outros. Estas atividades foram extraídas de um universo onde esses profissionais possuíam alguma proteção

e alguns direitos e se tornaram possibilidades de realização autônoma. Segundo os textos analisados, a satisfação do profissional é perceber que o que antes se exercia sob o controle de uma instituição, agora o fazem por si só, sem os rigores de uma empresa ou do Estado.

Entretanto, o que de fato acontece é que tais profissionais muitas vezes se sentem explorados e sem condições possíveis de exercerem seu trabalho nestas Unidades de Saúde do SUS ou instituições privadas. Ideologicamente, se busca demonstrar que empreendendo, realizando essas mesmas atividades e funções como profissional liberal, tal exploração não existirá e o ganho financeiro será mais expressivo. De fato, é inegável a exploração e precarização do trabalho, mas a ideologia apregoa um mundo ideal que não é real. A exploração está posta, bem como a precarização, e essas não são tônicas exclusivas do trabalho assalariado, mas do sistema capitalista que o engendra. De novo, o empreendedorismo se *legitima* como opção *naturalizada* e *racionalizada*, dirigindo o trabalhador para uma única forma de *ação*.

Capitalismo pressupõe exploração e desigualdade. Os trabalhadores não podem viver em igualdade com os capitalistas; logo, o encanto apregoados de que através do empreendedorismo há liberdade e as consequências da exploração não se fazem presente é a falácia que oculta o funcionamento do capital. São os processos ideológicos que auxiliam na *legitimação* dos seus interesses, gerando distorção e dissimulação. Ademais, é importante registrar que tal classe de trabalhadores também recorre às atividades listadas como forma de empreendimento por não conseguirem simplesmente inserção no mercado formal de trabalho, mesmo que precarizada. Desta forma, as vantagens que o empreendedorismo apresenta encobrem e mascaram a cruel realidade do desemprego e da diminuição de postos de trabalho.

3.2.3 Dimensão 3 – Empreendedorismo e concepções de educação e formação em enfermagem.

Esta dimensão elencará o que os textos analisados apontam concernente à educação e formação na área de enfermagem e sua relação com o empreendedorismo. Desta forma, foi dividida em três temáticas, conforme surgiram nas produções, a saber: aspectos relacionados às instituições de ensino; aspectos relacionados aos estudantes; e aspectos relacionados aos educadores/professores. Assim como nas dimensões anteriores, destacaremos alguns trechos que exemplifiquem e revelem tais temáticas, para posterior análise a partir da crítica da ideologia.

3.2.3.1 Aspectos relacionados às instituições de ensino

Quanto às questões relativas às instituições de ensino e aos conteúdos, por meio delas, difundidos aos alunos de enfermagem, observou-se predominância no incentivo da inclusão da temática empreendedorismo como discussão necessária na formação do profissional de enfermagem, conforme se identifica nos exemplos a seguir:

Independente da área, do segmento ou da região, a promoção de estudos que estimulem uma educação empreendedora pode contribuir para seu crescimento. Essa realidade pode ser facilmente percebida em cursos voltados à área de negócios que tradicionalmente trabalham a formação empreendedora de seus alunos. Razão pela qual o termo empreendedorismo esteve relacionado a empresário por algum tempo, como veremos mais adiante. No entanto, áreas como da educação e biológicas, compostas por professores, enfermeiros, médicos, dentistas, etc., podem fazer uso desta importante ferramenta, promovendo uma educação voltada a empreender, para a busca da inovação e novos métodos de trabalho (SOUZA, 2019, p. 17).

Deve-se lembrar, no entanto, que 35% das novas empresas fracassam no primeiro ano de vida e 71% não conseguem chegar a cinco anos. Acredita-se que uma das formas de evitar esse cenário e estimular o desenvolvimento do enfermeiro empreendedor é por meio da inserção dessa discussão na formação do profissional, pois “ser empreendedor” envolve fatores psicológicos, comportamentos e atitudes que podem ser estimulados nos estudantes, resultando na formação de um profissional diferenciado, porém, atualmente, no ensino de enfermagem, as escolas encontram dificuldades na incorporação das propostas para incrementar as mudanças na formação dos profissionais, principalmente aquelas relativas à aquisição, desenvolvimento, avaliação das competências e das habilidades (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015, p. 43).

A abordagem do empreendedorismo como disciplina dentro da academia proporciona ampliação dos horizontes durante a formação profissional e é fator capaz de propiciar mudanças no cenário da enfermagem (MOURA et al., 2016, p. 778).

[...] não se trata de aumentar o número de cursos e vagas, mas sim de inculcar em nossos estudantes o desejo de empreender, de tornar-se um enfermeiro empreendedor por meio da inclusão do conteúdo de empreendedorismo na formação do profissional, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Os esforços no fortalecimento de sistemas educacionais proporcionam aos jovens, habilidades empreendedoras que lhes permitam desenvolver uma maior capacidade de adaptação às mudanças e melhor inserção social, profissional e mobilidade. Amplia ainda suas oportunidades, abrindo novos campos de atuação com a diversificação de mercados de trabalho (COLICHI; LIMA, 2018, p. 9-10).

Os textos analisados identificam e apontam para a necessidade de inclusão, nos cursos de formação de profissionais de enfermagem, sobretudo nos de ensino superior, da discussão ou das disciplinas que tragam à tona o tema empreendedorismo, instrumentalizando e

equipando os futuros profissionais de habilidades que os permitam ter condições de empreender. Empreender, assim, se torna sinônimo de ampliar as possibilidades e oportunidades ao profissional.

Entretanto, justificar a inclusão do ensino e a discussão do empreendedorismo nos cursos de enfermagem, alegando benefícios aos futuros profissionais, oculta a presença da lógica de mercado na educação e da ótica neoliberal nos processos educacionais, como meio de formar o indivíduo necessário à reprodução do capital e à divisão social do trabalho. Mascara-se que o profissional formado precisa estar pronto para subjugar-se aos comandos do capital, servindo a uma classe que detêm o capital, pronto a ser extremamente produtivo e gerar lucros em larga escala. Ao formar-se, o trabalhador nem sempre encontrará disponível para si uma oportunidade almejada de emprego, necessitando estar apto a quaisquer possibilidades, sendo, desta forma, *naturalizada* a acirrada disputa por oportunidades, dentre os milhares de profissionais que periodicamente se formam.

A ideologia também tem a função de *naturalizar* e *universalizar* esse ser social competitivo, que funciona como uma peça do mercado de trocas. Em uma realidade de extrema competitividade, é interessante à sociedade do capital a formação de profissionais que não almejem um vínculo empregatício formal, e sim que estejam dispostos a recorrer a vínculos frágeis e a uma suposta autonomia como forma de obtenção de meios de sustento e satisfação profissional. Quanto a isso, Ramalho et al. (2016, p. 99), ilustram os processos ideológicos que aqui se analisam:

Formar empreendedores apresenta-se com grande tônica nesta última década, tarefa que vem se tornando cada vez mais significativa e necessária, considerando-se o decréscimo dos postos de trabalho no mundo inteiro. Sua relevância parece ainda maior ao se focar a necessidade de conciliar, cada vez mais, “o mundo do trabalho” com o prazer da realização humana, ou seja, pensar em saúde e qualidade de vida (RAMALHO et al., 2016, p. 99).

Esta citação não se refere a um estudo crítico ao empreendedorismo, revelando exatamente a estratégia do capital ao incentivar sua prática, sendo a atividade empreendedora apresentada como fonte de trabalho e realização. O papel ideológico da pedagogia empreendedora é convencer a classe trabalhadora quanto à necessidade de se ajustar às mudanças exigidas pelo capital, desta forma *legitimando* a adaptação do trabalhador à sociedade tal como ela se apresenta, com desemprego e competitividade. *Naturaliza-se* e *universaliza-se* o desemprego e o ser humano competitivo.

3.2.3.2 Aspectos relacionados aos educandos

No que se relaciona ao que foi elencado nas produções a respeito do profissional em formação, observam-se parâmetros almeçados e características exigidas, tal como visualizado nos trechos apontados:

A implementação de cursos voltados para o ensino do empreendedorismo nas universidades justifica-se pela crescente conscientização no sentido de proporcionar aos estudantes, competências que possibilitem, não só a sua inserção no mundo do trabalho, como, também, sua sobrevivência frente a competitividade profissional. Desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso, responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua organização. Sob essa perspectiva, ao disseminar a cultura do empreendedorismo está sendo criado um novo comportamento, individual e organizacional, que ainda busca metodologias que possibilitem realizar essa formação de forma efetiva (SOUZA, 2019, p. 101).

[...] as instituições de ensino têm o dever de educar seus alunos sustentando-os em valores de autonomia, de independência, capacitando-os para inovar, para assumir riscos e atuar em ambientes instáveis, para geração de riqueza e de empregos, pois diante do ambiente turbulento em que vive a sociedade atual, estes valores serão capazes de direcionar o país ao desenvolvimento (FILHO, 2014, p. 15).

Assim, o perfil não empreendedor dos estudantes deveria ser levado em consideração na elaboração de novas políticas de ensino voltadas ao desenvolvimento dessa competência. O ensino de graduação deve proporcionar ao enfermeiro o desenvolvimento de características inerentes ao perfil empreendedor, que incluem: a busca por objetivos desafiadores com a adequada avaliação de riscos, a visualização e o aproveitamento de oportunidades, a autonomia e independência de decisões, a criatividade para soluções inovadoras e a realização profissional pelo sucesso (COLICHI et al., 2019, p. 343).

É possível perceber, nos textos analisados, como exemplo as citações destacadas, a clara apresentação do profissional que se requer para a atualidade, com características tais que o torne especialista em sobreviver às limitações impostas pelo mercado de trabalho e às dificuldades que possam ser apresentadas. Este profissional deve ser dotado da habilidade de superar desafios e assumir riscos, bem como de se reinventar quando necessário, para garantir sua inserção no mundo do trabalho.

Este profissional apresentado é o profissional requerido pelo sistema capitalista, profissional este que deve apresentar competências que viabilizem cada dia mais sua exploração. Este trabalhador deve ser imbuído de responsabilidade por sua empregabilidade, imbuído de criatividade, disposto a assumir riscos e a aproveitar quaisquer oportunidades apresentadas, bem como ser inovador. Tais concepções partem da noção de indivíduo, a qual não reconhece que a sociedade é a conjunção de seres que interagem e socializam, seres

sociais que estão em constante relação. Estas concepções trazem para o campo do individual, portanto, responsabilidades por questões e necessidades que são sociais.

Esta visão, ideológica que é, *orienta* e dirige a *ação* deste sujeito, impulsionado a desenvolver as características requeridas, pelo sistema capitalista, ao profissional. O empreendedorismo forma um novo ser que precisa ser flexível às mudanças. Para tanto, esse é o projeto do capital para todo aquele que se encontra nas instituições de ensino enquanto aluno.

Por serem a adaptação, a flexibilidade e o individualismo valores hegemônicos da atualidade, o foco do processo educativo é adaptar o sujeito, seu projeto e sua personalidade ao contexto de trabalho flexível, que inclui o desemprego. O capital objetiva formar o indivíduo voltado à sua sobrevivência, individualista, alheio à construção comunitária e societária.

Esta visão de educação para o empreendedorismo apresenta suas bases na pedagogia das competências (que valoriza as experiências de vida, a postura comportamental e o conhecimento prático, não tendo igual relevância o conhecimento teórico, promovendo a total adaptação do trabalhador e da educação às necessidades do mercado e esvaziando o processo educativo). Essa visão parte dos pressupostos liberais; desta forma, é imposto que a educação se adeque aos interesses de mercado. Assim, a educação para o empreendedorismo é baseada no papel social do indivíduo e forma um novo perfil de trabalhador: o trabalhador/empreendedor. Este trabalhador é o homem de novo tipo, que possui capacidade de se adaptar às novas situações e, se necessário, criar seu próprio posto de trabalho ou agir com “espírito empreendedor”, até mesmo como colaborador (nova classificação para o trabalhador assalariado) de uma organização.

Atrelar sucesso profissional à traços individuais, privilegiando o conhecimento subjetivo e não o esforço acadêmico, lançando sobre os ombros do trabalhador a responsabilidade por obter conhecimento, formação e constantemente capacitar-se, sugerindo que o sucesso deste em seus “empreendimentos” depende exclusivamente de seu próprio talento, esforço e dedicação, oculta a realidade que, ao sistema capitalista, não importa prover educação a todos. Antes importa que todos tenham a capacidade de tornarem-se empreendedores de si, incumbidos do dever do desenvolvimento de habilidades que os tornem suficientemente criativos para produzir e gerar meios de sobreviver sem a dependência e auxílio do Estado. A pedagogia das competências visa à educação da sociedade em direção às ideias de uma classe dominante, que preza cada vez mais por condições de

trabalho precárias e sem garantias de direitos aos trabalhadores, maximizando seus lucros e acumulação de riquezas.

Em suma, ocorre aqui, mais uma vez, um processo de *naturalização* e *universalização* do ser social da economia política, essencializando, na forma do indivíduo-educando, os traços necessários para a *legitimação* e reprodução do capitalismo e *orientando* tal indivíduo *para a ação* requerida pelos limites deste sistema econômico.

3.2.3.3 Aspectos relacionados aos educadores/professores

Apesar de não tão recorrente, a referência à figura do professor, enquanto elemento de relevância no processo educativo e de formação profissional, pode ser identificada nos textos, conforme observamos a seguir:

Como toda ação pedagógica é executada pelo educador, há de se voltar os olhos para esse corpo docente no sentido de criar um escopo de trabalho onde o professor seja este sujeito transformador. Por melhor que seja um projeto de educação inovadora, ele só será efetivamente exequível com o envolvimento, comprometimento e preparo do corpo docente. O professor é que precisa ser preparado para o ensino do empreendedorismo, para ser um verdadeiro multiplicador das ideias que permeiam o tema. A universidade, portanto, ao se dispor a apostar na formação empreendedora, deve executá-la de forma integrada, interdisciplinar e transversal. O empreendedorismo não deve ser discutido em disciplinas isoladas ou apenas com conteúdo teórico. O empreendedorismo deve ser vivenciado com intensidade por todos os envolvidos e em todas as direções. O professor deve levar para a sala de aula a temática de modo integrado às outras disciplinas, à instituição e à comunidade. Cabe também aos educadores, a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade proativa. A sala de aula, cada vez mais, deve se transformar em espaços democráticos de compartilhamento de conhecimento e experiências. O ensino do empreendedorismo para formar um cidadão comprometido, atualizado e diferenciado deve ser trabalhado com todo vigor que merece (SOUZA, 2019, p. 227).

[...] também o professor precisa adequar-se, tornando-se muito mais um incentivador e condutor de atividades do que alguém que dita procedimentos padrões. É necessário que também o professor seja empreendedor (RONCON; MUNHOZ, 2009, p. 699).

As referências apontam para a necessidade de ter o professor como parte integrante desse processo de educar para o empreendedorismo. Denota que, muito além de ser o instrumento propagador da ideologia empreendedora, o corpo docente deve participar ativamente do processo, sendo o educador também um empreendedor, sobretudo em sua postura e comportamento. O professor deve ser a referência, vivenciando no interior do processo a cultura empreendedora, bem como estar preparado para ser o agente cuja função é propagar as ideias do empreendedorismo junto aos profissionais em formação.

O fato de se ter um professor que, além de educar futuros profissionais para o empreendedorismo, também é um empreendedor, atende duplamente aos desígnios do capitalismo. É interessante ao capital que o docente fale com propriedade acerca do empreendedorismo por vivenciá-lo, seja a partir de práticas de negócios ou a partir de uma postura inovadora e proativa, que conduz a novos resultados. A ideologia empreendedora perpassa o ambiente escolar e o professor também precisa se amoldar a este novo padrão, na

sociedade do capital. Ou seja, é relevante mencionar que o professor também é um trabalhador em exercício de função; então, ao capital, é importante que este aja como empreendedor, maximizando sua exploração, os resultados e a mais valia à classe capitalista. O docente também é um trabalhador que vive subjugado aos ditames do capital, sofrendo as consequências da precarização do trabalho, desregulamentação e flexibilização das leis trabalhistas. O papel da ideologia é *naturalizar* esse trabalhador de novo tipo.

Na educação para o capital, a ideologia está em não esclarecer e distorcer a realidade de que o sujeito é educado para se conformar com a exploração, a precarização, e a desigualdade. Em outras palavras, *naturaliza-se* e *universaliza-se* o ser social como aquele do mercado de trocas capitalistas, *orientando* concretamente a formação deste ser, inclusive do ponto de vista subjetivo-comportamental, para adaptá-lo à reprodução do capital. *Unificam-se* os interesses entre classes e *racionalizam-se* motivos para a defesa deste tipo de formação ao tomar o capitalismo como última forma de sociedade humana. O trabalhador-docente desempenha um papel crucial neste processo.

Concluindo este capítulo, ressaltamos que o esforço teórico que promove o empreendedorismo percorre um caminho ideológico representativo de uma classe, a burguesia, embora, pelos processos ideológicos, a atividade empreendedora *unificaria* classe trabalhadora e classe burguesa. A ideologia é envolvente e falaciosa, encobrendo uma realidade perversa e aviltante, que procura cada vez mais subjugar e explorar a classe trabalhadora.

Na lógica empreendedora, é possível identificar vieses ideológicos e perpetuadores da dominação. Observa-se uma ideologia que promove a culpabilização do trabalhador por insucessos, habilidades pessoais e até mesmo o desemprego. Outrossim, apresentar o empreendedorismo como ciência serve para conferir *legitimação* às ideias que o ressaltam como possibilidade de gerar riqueza, mitigar o desemprego, dentre outras vantagens e sucessos elencados à iniciativa de se empreender.

A ideologia empreendedora procura *universalizar*, *naturalizar* e *legitimar* o desemprego, mostrando-o como aceitável e comum, impulsionando o trabalhador a aventurar-se na busca de outras oportunidades profissionais. Contudo, *legitimar* o desemprego oculta a realidade do funcionamento do capitalismo: o desemprego é gerado pela existência de um exército industrial de reserva, que pressiona a diminuição do salário dos trabalhadores, uma vez que existe um grande número de desempregados competindo por uma mesma colocação

no mercado de trabalho. Para tal lógica, é interessante que sempre haja o desemprego, para benefício do capitalista.

Ademais, ao *naturalizar e universalizar* a noção de indivíduo empreendedor, a ideologia tenta demonstrá-lo como o sinônimo de ser humano, que necessita empreender, seja profissionalmente, seja a partir de seu comportamento e habilidades frente às ocorrências e aos desafios da vida, para fins de sobrevivência na sociedade capitalista.

O indivíduo deve ser possuidor de competências tais que o permitam ser polivalente diante das diversas circunstâncias que compreendem a vida. Ser empreendedor é desvelado como uma característica comportamental, logo individual, atrelando-se a este sujeito toda a responsabilidade pelo desenvolvimento da sociedade, através de seu esforço, suas habilidades e sua capacidade para criar e gerar mudanças. A educação e a formação profissional têm papel de relevo no direcionamento da ideologia para a *orientação de formas de ser e agir*.

Portanto, o que se percebe nas produções científicas analisadas é a reprodução da ideia de sociedade enquanto conjunto de indivíduos. Contudo, segundo Netto e Braz (2008), falar de sociedade é falar do ser social, que surgiu através do trabalho, com caráter coletivo, implicando relação entre sociedade e natureza e interação da própria sociedade, afetando seus sujeitos e organização. Não há sociedade sem que haja interação entre seus membros singulares (homens e mulheres), bem como tais seres sociais singulares não existem isolados, fora da sociedade, que é o sistema de relações. A riqueza social só é possível mediante o trabalho (atividade através da qual o sujeito transforma a natureza e se transforma, a fim de atender às suas necessidades) de homens e mulheres membros de uma sociedade. Em última instância, a ideologia empreendedora oculta tal realidade, jogando apenas para o indivíduo a responsabilidade pela reprodução da sua força de trabalho e da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção científica brasileira sobre empreendedorismo em enfermagem, dos anos de 2008 a 2020, à luz da categoria ideologia. Desta forma, para alcance do objetivo proposto, foi realizado um percurso de investigação constituído por três capítulos.

No primeiro, foi realizada a discussão sobre o tema “empreendedorismo” na relação direta com o neoliberalismo, assim como sua aplicação no contexto brasileiro. Foram exploradas ainda as consequências da ideologia empreendedora na formação humana, como também as associações entre empreendedorismo, precarização do trabalho e uberização, sobretudo no contexto da enfermagem.

No segundo capítulo, foi abordada a nossa categoria de análise, a ideologia. Partimos do contexto histórico de construção da categoria, enfatizando a perspectiva do materialismo histórico-dialético. Foram ainda apresentadas definições de ideologia nos marxismos e selecionada aquela empregada como balizamento desta pesquisa. Além disso, sistematizamos suas características, os procedimentos da crítica da ideologia, e a correlação entre ideologia e a ciência, demonstrando que o conhecimento científico pode ser considerado também ideológico.

Por fim, o capítulo três consistiu na apresentação do percurso metodológico da pesquisa, bem como da análise empreendida quanto às produções científicas sobre empreendedorismo na área de enfermagem. Foram analisadas 15 produções científicas no total; as produções apresentaram linearidade e constância quanto ao ano de publicação; o periódico que apresentou maior expressividade em publicações foi a *Revista Brasileira de Enfermagem*. Desta forma, se destaca o interesse do tema empreendedorismo para a produção científica no campo profissional da enfermagem.

Os textos foram analisados a partir de três dimensões que refletiram 1) as definições de empreendedorismos; 2) o empreendedorismo e o trabalho em enfermagem; e 3) empreendedorismo e sua relação com a educação e a formação do profissional de enfermagem.

Observou-se que concepções de risco e o incentivo à inovação, à produção de riquezas e ao aproveitamento de oportunidades foram temáticas constantes nas definições de empreendedorismo. Assim, o repetitivo encorajamento ao enfrentamento de riscos como algo inerente ao ofício do empreendedor, ressaltando a necessidade de habilidade em inovar,

sempre estando pronto a criar meios e possibilidades de obtenção de “lucro”, bem como disponível às mais variadas oportunidades, tudo em prol de gerar riqueza à sociedade, fazem parte de uma ideologia do empreendedorismo. Encobre-se a realidade de desigualdade de classes do sistema do capital, no qual os meios de produção são de caráter privado. Há uma realidade ocultada através do empreendedorismo: o desemprego é real, mas a ideologia *naturaliza, universaliza e legitima* a precarização do trabalho e o desemprego, mascarando sua cruel existência, além de *unificar* os supostos interesses em comum entre classe burguesa e classe trabalhadora. *Racionalizam-se* os motivos para empreender, travestindo-os de um caráter de inovação, enfrentamento do risco, aproveitamento de oportunidades e produção de riquezas.

No que se refere ao trabalho em saúde, os textos revelaram as dificuldades vivenciadas pela categoria de enfermagem, frutos das privatizações, desregulamentação das leis trabalhistas e redução dos direitos do trabalhador, vínculo empregatício frágil, baixos salários e extinção do serviço público. Tais ocorrências são o retrato da precarização do trabalho e, tendo em vista tal cenário, o profissional é, no entanto, conduzido a enxergar o empreendedorismo como a solução e perspectiva de satisfação profissional, realizando muitas vezes as atividades que já realizavam sob o vínculo estatutário ou celetista, de maneira autônoma ou liberal. Ou seja, o papel da ideologia é ocultar a realidade que o empreendedorismo é também consequência desta destruição de direitos do trabalhador, e não a resolução. Assim, ocorre a *racionalização, naturalização e universalização* da precarização e do desemprego, como condições inevitáveis à sociedade humana. Também pode-se apontar a deslegitimação do trabalho assalariado e a *legitimação* da precariedade promovidas pela ideologia.

Quanto à formação profissional, é incentivado, nas produções analisadas, o ensino do empreendedorismo, sobretudo no nível superior, salientando a necessidade de os educadores estarem preparados a difundir tal conteúdo, sendo este também um empreendedor. Os textos apresentaram o tipo de profissional desejado, ou seja, aquele formado para assumir e superar riscos, tornar-se responsável por sua empregabilidade, ser flexível às mudanças. Em outras palavras, um trabalhador de novo tipo, requerido pelo sistema capitalista, para maximizar a exploração desse indivíduo e a obtenção de mais valia pelo capital. *Naturaliza-se e universaliza-se* o ser social competitivo, que funciona como peça no mercado de trocas e que estará disposto a recorrer às mais diversificadas formas de vínculos frágeis para obter meios de sustento. É *legitimada* a adaptação do trabalhador ao desemprego e à competitividade.

Destacamos que a orientação para formação, apresentada nos textos analisados, tem como base a pedagogia das competências, que valoriza as experiências de vida, a postura comportamental e o conhecimento prático do indivíduo, promovendo, em última instância, a adaptação do trabalhador e da educação às necessidades do mercado.

Reiteramos que a forma social capitalista não provê emprego a todos; como empreendedor, é necessário o sujeito engajar-se, para que o perseguido sucesso se estabeleça e, caso este não se concretize, o indivíduo é o único culpado por seus dissabores. Não há garantias, não há proteção, não há auxílio. Na prática, a realidade é perversa, pois, de fato, o sucesso não depende exclusivamente do esforço do empreendedor, por maior que seja, mas de uma estrutura que sustenta e é sustentada por um sistema capitalista que o subjuga.

Em suma, o empreendedorismo nos textos acadêmicos-científicos configura uma ideologia e, como tal, encobre a existência de desigualdade de classes no capitalismo, assim como a exploração do trabalho e a reprodução do capital, *naturalizando e legitimando* o desemprego estrutural e a precarização do trabalho, inclusive o de enfermagem; *unificando* os interesses antagônicos da classe trabalhadora e da classe burguesa; *universalizando* a figura do indivíduo empreendedor; *racionalizando* motivos para empreender no campo da enfermagem; e, por fim, *orientando* a classe trabalhadora, no caso, o profissional de enfermagem, a formas de ser e agir em conformidade com o capital. O empreendedorismo, como uma alternativa em tempos de desemprego e escassez de oportunidades, ao se configurar como uma ideologia, entorpece e embriaga os trabalhadores e trabalhadoras, obscurecendo sua capacidade crítica e amortecendo sua busca por melhores condições de vida.

Portanto, não há neutralidade no discurso científico do empreendedorismo; ele oculta a forma social e opera uma ideologia neoliberal. As produções científicas apresentam o perfil de uma categoria profissional vasta, composta por auxiliares e técnicos de enfermagem e enfermeiros, precarizados, submetidos a difíceis condições de trabalho ou mesmo ao desemprego. Ademais, tal situação não configura especificidade apenas dessa categoria de trabalhadores, mas de toda a classe trabalhadora, pois não é pertinente à profissão, mas à estrutura da sociedade capitalista.

Quanto à educação e formação dos trabalhadores, podemos salientar que, em contraposição à visão capitalista, alguns autores apontam que é necessário caminhar em direção a um modelo de educação emancipadora e politécnica, para fins de uma formação integral e democrática. Desta forma, Gadotti (2012) ressalta que o neoliberalismo concebe a

educação como mercadoria, destacando que uma perspectiva emancipatória da educação deve desenvolver a capacidade de pensar criticamente a realidade, problematizando-a e visando sua transformação. O mesmo autor acrescenta que, na educação emancipadora ou emancipatória, todos produzem conhecimento e produzem juntos, sendo respeitada a trajetória de vida de cada um, numa proposta voltada às necessidades do sujeito e não às do mercado, em oposição à concepção bancária, que preza pela repetição e pelo aprendizado mecânico, sem leitura crítica da realidade.

Tal qual a educação emancipatória, a politecnicidade, que visa à formação integral do sujeito, contribui para uma educação justa, que educa para além dos ditames do mercado e do capital. É de extrema necessidade uma educação nos parâmetros emancipatórios, que ressalte a relevância dos sujeitos e do conhecimento que carregam ao longo de sua vida. Os conhecimentos devem ser imbuídos e perpassados por um raciocínio e postura críticos, que os levem a repensar a estrutura e a conjuntura da sociedade e a conduzir o movimento de transformação, o qual só é possível através do pensar a realidade, e não do simplesmente aceita-la, se conformando com os padrões repetitivos impostos.

Se faz mister o incentivo e avanço em direção à omnilateralidade/politecnicidade, à emancipação, à crítica da realidade, para formação de sujeitos que são verdadeiros atores sociais, agentes de transformação, conscientes de seu papel na sociedade e do seu potencial em construir e ressignificar contextos societários. É necessário o desvelar padrões deletérios à formação, que enquadram indivíduos a um contexto alienante e mistificador de realidades e mitigador de precariedades.

É urgente pensar em um modelo de educação que preze pela formação do indivíduo como um todo, formando profissionais possuidores não somente de conhecimento técnico, relativo à sua função, mas de conhecimentos de diversas áreas, que os instrumentalize para discernir e questionar a conjuntura e estrutura na qual se encontram, não sendo meros replicadores de procedimentos, técnicas e ideologias do capital. Se faz necessário repensar todo percurso educacional que se propõe desigualmente à classe trabalhadora, revelador de dualidade estrutural, impedindo ainda a emergência de dirigentes entre os trabalhadores vinculados ao interesse de classe.

Por fim, entende-se que esta pesquisa pode suscitar outros estudos sobre tal realidade, ressaltando a importância deste tipo de discussão para a área. Faz-se necessário que mais reflexões críticas, para além do enfoque na produção científica sobre o tema, orientadas a observar a realidade a partir do seu contexto histórico, sejam realizadas, inclusive por

profissionais deste campo de atuação, a partir de sua realidade de trabalho, de seus dilemas e de sua luta.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. **Uberização**: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*. Viña del Mar, v.18, n. 3, 2019. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0718-69242019000300041&script=sci_arttext>. Acesso em 12 ago. 2021.

_____. **Uberização: Informalização e o trabalhador just-in-time**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1 – 3, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/PmBnrqk937D6LkhQj8fWtyC/?lang=pt>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007.

ALVIM, J. L. R.; NUNES, T. G.; CASTRO, C. A. **Empreendedorismo tupiniquim**: notas para uma reflexão. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2012, Niterói. Anais. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT07%20Economias%20e%20trabalho/EMPREENDEDORISMO%20TUPINIQUIM%20NOTAS%20PARA%20UMA%20RE FLEX%20C70%20-%20Trabalho%20completo.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

ANDRADE, A. C.; DAL BEN, L. W.; SANNA, M. C. **Empreendedorismo na Enfermagem**: panorama das empresas no Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 68, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/Wdj4zn8tCRPmyt7KVDGJbCM/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ANDRADE, A. C.; SANNA, M. C. **A trajetória de enfermeiros empreendedores paulistanos na década de 1980**: nota prévia. *História da Enfermagem Revista Eletrônica*, Brasília, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num1artigo7.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2020

ANTUNES, R. **A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990**. *Sociologia*, Porto, v. 27, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-34192014000100002>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. **Os modos de ser da informalidade**: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 107, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n107/02.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

ARAÚJO, M. P. S.; QUENTAL, L. L. C.; MEDEIROS, S. M. **Condições laborais: sentimentos da equipe e precarização do trabalho em enfermagem**. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 10, n. 8, p. 2906-2914, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11359/13086>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BOLINA, A. F. **A enfermagem no contexto sociopolítico e econômico contemporâneo: estímulo ao empreendedorismo privado e/ou fortalecimento do empreendedorismo social?** Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde, Uberaba, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/3898/pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BRASIL representa um terço das mortes de profissionais de Enfermagem por Covid-19. **Cofen**, Brasília, 08 jan. 2021. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_84357.html#:~:text=O%20Brasil%20responde%20por%20um,se%20torna%20uma%20ta%20refa%20herc%C3%BAlea.>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BULGACOV, Y. L. M. et al. **Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rap/v45n3/07.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CARMO, L. J. O. et al. **O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v19n1/1679-3951-cebape-19-01-18.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CASTRO, C. A. **Das fábricas aos cárceres: mundo do trabalho em mutação e exclusão social.** Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/teste/arqs/cp150140.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CASTRO, M. **A realidade da Enfermagem em tempos de COVID-19.** Portal UFES, Vitória, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.ufes.br/conteudo/realidade-da-enfermagem-em-tempos-de-covid-19>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CHAGAS, S. C. et al. **O empreendedorismo de negócios entre enfermeiros.** Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 26, 2018. Disponível em: <<https://www-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/31469>>. Acesso em: 05 ago. 2020

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/30375889>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

_____. **Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo.** Revista Labor, Ceará, 2013, v. 1, n. 9. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6609/4833>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CODATO, A. **O conceito de ideologia no marxismo clássico: uma revisão e um modelo de aplicação.** Política & Sociedade, Florianópolis, v. 5, nº 32, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-84.2016v15n32p311/32083>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

COLICHI, R. M. B. et al. **Empreendedorismo de negócios e enfermagem: revisão integrativa**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 72, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/yG78Ms3DvsZ49dM3NnrTLJy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2020

COLICHI, R. M. B; LIMA, S. A. M. **Empreendedorismo na enfermagem: comparação com outras profissões da saúde**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 20, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/49358/25926>>. Acesso em: 10 jul. 2020

COSTA, A. M; BARROS, D. F; CARVALHO, J. F. L. **A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo**. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/yZCSgXRmkRKFLqBZXqJF6Ly/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 08 jun. 2021.

COSTA, C. C. P. et al. **Os sentidos de ser enfermeiro estomaterapeuta: complexidades que envolvem a especialidade**. Revista Estima, São Paulo, v. 18, 2020. Disponível em: <https://www.revistaestima.com.br/index.php/estima/article/view/825/pdf_1>. Acesso em: 02 set. 2020

DAMIÃO, D. R. R.; SANTOS, D. F. L.; OLIVEIRA, L. J. **A ideologia do empreendedorismo no Brasil sob a perspectiva econômica e jurídica**. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, Paraná, v. 13, n. 25, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/9515/7654>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ELIAS, J. **Estabilidade, promoções: o que reforma administrativa pode mudar para servidores**. CNN Brasil, São Paulo, 23 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/07/23/estabilidade-promoco-es-o-que-reforma-administrativa-pode-mudar-para-servidores>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FAGIANI, C. C.; PREVITALI, F. S. O jovem trabalhador no Brasil e a formação para o trabalho precário. In: ANTUNES, R. (Org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 347 - 361

FILHO, J. C. F. C. **Educação empreendedora na formação de enfermeiros**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2014. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppges/wp-content/uploads/2017/03/DissertaC3A7C3A3o-ZECA.-final1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020

FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11 – 27.

GADOTTI, M. **Trabalho e educação numa perspectiva emancipatória**. In: II Fórum mundial de educação profissional e tecnológica. Democratização, emancipação e sustentabilidade, 2012, Florianópolis. Anais. Florianópolis: Instituto Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbm9ldGljYVVzZWd1cmFuY2Fkb3RyYWJhbGhvfGd4OjMxNzkwNmRjNTJhYTQ2MTg>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

IASI, M. L. **O processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

JAEGGI, R. **Repensando a ideologia**. Civitas Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4326>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KREIN, J. D.; COLOMBI, A. P. F. **A reforma trabalhista em foco: desconstrução da proteção social em tempos de neoliberalismo autoritário**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 40, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v40/1678-4626-es-40-e0223441.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

LANDER, E. **La ciência neoliberal**. Tabula Rasa, Bogotá, n 9, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a13.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

LAVAL, C. **Precariedade como estilo de vida na era neoliberal**. Revista Parágrafo, São Paulo, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/566/500>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

LEONEL, F. **Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde**. Portal FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>>. Acesso em 11 ago. 2021.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. 5. ed. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MACHADO M. H. et al. **Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares**. Revista Enfermagem em Foco, Brasília, v. 7, n. esp, p. 15-34, 2016. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/881039/687-1745-1-sm.PDF#:~:text=%C3%89%20um%20estudo%20transversal%20cuja,sector%20privado%20e%20no%20Sudeste.>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MACHADO M. H. et al. (Coord.). **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil: Relatório final**. Rio de Janeiro: Fiocruz; Cofen, 2017. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MARCHESAN, R. **Empreendedorismo é mito em país que não cria trabalho digno, diz sociólogo**. UOL, São Paulo, 19 set. 2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2019/09/14/entrevista-sociologo-ricardo-antunes-trabalho-emprego-empreendedorismo.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MORAIS et al. **Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas**. Revista Cogitare Enfermagem, Curitiba, v. 18, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/46422/27872>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MOURA, D. C. A. et al. **Processo de concepção de uma tecnologia para o cuidado em enfermagem e saúde**. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 15, n. 4, 2016. Disponível em: <<http://www.revenf.bvs.br/pdf/ccs/v15n4/1677-3861-ccs-15-04-0774.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NEVES, U. **Consultórios de enfermagem e as oportunidades para o enfermeiro empreendedor**. Portal PEBMED, mai., 2019. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/consultorios-de-enfermagem-e-as-oportunidades-para-o-enfermeiro-empendedor/#>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

OLIVEIRA, A. S.; CASTRO, C. A.; SANTOS, H. S. **Trabalho informal e empreendedorismo: faces (in)visíveis da precarização**. Revista Brasileira de Sociologia do Direito, Recife, v. 4, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/fcb9/e89a69c125720340da05b0599b55b92c6501.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

OLIVEIRA, E. N. P.; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. **O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral**. Revista Psicologia política, São Paulo, v. 16, n. 36, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200006>. Acesso em: 20 nov. 2019

OLIVEIRA, J. S. A. et al. **Tendências do mercado de trabalho de enfermeiros/as na visão de gestores**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 71, n.1, p. 160-167, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0148.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PANDOLFI, M. A.; LOPES, R. E. **A educação voltada para o empreendedorismo: um levantamento do debate acadêmico**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 49, 2013.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/312640867_A_educacao_voltada_para_o_empreeendedorismo_um_levantamento_do_debate_academico>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PAVAN, S. M. **As facetas do empreendedorismo e o trabalho como princípio educativo na educação profissional: articulação possível?** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/dissertacao_samu_el_moreira_pavan.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PEREIRA, M. S. **O sentido do conceito de ideologia e a questão da igualdade jurídica.**

Revista Insurgência, Brasília, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/19064/17634>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

POLAKIEWICZ, R. R. et. al. **Potencialidades e vulnerabilidades do enfermeiro**

empreendedor: uma revisão integrativa. Revista perspectivas online: biológicas e saúde, Campos dos Goytacazes, v. 11, n. 3, 2013. Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/aa2e/7c72a6253f7a63d2e9957cb3f63857f421b8.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

RAMALHO et al. **Análise do perfil empreendedor dos discentes dos cursos de ciências contábeis e administração nas instituições de ensino superior do município de viçosa, MG.** Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Maringá, v. 21, n. 1, 2016.

Disponível em:

<<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/download/3871/2797/>>. Acesso em: 04 ago. 2021

RAMOS, M. A pedagogia das competências a partir das reformas educacionais dos anos de 1990: relações entre o (neo)pragmatismo e o (neo)tecnicismo. In: ANDRADE, J; PAIVA, L. G. (Org.). **As políticas públicas para a educação no Brasil contemporâneo.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011. p. 58 – 70. Disponível em: <<http://www.lpp-uenosaires.net/ppfh/livropp.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

REGISTROS de clínicas e consultórios de Enfermagem avançam no Brasil. **Cofen**, Brasília, 18 ago. 2020. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/registros-de-clinicas-e-consultorios-de-enfermagem-avancam-no-brasil_81722.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RODRIGUES, E. **Empreendedorismo: um pensamento fora da caixa.** Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia em Saúde). Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 2017. Disponível em:

<<http://pergamumweb.umc.br/pergamumweb/vinculos/000002/00000251.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RONCON, P. F; MUNHOZ, S. **Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor?**

Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 62, n. 5, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reben/a/PM4Mntv5nVBg4WqnmB44SnR/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020

RUMMERT, S. M.; ALGEBAILLE, E.; VENTURA, J. **Educação da classe trabalhadora brasileira**: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 717 – 799, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n54/11.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SALAS, J. **“Uberização” do emprego chega ao setor da saúde**. El País, Madrid, 14 out. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/06/ciencia/1507290730_571750.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

SANTOS, T. A. **Precarização do trabalho em enfermagem em hospitais públicos da Bahia**: 2015-2017. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2018. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/grupogerirenfermagem/files/2017/05/TATIANE-ARA%C3%9AJODOS-SANTOS-PRECARIZA%C3%87%C3%83O-DO-TRABALHO-EM-ENFERMAGEM-EM-HOSPITAIS-P%C3%9ABLICOS-DA-BAHIA-2015-2017.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SANTOS, T. A. et al. **Precarização do trabalho de enfermeiras, técnicas e auxiliares de enfermagem nos hospitais públicos**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 52, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100489&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SARAIVA, A. **Desemprego fica em 11,8%, com recorde no emprego sem carteira**. Agência IBGE notícias, Rio de Janeiro, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25815-desemprego-fica-em-11-8-com-recorde-no-emprego-sem-carteira>>. Acesso em: 20 nov. 2019

SOBRINHO, R. S. **Empreendedorismo na enfermagem mineira**. Revista Mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v17n4a01.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2020

SOUZA, H. A. **Educação empreendedora**: contribuições para a formação do perfil empreendedor de alunos da enfermagem. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-20032020-144316/publico/HELICIMARAAFFONSODESOUZA.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020

SOUZA, M. M. T.; PASSOS, J. P.; TAVARES, C. M. M. **Sufrimento e precarização do trabalho em enfermagem**. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 2072-2082, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750945031.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SOUZA, N. V. D. O. et al. **Trabalho de enfermagem na pandemia da covid-19 e repercussões para a saúde mental dos trabalhadores**. Revista Gaúcha de Enfermagem, Rio Grande do Sul, v.42, n. esp, 2021. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1486/2355/2467>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

TAVARES, M. A. **O empreendedorismo à luz da tradição marxista**. Revista Em Pauta, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/36687/26319>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

VILELA, P. R. **Pandemia faz Brasil ter recorde de novos empreendedores**. Agência Brasil, Brasília, 05 out. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-10/pandemia-faz-brasil-ter-recorde-de-novos-empreendedores>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

VILLARINHO, P. L. R. **Características e habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/51/teses/855296.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ZANELLA, J. L. **A crítica de Marx e Engels ao domínio das ideias: a ideologia**. Revista Faz Ciência, Paraná, v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7392/5452>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

APÊNDICE

APÊNDICE – GRADE DE ANÁLISE

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
1	<p>Educação empreendedora na formação de enfermeiros. (dissertação-2014)</p> <p>Autor(es): FILHO, J. C. F. C.</p>	<p>Schumpeter- “Empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa, sendo o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista.”</p> <p>Drucker- “Espírito empreendedor como uma prática e uma disciplina, e como tal pode ser aprendido e sistematizado”.</p> <p>Barlach- “Empreendedorismo ou “espírito” empreendedor pode ser definido como o ato de criar um recurso, ou seja, encontrar um uso para alguma coisa na natureza e assim, dotá-lo de valor econômico”.</p> <p>Filion- “descreve o empreendedor como uma pessoa muito criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e metas”.</p>	<p>“Necessidade de gerar novos postos de trabalho. Crescimento populacional contrastado pela estagnação ou baixo crescimento na oferta de emprego e na geração de renda. O emprego padrão de hoje, com vínculo salarial, padrão e horário rígido, já é um artefato pertencente ao passado. Neste novo século as vagas de emprego nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais enxutas, devido às crises financeiras do setor e à falta de conhecimento atualizado dos profissionais. Com tão poucas oportunidades, o emprego assalariado na área de saúde em curto espaço de tempo estará caminhando para a extinção”.</p>	-----	-----	<p>“Compreendem os que o momento ideal para se propagar a construção de saberes empreendedores, é no processo de ensino-aprendizagem, e principalmente no período da formação profissional, que ocorre especialmente nas Instituições de Ensino Superior”.</p> <p>“As instituições de ensino têm o dever de educar seus alunos sustentando-os em valores de autonomia, de independência, capacitando-os para inovar, para assumir riscos e atuar em ambientes instáveis, para geração de riqueza e de empregos, pois diante do ambiente turbulento em que vive a sociedade atual, estes valores serão capazes de direcionar o país ao desenvolvimento”.</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						<p>“A educação em empreendedorismo deve envolver necessariamente um trabalho intenso no desenvolvimento das características de um empreendedor, identificando-as, despertando-as e cultivando-as nos alunos”.</p> <p>“Necessidade de repensar os Currículos dos cursos de graduação em Enfermagem de forma que apresentem maior atuação representativa quanto aos conteúdos empresariais”.</p> <p>“Também o professor precisa adequar-se, tornando-se muito mais um incentivador e condutor de atividades do que alguém que dita procedimentos padrões. É necessário que também o professor seja empreendedor”.</p>
2	<p>Empreendedorismo: um pensamento fora da caixa. (dissertação-2017)</p> <p>Autor(es): RODRIGUES, E.</p>	<p>Say- “Empreendedor: pessoa que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de</p>	<p>“Devido ao alto índice de desemprego no Brasil, aumentou o interesse das pessoas desempregadas na abertura de empresas de pequeno porte,</p>	-----	-----	-----

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		produtividade mais elevada e de maior rendimento”. “Faz referência a pessoas visionárias, capazes de obter lucro a partir do surgimento de oportunidades, assumindo os riscos do negócio”. Schumpeter- “Empreendedor: agente de transformações; o empreendedor é a essência da inovação mundial, que torna obsoletas as antigas maneiras de fazer negócios”.	evitando assim o aumento do emprego informal”.			
3	Educação empreendedora: contribuições para a formação do perfil empreendedor de alunos da enfermagem. (tese-2019) Autor(es): SOUZA, H. A.	“Ciência que estuda os atributos inerentes ao profissional de sucesso e sua visão de mundo, possuidor de uma atitude proativa e ética, capaz de ler, interpretar e trabalhar as demandas e necessidades sociais e mercadológicas latentes, na incansável busca pelo aprimoramento de seu expertise, estar receptivo à novas oportunidades e crer que a inovação, a persistência e o comprometimento são as alavancas motivadoras desta	“Decréscimo dos postos de trabalho no mundo inteiro. Sua relevância parece ainda maior ao se focar a necessidade de conciliar, cada vez mais, o mundo do trabalho com o prazer da realização humana, ou seja, pensar em saúde e qualidade de vida”. “Ferramenta e estratégia de enfrentamento de questões como o desemprego e a pobreza, diante de um novo contexto produtivo, caracterizado como uma crescente ordem de	---	----	“Independente da área, do segmento ou da região, a promoção de estudos que estimulem uma educação empreendedora pode contribuir para seu crescimento. Isso pode ser percebido em cursos voltados à área de negócios que tradicionalment e trabalham a formação empreendedora de seus alunos. Razão pela qual o termo empreendedo-rismo esteve relacionado à empresário por algum tempo,

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		engrenagem”.	<p>competitividade e globalmente tecnológico”. “Por meio do empreendedorismo de negócios, os jovens podem aumentar a sua capacidade de integração ao mercado de trabalho, acumular competências e melhorar o seu próprio bem-estar e o da sociedade. Simultaneamente, fomentar essa forma de empreendedorismo torna-se fundamental para a inovação, podendo servir como motor para a necessária transformação produtiva e contribuir de forma positiva sobre os rendimentos, impulsionando o crescimento econômico inclusivo. Investir em competências e empreendedorismo o significa também aproveitar as tendências atuais e futuras nesses âmbitos e proporcionar oportunidades de transformação social, política e econômica. Investir em competências pode ainda melhorar a</p>			<p>como veremos mais adiante. No entanto, áreas como da educação e biológicas, compostas por professores, enfermeiros, médicos, dentistas, etc., podem fazer uso desta importante ferramenta, promovendo uma educação voltada a empreender, para a busca da inovação e novos métodos de trabalho”. “O ensino do empreendedorismo deve ser transformado em questão prioritária nas decisões sobre o processo educativo. Estudos recentes mostram que não se pode pensar somente em preparar as novas gerações para um futuro de emprego formal, com carteira assinada e garantias trabalhistas, pois este formato de trabalho formal corre o risco de deixar de existir num futuro próximo. O discurso corrente, segundo tais estudos, baseia-</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			transição dos jovens da escola para o trabalho”.			<p>se na necessidade de o trabalhador desenvolver de forma autônoma, novas competências e habilidades para que consiga desenvolver produtividade que gere valor agregado”.</p> <p>“A implementação de cursos voltados para o ensino do empreendedorismo nas universidades justifica-se pela crescente conscientização no sentido de proporcionar aos estudantes, competências que possibilitem, não só a sua inserção no mundo do trabalho, como, também, sua sobrevivência frente a competitividade profissional. Desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso,</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						<p>responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua organização. Sob essa perspectiva, ao disseminar a cultura do empreendedorismo está sendo criado um novo comportamento, individual e organizacional, que ainda busca metodologias que possibilitem realizar essa formação de forma efetiva". "O objetivo do ensino do empreendedorismo, portanto, deve ser construir uma visão de sociedade empreendedora e o melhor caminho é por meio de práticas didáticas que estimulem e desenvolvam nos alunos da graduação, habilidades e capacidades necessárias à gestão de um empreendimento, que pode ser uma empresa ou um projeto, ou seja, algo que se queira investir – tempo, dinheiro, expertise etc. A efetiva aprendizagem da disciplina de Empreendedorismo depende</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						<p>da adoção de métodos e práticas de ensino específicas, e não mais dos modelos da educação tradicional”.</p> <p>“O ensino do empreendedorismo deve ser iniciado com alunos desde a educação básica e fundamental, a fim de desenvolver um perfil crítico e observador nos estudantes. Para o autor, tal estratégia promove um desenvolvimento não só nos estudantes, mas também na sociedade em que estão envolvidos, por despertar questões de sustentabilidade, inovação, estímulo à capacidade de tomada de decisão, transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana. O autor conclui que não se trata de uma estratégia pedagógica destinada exclusivamente a preparar os alunos para criar uma empresa,</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						<p>mas, para desenvolver o potencial dos alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem: empregados do governo, do terceiro setor, de grandes empresas, pesquisadores, artistas, e também, para serem proprietários de uma empresa, se esta for sua escolha. Cabe ao aluno fazer opções profissionais e decidir que tipo de empreendedor será”.</p> <p>“O professor é que precisa ser preparado para o ensino do empreendedorismo, para ser um verdadeiro multiplicador das ideias que permeiam o tema.</p> <p>A universidade, portanto, ao se dispor a apostar na formação empreendedora, deve executá-la de forma integrada, interdisciplinar e transversal. O empreendedorismo não deve ser discutido em disciplinas isoladas ou</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						apenas com conteúdo teórico. O empreendedorismo deve ser vivenciado com intensidade por todos os envolvidos e em todas as direções. O professor deve levar para a sala de aula a temática de modo integrado às outras disciplinas, à instituição e à comunidade. Cabe também aos educadores, a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade proativa”.
4	<p>Empreendedorismo de negócios e Enfermagem: revisão integrativa. (artigo-2019)</p> <p>Autor(es): COLICHI, R. M. B. et al.</p>	<p>“Para alguns autores, o empreendedorismo consiste em um conjunto de práticas adotadas com a finalidade de garantir a geração de riqueza e o melhor desempenho das sociedades”.</p>	<p>“Entre os motivos externos que levam um profissional de enfermagem à prática privada ou à abertura de negócio, não optando pelo emprego institucional com arranjos tradicionais de prática de enfermagem em hospitais e clínicas, estão as visões negativas nesses ambientes organizacionais, os quais estavam submetidos às mudanças no</p>	<p>“Observa-se atualmente no Brasil um cenário de intensiva mercantilização do setor da saúde e de transferência de fundo público para o setor privado, o que vem ditando novos rumos ao mercado de trabalho do enfermeiro, rumos estes que devem ser levados em consideração pelos futuros</p>	<p>“O empreendedorismo de negócios oferece aos enfermeiros oportunidades de autoemprego usando abordagens inovadoras. De maneira semelhante a outros empresários, o profissional de enfermagem pode ser proprietário de uma empresa, oferecendo serviços de enfermagem de prática clínica de forma direta, de educação, de pesquisa, de cunho administrativo ou ainda de</p>	<p>“O papel das universidades pode ser ampliado. Pela inclusão do ensino de empreendedorismo de modo adequado às realidades de mercado, elas podem servir de incentivo a esse novo contexto profissional, além de criar grupos de estudos para auxiliar os novos enfermeiros empreendedores.”</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			<p>sistema de saúde dos países”.</p> <p>“São relatadas: lacunas no cuidado, turnos, ambiente estressor disfuncional, sobrecarga de trabalho, cuidado voltado à doença, modelo médico-centrado e modelo de cuidado hospitalar. A falta de autonomia e de influência sobre o trabalho, além de baixos salários também são descritos”.</p> <p>“Alguns fatores que encorajam o empreendedorismo na Enfermagem incluem: as tendências demográficas, como envelhecimento populacional, gerações dispostas a pagar pela saúde, falta de tempo e filhos reconhecendo que não podem cuidar; as oportunidades nos estabelecimentos de saúde, devido à falta de mão-de-obra, aos serviços temporários, à redução de custos, à terceirização e à inserção de serviços suplementares não cobertos pelos serviços públicos ou por planos de saúde; e as tendências sociais relacionadas a</p>	<p>profissionais. A contratação indireta, que utiliza modelos de contratos de gestão através de Organizações Sociais de Saúde (OSS), é um fenômeno que vem ocupando espaço na Administração Pública brasileira. A adoção desse instrumento tem sido associada: aos limites à contratação de servidores públicos impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal, à flexibilização da gestão dos recursos humanos e ao aprimoramento da gestão (planejamento, avaliação ou prestação de contas). Contudo, a vinculação da remuneração de profissionais de saúde a indicadores de desempenho, apesar de ser mais um dispositivo de melhoria da qualidade nos serviços de saúde, na</p>	<p>consultoria. Diretamente responsável perante o cliente, pode atuar por meio de uma organização individual privada ou pública. Pelo uso da criatividade, pode desenvolver uma nova ideia, melhorar o serviço ou os métodos de entrega, ou desenvolver novos produtos ou novas formas de usar produtos existentes. Combinando características pessoais com habilidades e conhecimentos avançados ou especializados, os enfermeiros empresariais podem criar produtos ou serviços e comercializá-los a fontes externas. Aqui estão compreendidos ainda os profissionais dedicados à prática privada, autônomos ou proprietários de empresas. Esse conceito estaria ainda relacionado aos riscos inerentes a negócios empresariais e à obtenção de lucro”.</p> <p>“Em contraste com o empresário, um enfermeiro intraempreendedor é um empregado assalariado, muitas vezes de um serviço de saúde gerido pelo governo, que desenvolve,</p>	<p>“Assim, o perfil não empreendedor dos estudantes deveria ser levado em consideração na elaboração de novas políticas de ensino voltadas ao desenvolvimento dessa competência. O ensino de graduação deve proporcionar ao enfermeiro o desenvolvimento de características inerentes ao perfil empreendedor, que incluem: a busca por objetivos desafiadores com a adequada avaliação de riscos, a visualização e o aproveitamento de oportunidades, a autonomia e independência de decisões, a criatividade para soluções inovadoras e a realização profissional pelo sucesso”.</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			<p>estilos de vida, conveniência, saúde preventiva e fechamento de hospitais”. “Já a motivação interna é diversa. Muitos dos enfermeiros pesquisados sentem-se limitados e querem fazer a diferença para os pacientes e suas famílias, têm necessidade de seguir suas próprias metas, seus valores, ir além de medicações e procedimentos, colocar em prática seus conhecimentos e capacidades. Muitos querem ser seu próprio chefe; ter maior autonomia; ser capaz de praticar de uma maneira melhor; ter controle de carreira; estar no comando; correr riscos; enfim, ser bem sucedido. Há ainda a atração por horários de trabalho mais flexíveis, de modo a gerar renda de maneira que se encaixe com outras responsabilidades familiares”.</p>	<p>prática, pode resultar em menor remuneração ao enfermeiro contratado pela OSS”.</p>	<p>promove e oferece um serviço inovador de saúde ou enfermagem dentro de um ambiente de saúde, como hospitais e clínicas.” “Observou-se a predominância de negócios relacionados à área de saúde, sendo relatadas as atividades de enfermagem, principalmente a prática clínica privada, além de serviços como home care; são ainda descritos os cuidados de feridas; com diabéticos, de estomas e de acidente vascular cerebral – AVC. Há relatos de expansão da área de atuação para além da saúde, assumindo papéis não tradicionais, ao atuar em campos como estética, podologia e tratamentos alternativos”. “Os serviços de assessoria, consultoria e gestão de projetos estão em ascensão”. “Outros nichos também são citados: aluguel de equipamentos; treinamentos; Saúde Ocupacional; educação; comércio e marketing de produtos; tecnologia (desenvolvimento de software); clínicas privadas;</p>	

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
					casas de repouso; transporte de pacientes; terapias alternativas; podologia; estética, como depilação a laser e aplicação de cosméticos faciais; cuidados de crianças e adolescentes; pesquisa; invenção e fabricação de produtos; e fundo de investimento para enfermeiros.”	
5	<p>Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo (artigo-2015)</p> <p>Autor(es): ANDRADE, A. C; DAL BEN, L. W; SANNA, M. C.</p>	<p>“Criação ou aperfeiçoamento de algo, com a finalidade de gerar benefícios aos indivíduos e a sociedade”.</p>	<p>“De acordo com estudos sobre a dificuldade de se conseguir emprego, diante da instabilidade do mercado profissional de todas as áreas e inclusive na saúde, pesquisadores alertam para a necessidade de redesenhar a carreira, abrir um negócio próprio, ou mesmo, continuar como assalariado, mas agir e pensar como um empreendedor, ou seja, definir metas, ser obstinado e propor ideias inovadoras. As vagas de emprego para enfermeiros nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais escassas no Brasil, devido à conformação do mercado e da força de trabalho.”</p>	<p>“Os resultados do estudo revelaram que a atividade empresarial em enfermagem é uma realidade mais presente na atualidade, destaca-se o registro de 170 (86,7%) empresas na última década para atividade de enfermagem. Esse aumento pode estar associado à insatisfação no trabalho, necessidade de melhores ganhos ou mesmo a busca de novas perspectivas associada ao desenvolvimento de um perfil empreendedor.”</p>	<p>“O enfermeiro como profissional liberal pode exercer suas atividades em suas clínicas ou consultórios de enfermagem fazendo consulta de enfermagem, administração de medicamentos e tratamentos prescritos, orientação para auto aplicação de medicamentos, orientação e controle de pacientes crônicos, gestantes, curativos, entre outras atividades”.</p>	<p>“Deve-se lembrar, no entanto, que 35% das novas empresas fracassam no primeiro ano de vida e 71% não conseguem chegar a cinco anos. Acredita-se que uma das formas de evitar esse cenário e estimular o desenvolvimento do enfermeiro empreendedor é por meio da inserção dessa discussão na formação do profissional, pois “ser empreendedor” envolve fatores psicológicos, comportamentos e atitudes que podem ser estimulados nos estudantes, resultando na formação de um profissional diferenciado, porém, atualmente, no</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						ensino de enfermagem, as escolas encontram dificuldades na incorporação das propostas para incrementar as mudanças na formação dos profissionais, principalmente aquelas relativas à aquisição, desenvolvimento, avaliação das competências e das habilidades”.
6	<p>Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor? (artigo-2009)</p> <p>Autor(es): RONCON, P. F; MUNHOZ, S.</p>	<p>“O empreendedor é alguém que define metas, busca informações e é obstinado.”</p> <p>“Ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática idéias próprias, característica de personalidade e comportamento que nem sempre é fácil de encontrar. O empreendedor, por definição, tem de assumir riscos, e seu sucesso está em sua capacidade de conviver com eles e sobreviver a eles. Os riscos fazem parte de qualquer atividade e é preciso aprender a administrá-los. O empreendedor não</p>	<p>“As instabilidades do mundo atual, veja, por exemplo, a crise dos bancos e conseqüente inquietação das bolsas de valores, dos negócios em geral ocorridos no dia 01 de outubro de 2008, concorrem para que haja um crescente número de pessoas subempregadas e desempregadas. Redefinir oportunidades e responsabilidades para milhões de pessoas numa sociedade, sem o emprego de massa formal, deverá ser a questão social mais premente do próximo século. Estas questões avaliadas serviram para criar um cenário que indicou que enfermeiros</p>	-----	-----	<p>“É necessária uma abordagem andragógica e fundamentada no “aprender fazendo”, que utilize técnicas como oficinas, modelagem, estudos de caso, metáforas e dinâmicas. Por isso, também o professor precisa adequar-se, tornando-se muito mais um incentivador e condutor de atividades do que alguém que dita procedimentos padrões. É necessário que também o professor seja empreendedor”.</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		é malsucedido nos seus negócios porque sofre revezes, mas porque não sabe superá-los.”	precisam criar olhos e competências para ser um empreendedor no âmbito pessoal e profissional.”			
7	<p>Os sentidos de ser enfermeiro estomaterapeuta: complexidades que envolvem a especialidade (artigo-2020)</p> <p>Autor(es): COSTA, C. C. P. et al.</p>	<p>“Criação ou aperfeiçoamento de algo, com o intuito de propiciar benefícios para os indivíduos e para a sociedade, tendo avançado nas últimas décadas em decorrência das transformações econômicas, inovações tecnológicas e da globalização”.</p>	<p>“Ressalta-se que, durante muitos anos no Brasil, o fato de se concluir apenas o curso de graduação já carregava a garantia de emprego e de estabilidade financeira, uma vez que não se tinha concorrência e competitividade, em decorrência da carência de profissionais e pelo nível de exigência do mercado de trabalho ser menor do que nos dias de hoje. Esse contexto vem mudando, tendo em vista que a população tem tido mais o acesso à informação, e a procura pelos serviços de saúde não tem sido somente em busca da cura, mas também como estratégia de prevenção. Isso faz com que os profissionais tenham que se manter atualizados e passem a se reinventar dentro da sua profissão. Por isso os enfermeiros têm investido em</p>	<p>“A atividade autônoma e empreendedor a tem adquirido maior amplitude na prática da enfermagem com o surgimento dos primeiros “consultórios e clínicas” de enfermagem, serviços que foram criados com o propósito de desenvolver os cuidados que podem ser realizados em ambiente extra-hospitalar e, inclusive, aqueles relativos aos cuidados especializados, destacando-se os que necessitam de um saber específico e, por vezes, centrado em aspectos não tão amplamente divulgados, como a estomaterapia.”</p>	Estomaterapia	<p>“Destaca-se que o referido Curso de Especialização em Estomaterapia encontra-se em consonância com as novas perspectivas de mercado. Isso porque, após análise documental das suas ementas, verificou-se que são ministradas aulas que abordam marketing, empreendedorismo e relacionamento interpessoal no contexto da estomaterapia; três importantes temáticas que auxiliam o especialista a refletir sobre independência, autonomia e estratégias de atuação que vislumbram processos de trabalhos diferenciados, porém pautados na ética e na cientificidade.”</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			<p>especializações para o desenvolvimento e incremento de sua carreira, o que gera concorrência e competitividade no mercado de trabalho, o qual, dependendo da região, encontra-se saturado. O empreendedor é um líder que produz uma visão do que é possível ser realizado, buscando atrair pessoas para atuar dentro daquela visão e transformá-la em realidade.”</p> <p>“Enfatizou-se, ainda, uma perspectiva que dá sentido a uma especialidade autônoma e que permite o atendimento domiciliar, possibilitando um novo campo de atuação para o especialista.</p> <p>Portanto o significado de ser estomaterapeuta envolve inserir-se em uma especialidade que confere flexibilidade de atuação no mercado de trabalho. Outra questão destacada foi o caráter empreendedor da especialidade, conferindo reconhecimento profissional e até satisfação</p>			

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			financeira.”			
8	<p>A enfermagem no contexto sociopolítico e econômico contemporâneo: estímulo ao empreendedorismo privado e/ou fortalecimento do empreendedorismo social? (editorial-2019)</p> <p>Autor(es): BOLINA, A. F.</p>	“Ter o próprio negócio”	“Verifica-se no Brasil, nas últimas décadas, aumento de empresas registradas para atividade de enfermagem, o que, de maneira geral, está associado a constantes e crescentes insatisfações com as condições de trabalho”.	“De maneira sucinta, podemos resumir que as medidas de austeridade (pelo modelo neoliberal de assistência à saúde), associadas à desregulamentação das leis trabalhistas, em meio à grave crise econômica, não só desconstituem a ideia de justiça social como infringem os princípios e diretrizes fundamentais de um sistema de saúde universal. Neste contexto sociopolítico e econômico, o profissional de enfermagem vivencia uma inevitável insegurança. Ainda são desconhecidos os impactos dessas mudanças, porém estima-se que o sucateamento do SUS e o estímulo à privatização da saúde comprometam a sustentabilidade hegemônica	“Consultas de enfermagem à pacientes crônicos, gestantes e idosos; administração de medicamentos e tratamentos prescritos; orientações sobre a amamentação; e realização de curativos”.	“Podemos também refletir sobre a possibilidade de robustecer, nos espaços de formação, ambas as modalidades de empreendedorismo (privado e social) enquanto práticas complementares, sob a égide da relação público e privado imbricada no nosso Sistema de Saúde.”

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
				<p>empregatícia do setor público de saúde, o que afetará substancialmente a participação da enfermagem, uma vez que corresponde a maior força de trabalho em saúde no Brasil. A redução de direitos e de proteção social aos trabalhadores pode agravar ainda mais os desafios históricos em relação ao trabalho da enfermagem: extensa jornada de trabalho; vínculos empregatícios fragilizados; e discrepância salarial em relação aos demais profissionais de saúde, expressos por subjornadas, subsalários e subempregos. Arelados a isso, podemos destacar também o elevado grau de insegurança e violência no ambiente de trabalho, a ausência de infraestrutura</p>		

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
				adequada para descanso e a falta de assistência, inclusive quando esses profissionais adoecem por condições de trabalho.”		
9	<p>A trajetória de enfermeiros empreendedores paulistanos na década de 1980: nota prévia. (artigo-2012)</p> <p>Autor(es): ANDRADE, A. C.; SANNA, M. C.</p>	<p>“É o processo de fazer algo novo (criação) e/ou algo diferente (inovação), com o propósito de criar riqueza para o indivíduo e agregar valor para a sociedade.”</p>	<p>“Na Enfermagem, a temática tem sido cada vez mais discutida visto que, neste novo século, as vagas de emprego nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais escassas devido às crises financeiras e uma sobreoferta de profissionais despreparados, frente ao perfil estabelecido pelas empresas empregadoras.”</p>	----	----	----
10	<p>Processo de concepção de uma tecnologia para o cuidado em enfermagem e saúde. (2016-artigo)</p> <p>Autor(es): MOURA, D. C. A. et al.</p>	<p>“Contexto das ações empreendedoras que resulta na incorporação de novos conhecimentos, produtos, serviços e processos de atendimento às necessidades dos clientes em um método contínuo de busca de qualidade para o alcance das necessidades emergentes”.</p> <p>“Segundo alguns autores, “ser empreendedor é ser capaz de protagonizar novos campos e práticas de</p>	-----	-----	Desenvolvimento de ferramentas tecnológicas	<p>“A abordagem do empreendedorismo como disciplina dentro da academia proporciona ampliação dos horizontes durante a formação profissional e é fator capaz de propiciar mudanças no cenário da enfermagem.”</p> <p>“processo que precisa ser estimulado nas academias e campos de prática profissional”.</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		atuação profissional”.				
1 1	<p>Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas. (artigo-2013)</p> <p>Autor(es): MORAIS et al.</p>	<p>“É definido como a criação ou aperfeiçoamento de algo, que nenhum outro viu, com a finalidade de gerar benefícios aos indivíduos e à sociedade. Uma das definições mais remotas para empreendedor é a do economista Josh Schumpeter, na qual empreendedor é aquele que produz, aprimora ou reorganiza processos, recursos e ou materiais diferentes dos habituais”.</p>	<p>“Empreendedoris como forma de se chegar à satisfação no trabalho e alcançar a autonomia profissional”.</p> <p>“Na área da saúde, o empreendedorismo tem se destacado em função da necessidade de gerar novos postos de trabalho. O número crescente de cursos de enfermagem no Brasil, com destaque nas instituições privadas, gera por ano elevado contingente de ingressantes no mercado de trabalho, o que evidencia a necessidade de alternativas de atuação de forma autônoma.”</p> <p>“Foi possível verificar nos resultados da pesquisa que todos empreendedores foram motivados pela oportunidade nos negócios. O despertar do interesse em abrir seu próprio negócio para sete participantes surgiu a partir da busca pela satisfação profissional,</p>	-----	<p>“Os empreendimentos identificados foram: instituição de moradia temporária e permanente para idosos (04); clínica de assistência domiciliar (03); consultoria e atendimento de enfermagem em áreas especializadas (02); assessoria (01) e serviços que oferecem treinamentos, cursos preparatórios e de aperfeiçoamento a profissionais (01).”</p> <p>“O profissional empreendedor tem a possibilidade de disponibilizar serviços de enfermagem envolvendo a prestação de cuidados, educação, pesquisa, administração ou consultoria”.</p>	-----

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			<p>exercendo uma prática diferenciada com o paciente e a família; em seguida (n=5) a constatação da necessidade no mercado da atividade que desenvolve; a independência financeira foi relatada por três, ressaltando nas informações os baixos salários oferecidos à categoria nos serviços privados. O desgaste emocional por trabalhar muito tempo como empregado foi relatada por um enfermeiro como fator motivador do desejo de gerenciar algum bem e ser seu próprio patrão.”</p> <p>“Para compreender o porquê optar pelo empreendedorismo, encontramos na literatura, dois fatores motivacionais para iniciar um negócio, sendo esses a oportunidade, que ocorre quando o indivíduo opta pelo empreendedorismo ao identificar uma oportunidade de negócio; ou a necessidade, ou seja, pela falta de opções ou insatisfação no</p>			

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			<p>mercado. Estudos demonstram um aumento no número de empreendedores por oportunidade, como constatado também nos resultados dessa pesquisa, o que evidencia a abertura do mercado a novos empreendimentos, além da capacidade do empreendedor de identificar novas oportunidades de trabalho.</p> <p>Unido à oportunidade visualizada pelo profissional, a troca da estabilidade do emprego tradicional por assumir os riscos de empreender seu próprio negócio, é o reflexo da mudança no comportamento e nos valores profissionais pelo desejo de sair da rotina e de buscar novos desafios. Outro desejo relatado por 64% dos pesquisados está relacionada à busca pela satisfação profissional.”</p> <p>“O desejo de trabalhar em um ambiente desafiador, com possibilidade de realização pessoal, e oportunidade de</p>			

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
			usufruir da criatividade, são condições motivadoras e, portanto, facilitadores para tornar-se empreendedor”.			
1 2	<p>Empreendedorismo na enfermagem: comparação com outras profissões da saúde. (artigo-2018)</p> <p>Autor(es): COLICHI, R. M. B; LIMA, S. A. M.</p>	-----	-----	-----	-----	<p>“Não se trata de aumentar o número de cursos e vagas, mas sim de incutir em nossos estudantes o desejo de empreender, de tornar-se um enfermeiro empreendedor por meio da inclusão do conteúdo de empreendedorismo na formação do profissional, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Os esforços no fortalecimento de sistemas educacionais proporcionam aos jovens, habilidades empreendedoras que lhes permitam desenvolver uma maior capacidade de adaptação às mudanças e melhor inserção social, profissional e mobilidade.</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
						Amplia ainda suas oportunidades, abrindo novos campos de atuação com a diversificação de mercados de trabalho.” “O presente estudo reforça a necessidade de apresentar propostas que propiciem mudanças na formação dos profissionais de enfermagem, principalmente as relativas ao desenvolvimento das competências e habilidades voltadas a mercados de trabalho diversificados”.
13	Empreendedorismo na Enfermagem Mineira. (editorial-2013) Autor(es): SOBRINHO, R. S.	“O empreendedorismo se configura como um dos principais fatores promotores do desenvolvimento econômico e social de um país e sua operacionalização se evidencia a partir da identificação de oportunidades e da concretização do processo de transformação entre possibilidades e atividades potencialmente lucrativas”.	“A saturação no mercado e as escassas oportunidades de trabalho fizeram com que visse no empreendedorismo um caminho alternativo”.	-----	“Trata-se de um campo amplo e pouco desvendado, no qual o enfermeiro pode vir a atuar promovendo saúde à população ou dedicando-se à sua recuperação, com atendimentos em consultórios, no domicílio (home care) e em cooperativas (terceirização de mão-de-obra), consultorias e auditorias como autônomo ou em empresas, atendimento em eventos (dairy care), ensino (proprietário) ou prestação de serviços	“É necessária uma formação que também direcione os profissionais para as possibilidades oferecidas por uma atuação empreendedora” .

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
					especializados: vacinação, amamentação, esterilização de material médico-hospitalar, transporte de pacientes, aluguel de equipamentos e comercialização de produtos da área hospitalar”.	
14	<p>O empreendedorismo de negócios entre enfermeiros. (artigo-2018)</p> <p>Autor(es): CHAGAS, S. C. et al.</p>	<p>“Schumpeter, um dos primeiros autores a conceituar o ser empreendedor, como aquele que produz novas ideias e consegue programar o novo”.</p> <p>“Empreendedorismo pode ser considerado uma expressão derivada da tradução da palavra entrepreneurship, designado ao estudo referente ao empreendedor desde sua origem à sua atuação. Um dos primeiros autores a conceituar o que é o empreendedor, o descreve como aquele que cria novos, e/ou renova processos tradicionais. Ainda complementa que o empreendedor é aquele que produz novas ideias e consegue programar o novo.”</p> <p>“Ser empreendedor significa tomar</p>	<p>“Estudos internacionais demonstram que enfermeiros buscam o empreendedorismo de negócios para escapar dos limites impostos pelas instituições tradicionais de saúde. O enfermeiro, além de ter capacidade de compreender as necessidades humanas de forma integral, tem também potencial para explorar novas áreas, não precisando ater-se a um posto de trabalho tradicional em que prevalece a noção de doença. O enfermeiro ao identificar uma necessidade institui um serviço para suprir essa necessidade, e passa atuar como empreendedor de seu próprio negócio.</p> <p>“Dentre as motivações iniciais para abertura de seus empreendimentos,</p>	-----	<p>“Home Care, Instituição de longa permanência, Assistência à amamentação no domicílio, Assistência ao pré-natal, parto, puerpério e puericultura em domicílio, Cuidados com portadores de feridas crônicas em domicílio, Cuidados com portadores de feridas crônicas em domicílio, Loja de materiais hospitalares”.</p>	<p>“Apesar das universidades serem consideradas instituições importantes na formação de futuros empreendedores, a maioria dos enfermeiros entrevistados não as reconheceu como incentivadoras ao empreendedorismo, salientando uma lacuna na graduação em enfermagem quando se trata do incentivo ao empreendedorismo.”</p> <p>“É preciso compreender o cotidiano de trabalho desses empreendedores, bem como são necessários estudos que elucidem possibilidades de inserção do empreendedorismo de negócios no contexto da formação em</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		atitudes frente a uma oportunidade que vale a pena ser trabalhada.”	os enfermeiros destacaram a possibilidade de ter o seu próprio negócio e a possibilidade de lucratividade e independência. A motivação ao empreendedorismo muitas vezes se dá pela interação de diversos fatores. Para muitos indivíduos a motivação ao empreendedorismo se dá pela identificação de uma oportunidade ou necessidade, para outros, pela possibilidade de adquirirem autonomia.”			enfermagem.”
1 5	<p>Características e habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional. (dissertação-2016)</p> <p>Autor(es): VILLARINHO, P. L. R.</p>	<p>“Um movimento gerado pela pessoa empreendedora que tem como características a coragem para assumir riscos, a visão diferenciada das situações, a criatividade para criar e a inovação para construir algo novo mediante uma oportunidade”</p> <p>“O empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, leva a transformação de ideias em oportunidades. Este processo de fazer algo novo (criação) e/ou diferente</p>	<p>“O empregopadrão de hoje, com vínculo salarial, padrão e horário rígido, já é um artefato pertencente ao passado. Neste novo século as vagas de emprego nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais enxutas, devido às crises financeiras do setor e à falta de conhecimento atualizado dos profissionais. Com tão poucas oportunidades, o emprego assalariado na área de saúde em curto espaço de tempo estará caminhando para a extinção no Brasil a exemplo</p>	-----	<p>“Em meio aos múltiplos espaços e possibilidades de atuação do enfermeiro, destacam-se: Na esfera da promoção da saúde²⁵ – os consultórios, as clínicas e serviços que visam à promoção e o melhor-viver da população; Na esfera da recuperação da saúde – os serviços hospitalares e domiciliares, o atendimento pré e pós-hospitalar, além das práticas voltadas para o cuidado individual de crianças, adolescentes, adultos, idosos e mulheres; O terceiro setor – mesmo que</p>	<p>“Esta tendência de estímulo ao empreendedorismo, pelas instituições de ensino, também acontece em outros países, mediante a globalização das informações, aumento da cobrança da população/clientes sobre a qualidade dos serviços e produtos ofertados e ondulações da economia global, que geram desemprego e/ou escassez de vagas.”</p> <p>“Recomendam-se estudos que se dediquem a investigar a</p>

	ARTIGO	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO	RAZÃO PARA EMPREENDER	CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	ATIVIDADES DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO
		<p>(inovação) tem como objetivo criar riqueza para o indivíduo e também agregar valor para a comunidade local e a sociedade”.</p> <p>“A palavra empreendedorismo o tem sido usada para definir o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal. Pode, também, ser utilizada para designar o comportamento geral do empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades e o seu universo de atuação”.</p>	<p>de países da América do Norte e Europa. O Empreendedorismo surge nesta situação como gerador de novas possibilidades de emprego e renda, modificando as relações sociais de trabalho, trazendo um renovado olhar na prestação de serviços, proporcionando a emancipação profissional, a construção de novos paradigmas e o tão almejado reconhecimento profissional e a satisfação financeira.”</p>		<p>considerado promissor se mostra como um espaço sensível para a promoção da cidadania e a inclusão social por meio da promoção e educação para a saúde; Nos serviços de consultoria, assessoria e atividades organizacionais – é possibilitado ao enfermeiro uma atuação autônoma e empreendedora no campo da gestão de serviços de saúde e outros; nas atividades de ensino e pesquisa – o estímulo à inserção dos alunos e profissionais nos grupos de pesquisa, projetos de extensão e uma interação aluno-comunidade mais intensa e otimizada”.</p> <p>“Cita-se o trabalho das enfermeiras Vanda Kretly, Vera Ligia Lellis, Léia Fortes Salles, Rita de Cássia Silva e Karen Beatriz Silva, que têm trabalhado para conquistar novos campos para a Enfermagem, Enfermagem Esportiva, Enfermagem em Podiatria, Iridologia e Enfermagem Forense, respectivamente.”</p>	<p>temática empreendedorismo na enfermagem, de forma elucidar lacunas de conhecimento e favorecer a divulgação e disseminação de trajetórias pessoais dos profissionais, empreendimentos de enfermagem, produtos, entre outras informações relevantes para o ensino, para a pesquisa, gerência para a prática profissional, enfim, para a ciência da enfermagem.”</p>